

1120

DM
VIEG. 1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO DE PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA
EDIÇÃO 2001/2003
REINGRESSO 2004/2006

TESE DE MESTRADO

*O Rorschach e o agir na patologia borderline: a
alucinação negativa e a simbolização.*

João Carlos Teles Bonito Viegas - N.º 1782

ORIENTADORA: Prof.ª Doutora Maria Emília Marques

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

SEMINÁRIO DIRIGIDO POR: Prof.ª Doutora Maria Emília Marques

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

2007



ISPA Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Registo: 17544
Data: 22/4/08

Tel.: 21 621 17 50 • ispa@ispa.pt

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| Resumo | I |
| 1. Introdução | 1 |
| 2. A psicopatologia <i>borderline</i> e o agir como invariante | 11 |
| 3. A psicopatologia <i>borderline</i> e o problema do agir em torno da controvérsia conflito vs défice | 18 |
| 4. O agir como procura de simbolização: Uma teoria do negativo | 39 |
| 5. A psicopatologia <i>borderland</i> : Os fenómenos <i>border</i> em geral e o agir em particular | 57 |
| 6. Conclusões sobre as abordagens teóricas | 65 |
| 7. O objectivo do estudo | 68 |
| 8. O método e a técnica <i>Rorschach</i> | 73 |
| 9. Os procedimentos | 87 |
| 10. Os sujeitos | 102 |
| 11. Análise e interpretação dos protocolos <i>Rorschach</i> | 103 |
| 12. Entre o agir e o retraimento narcísico: Conclusões sobre a análise e interpretação dos protocolos | 143 |
| 13. Discussão | 151 |
| 14. Conclusões | 171 |
| Bibliografia | 174 |
| Anexos | 182 |

RESUMO

Através da presente investigação procurámos aceder à natureza dos *processos mentais* e dos *mecanismos psíquicos* subjacentes ao *agir*, que consideramos a invariante principal na *patotologia borderline* e que concebemos como uma *procura de continente, sentido e simbolização que, inscrita á priori na relação, actua face à ameaça do nada*.

Para tal elaborámos uma fundamentação teórica de base integrativa, deslocando-nos essencialmente entre as concepções gerais de Freud e Bion e tomando como contributos mais específicos as concepções de André Green, Amaral Dias e James Grotstein.

Partindo das concepções gerais de Freud e Bion, articulámos uma *perspectiva intrapsíquica* do funcionamento mental, com uma *perspectiva intersubjectiva* da constituição do sujeito, baseando-nos fundamentalmente numa aproximação estabelecida entre as noções *Id e elementos beta*, tal como, conseqüentemente, entre as noções *representação e transformação, assimilando assim o destino dos elementos beta ao princípio do prazer-desprazer*.

Em termos de concepções teóricas específicas assimilámos crucialmente a noção *alucinação negativa*, de André Green, que destacámos como mecanismo central no seio dos processos constitutivos e como mecanismos nuclear que destapa a *ameaça no nada*, face à qual consideramos que actuam os processos do *agir*.

Utilizamos também a noção *alucinação negativa* como principal conceito de ligação entre as nossas concepções teóricas e metodológicas.

Deste modo, para aceder ao objectivo do nosso estudo, orientados por *princípios de coerência e convergência entre a teoria e o método*, concebemos o *Rorschach* como um *Espaço Virtual de Alucinação Negativa* e estabelecemos uma gama de *procedimentos específicos*, para análise e interpretação de protocolos *Rorschach*.

Uma vez estabelecidas estas concepções teóricas e metodológicas procedemos à análise e interpretação de quatro protocolos *Rorschach*, de sujeitos *borderline*, recolhidos em contexto próprio, no Serviço de Psiquiatria do Hospital Amadora Sintra, em Lisboa.

A análise e interpretação dos protocolos *Rorschach* permitiu-nos ilustrar, perante a ocorrência da *alucinação negativa*, a expressão-revelação dos processos evacuativos subjacentes ao agir, que actuam face à ameaça do nada, como procura de continente, sentido e simbolização.

Por outro lado, a análise e interpretação dos nossos protocolos permitiu-nos também ilustrar, perante a ocorrência da *alucinação negativa*, que destapa a *ameaça do nada*, e como contraponto do agir, a expressão-revelação de processos conducentes ao *retraimento narcísico*, como solução que faculta a contenção do acting, através de formas de *psudo-mentalização*.

Apesar da falta de representatividade quantitativa dos quatro protocolos de sujeitos *borderline* que utilizámos na nossa investigação, que não nos permitiu estabelecer conclusões definitivas e generalizáveis, julgamos que a presente investigação prestou dois contributos fundamentais:

Por um lado, pensamos ter prestado um contributo original para a *compreensão dos fenómenos do agir*, na medida em que o concebemos de um modo distinto da globalidade das concepções até aqui formuladas, como procura de continente, sentido e simbolização, *á priori inscrita na relação*.

Por outro lado, através da nossa concepção do *Rorschach como Espaço Virtual de Alucinação Negativa*, pensamos ter prestado um novo contributo para a *psicologia clínica*, na medida em que esta se encontra destituída de métodos e técnicas aptos a abordar a dimensão do negativo, ou seja, a presença de fundo do nada e a ocorrência da *alucinação negativa*, que destapa a *ameaça do nada*, face à qual debatemos o problema do agir.

Palavras chave: *Agir; Borderline; Rorschach; Alucinação negativa.*

1. INTRODUÇÃO

Sobre as concepções teóricas

A exuberância patológica do *agir*, como *processo de descarga* consubstanciado no *acto impulsivo*, tendencialmente *agressivo-destrutivo* (e/ou *sexual-destrutivo*), também designado por *acting-out* e/ou *passagem* ao acto, dá origem à preocupação justificada com a visibilidade dos seus fenómenos: as condutas de risco a vários níveis, a agressão, a violência, a criminalidade, a promiscuidade sexual, o suicídio, o homicídio, etc.

Estas problemáticas do agir encontram o seu campo de investigação por excelência, no âmbito da *psicopatologia borderline*. Efectivamente, as *patologias borderline*, ou *estado-limite*, também designadas com alguma frequência por *patologias do agir*, encontram neste último (o *agir*) a sua característica mais proeminente e preocupante.

O *agir* representa, efectivamente, a *invariante principal nas patologias borderline*, como facilmente podemos constatar através da revisão de alguns dos mais importantes e reconhecidos esforços de estabelecimento e organização de critérios de diagnóstico para as patologias em questão, sejam estes esforços dispendidos na área da psiquiatria, como bem representam os trabalhos de Kaplan e Sadock (1999), de Gunderson e Singuer (1986), o DSM-IV-TR (2004) e a ICD-10 (1993), sejam estes esforços dispendidos na área da *psicopatologia estrutural*, como bem representam os trabalhos de Kernberg (1975; 1989) e Bergeret (1996).

Os múltiplos esforços desenvolvidos nesta área, dos quais os anteriores são apenas exemplos centrais e representativos, ocorrem também no âmbito das tentativas de superar as dificuldades técnicas encontradas ao nível das abordagens terapêuticas das *patologias borderline*, tornando a investigação destes quadros psicopatológicos um campo de debate muito aceso, no seio do qual as concepções psicanalíticas se têm vindo a aperfeiçoar e desenvolver.

Debate este que, contudo, não tem sido desenvolvido a um nível de consenso. Pelo contrário, as concepções compreensivas e descritivas das patologias em questão, continuam a reflectir as divergências pré-existentes no âmbito técnico e teórico dos

modelos da psicanálise, que podemos delimitar em termos muito gerais, como concordam Grotstein, Lang e Solomon (1987a; 1987b; 1987c), como uma divergência estabelecida entre as *teorias do conflito (pulsional)*, na senda dos contributos de Freud, mas também de M. Klein, e as *teorias do défice (relacional)*, que julgamos poder situar na senda dos contributos de Fairbairn (1941; 1943; 1944), extensível a outros contributos, passem as diferenças, como por exemplo os de Winnicott (1971) e de M. Mahler (1975).

Neste quadro, contudo, cabem ainda referir as *teorias da integração (entre o pulsional e o relacional)*, na senda dos contributos de M. Klein, embora a primazia do *conflito pulsional* sobre as *dimensões relacionais*, no seio das concepções desta autora, também lhes reserve um lugar legítimo no âmbito das *teorias do conflito*.

Neste contexto salientam-se os contributos de W. Bion, extensíveis aos recentes trabalhos de J. Grotstein (1987; 1999), mas estes acabam por delinear um terceiro campo de soluções que se vê virado sobre si mesmo e não elimina as divergências, pelo contrário, diversifica-as.

Contudo, no âmbito da investigação e abordagens da *psicopatologia borderline*, para além da *controvérsia conflito vs défice*, centrada na decisão a tomar quanto ao *factor etiogénico principal (primário) – entre a inaptidão do ego para gerir e integrar as derivações libidinais e agressivas do conflito pulsional*, como bem representam as concepções de Kernberg (1975); e *as falhas empáticas repetidas, ao nível das respostas dos objectos do self (e, conseqüentemente, dos processos de interiorização das mesmas)*, como bem representam as concepções de Kohut (1971; 1972; 1977) –, *a investigação sobre o agir mostra-se invariavelmente polarizada na acção patológica dos mesmos mecanismos de defesa que caracterizam os fenómenos border em geral – a clivagem e a identificação projectiva – e no uso destrutivo da agressividade, que sub tende concomitantemente a concepção do agir como força cega, inusitada e fantasmaticamente animada*.

Neste contexto, *a investigação sobre o agir surge invariavelmente centrada na falha, seja ela entendida como falha ao nível das capacidades de mentalização e ou*

elaboração mental das tensões psíquicas, derivadas das exigências dos interesses pulsionais contraditórios e das repercussões fantasmáticas dos mesmos (Millaud, F., 1998; Tardif, M., 1998); seja ela entendida como falha ao nível da interiorização das funções dos objectos do self (Toplin, M., 1987).

Face a estas concepções e perante a nossa convicção de que *o agir* representa algo mais do que uma força cega e inusitada, fantasmaticamente animada e predominantemente agressivo-destrutiva, propomos, no presente trabalho, proceder a uma mudança de perspectiva, operada através de uma dupla viragem que a seu tempo justificaremos:

(i) *Passar da falha ao negativo*, adoptando as concepções integrativas de André Green (1993; 2000) como referência central, assim como, secundariamente, as de Amaral Dias (1999; 2004);

(ii) *Passar da ideia do agir como força cega e inusitada, para a ideia do agir como procura de continente, sentido e simbolização.*

Tomaremos então a *simbolização como eixo de referência*, considerando que ela se processa e constitui sob o pano de fundo do *negativo radical*, ou seja, sob o pano de fundo do *nada*; e considerando que *a precariedade da constituição simbólica do mundo mental – a assímbolia –, à qual se encontra subjacente a ameaça do nada, é a característica mais emblemática dos sujeitos borderline, habitualmente expressa nas suas queixas como um sentimento de vazio e de falta de sentido.*

Efectivamente, as concepções estabelecidas sobre a *psicopatologia borderline* e, conseqüentemente, sobre os processos do *agir*, têm-se preocupado muito em solucionar as derivações problemáticas da *controvérsia conflito vs défice* e têm permanecido insensíveis à *presença de fundo do nada* e à *presença de fundo de uma angústia de natureza fundamentalmente nadificante.*

Neste ponto tomaremos também como referência as concepções integrativas de James Grotstein (1987; 1999) – que, tal como as André Green e as de Amaral Dias, fazem excepção à regra dominante (tomam em conta a questão do *nada*) –, nomeadamente

sobre a *psicopatologia borderline*, que o autor considera *um híbrido das psiconeuroses de conflito e do défice das estruturas do self*, caracterizado pela emergência *peremptória do sem-sentido, ou seja, pela ameaça do nada*.

Então, neste âmbito, a nossa proposta final é a de conceber o *agir* como uma *procura de continente, sentido e simbolização que opera antes de mais contra a ameaça do nada*. Os *sujeitos de acção* são, portanto, os *sujeitos assimbólicos*.

Contudo, a possibilidade de estabelecer uma fundamentação sólida para a hipótese anterior, sustenta-se sobre uma articulação teórica de base entre os contributos de Freud e Bion – que procura integrar, na medida do possível, as derivações divergentes da *controvérsia conflito vs défice* –, através da aproximação já estabelecida por André Green (2000) entre as noções *id e elementos beta*, assim como, conseqüentemente, entre as noções *representação e transformação*, permitindo-nos *acoplar o destino dos elementos beta*, de Bion, *ao princípio do prazer-desprazer*, de Freud.

Mas, para além destas formulações e de modo articulado com elas, a fundamentação teórica da nossa hipótese sobre o estatuto do *agir*, sustentada nas concepções de André Green como referência teórica principal, implica necessariamente tomar em conta o papel da *alucinação negativa do objecto – ou a representação da ausência de representação que destapa a ameaça do nada* –, como *fenómeno constitutivo e nuclear, na condição do qual ocorre, ou não (como no caso dos sujeitos de acção), a transformação do objecto em estrutura enquadrante do sujeito*.

Portanto, *a alucinação negativa do objecto põe à prova o modo como este se apaga e transforma, ou não, em estrutura enquadrante do sujeito, como um continente psíquico sólido e delimitante, organizado pela simbolização*.

Assim, muito em síntese, como fundamentaremos, relativamente à ocorrência da *alucinação negativa do objecto*, que destapa a ameaça do *nada*, *a identificação projectiva excessiva ou patológica é um mecanismo secundário que actua na perfusão dos limites dentro-fora – dada a precariedade do continente psíquico organizado pela simbolização (a assímbolia) – através de um modelo evacuativo*.

Efectivamente, no caso dos *sujeitos assimbólicos*, os *sujeitos border*, perante a ameaça *do nada a mente funciona sob um modelo de evacuação-acção, através da identificação projectiva excessiva e como prelude do agir; mas aos conteúdos mentais evacuados (elementos beta) preside contudo um “querer implícito”*: conteúdo procura continente, sentido e simbolização.

Mas o *agir*, ao qual preside uma actuação excessiva ou patológica da *identificação projectiva*, não pode ser concebido senão como *à priori inscrito na relação, tanto quanto os processos constitutivos e a formação do continente psíquico organizado pela simbolização, ocorrem através de duplos movimentos de dentro para fora e de fora para dentro, portanto, através da identificação projectiva (normal), na relação continente-conteúdo, pela assistência do objecto.*

Uma vez apresentados os contornos gerais das nossas concepções teóricas, com as limitações óbvias que o curto espaço dum introdução impõe à descrição da complexidade dos processos em questão, passaremos agora a delinear as nossas dimensões metodológicas.

Sobre as concepções metodológicas

O *Rorschach* é, reconhecidamente, dadas as características particularmente pouco estruturadas dos estímulos (manchas) que apresenta, um *instrumento privilegiado no acesso às dimensões do funcionamento mental e estrutural dos sujeitos border*, cuja natureza primitiva dos arranjos defensivos facilmente escapa à observação através de outros instrumentos de natureza mais estruturada, dadas as capacidade adaptativas (ou pseudo-adaptativas) que estes sujeitos também apresentam.

Contudo, marcado pelas habituais divergências, o debate anteriormente referido, desenvolvido no campo da *controvérsia conflito vs défice* e amplamente suscitado pelas dificuldades encontradas na abordagem clínica dos sujeitos *borderline*, vem reflectir-se também ao nível dos desenvolvimentos técnicos e metodológicos das abordagens *Rorschach* destas mesma problemáticas.

Efectivamente, estes desenvolvimentos, essencialmente orientados por dois referenciais teóricos divergentes, podem ser representados nas suas dimensões mais gerais através dos contributos de duas escolas: a *escola francesa*, cuja orientação teórica geral se inscreve no âmbito das *teorias do conflito (pulsional)*; e a *escola americana*, cuja orientação teórica geral se inscreve no âmbito das *teorias do défice (relacional)*.

A *psicologia projectiva da escola francesa*, cujos contornos gerais se filiam aos desenvolvimentos operados a partir dos trabalhos de C. Chabert (1983/1999; 1987), procura então captar os fenómenos *borderline* em geral, através do *Rorschach*, num conjunto de expressões que revelam na sua globalidade *a precariedade ao nível das capacidades de integração das manifestações do conflito pulsional*.

Em termos gerais, *as derivações dos interesses pulsionais contraditórios vão manifestar-se entre as exigências do princípio do prazer – ou dos representantes pulsionais solicitados pelas características globais do material (estruturais, sensoriais e simbólicas) –, a ser veiculadas e integradas no processo associativo que consubstancia uma resposta Rorschach; e as exigências do princípio da realidade, ou as exigências de adequação aos limites da realidade perceptiva das manchas, como enquadramento das respostas*.

Uma actividade pulsional desintrincada arrasta então para o seio do processo resposta Rorschach, mobilizações defensivas que em nada facilitam a integração; pelo contrário, estas mobilizações defensivas sustentam-se essencialmente na clivagem e na identificação projectiva patológica.

Quanto à *escola americana*, em termos muito gerais e como bem representam os trabalhos de Paul Lerner e D. Lerner (1980) e de Paul Lerner (1991), toma como vértice de observação privilegiado, para captação dos fenómenos *borderline* em geral, através do *Rorschach*, *o défice ao nível da interiorização e integração das funções do self, a ver no fracasso das funções adaptativas do ego, dada a actuação massiva de mecanismos de defesa primitivos, mais uma vez, a clivagem e a identificação projectiva patológica, que impedem a manutenção da boa adequação à realidade perceptiva das manchas e fazem contaminar o processo resposta Rorschach, pela distorção acentuada e destrutiva do pensamento fantasista*.

Quanto às dimensões específicas do *agir*, cuja captação se articula sobre as anteriores concepções, tanto em termos dos trabalhos desenvolvidos pela escola francesa – bem exemplificados pelo trabalhos de C. Duflot (1996), R. Pascal (1996), Corthay-Casot e O. Halfon (1998), etc. –, como em termos dos trabalhos desenvolvidos pela escola americana – bem exemplificados pelos trabalhos de Kwawer (1979), A. Sugarman (1980), K. Smith (1980), A. Carr e E. Goldestein (1981), etc. –, *o acting é interpretado como resultante da falta de controlo do impulso, associada à actuação massiva de defesas primitivas, a identificação projectiva patológica e a clivagem, seja este arranjo defensivo entendido, do ponto de vista etiogénico, como primário (escola francesa) ou secundário (escola americana).*

Os efeitos da identificação projectiva patológica consubstanciam-se então na perfusão dos limites dentro-fora e, conseqüentemente, na confusão entre a fantasia e a realidade, conduzindo à evacuação dos produtos da clivagem que assume a forma de descarga sobre os objectos (a falta de controlo do impulso), mormente numa dimensão agressiva e invariavelmente animada por uma actividade fantasmática destrutiva, ou pela distorção acentuada e destrutiva das tendências naturais para o pensamento fantasista ou fantasmática.

Mais uma vez, agora no âmbito dos trabalhos desenvolvidos através das técnicas e metodologias projectivas *Rorschach*, o agir é invariavelmente entendido como um *resultado da falha, consubstanciado numa força impulsiva, cega, inusitada e fantasmaticamente animada, mormente numa dimensão agressiva.*

Quanto a nós, propomo-nos estabelecer novas formulações técnicas e metodológicas, que nos permitam integrar, na medida do possível, a generalidade dos contributos inerentes às concepções anteriores – tomando em conta tanto as *dimensões intrapsíquicas do funcionamento mental e do conflito pulsional* (na senda de Freud), como a *constituição intersubjectiva (relacional) do sujeito* (na senda de Bion)–, assim como, necessariamente, ilustrar através do *Rorschach os processos mentais e relacionais subjacentes às manifestações do agir, como procura de continente, sentido e significação, que opera face à ameaça do nada.*

Para tal conceberemos o *Rorschach* como um *Espaço Virtual de Alucinação Negativa*, na senda das integrações teóricas de A. Green (1977; 1993) e dos contributos metodológicos para o *Rorschach* de M. Emília Marques (1999), assimilando como conceitos e referências metodológicas centrais (i) *a identificação projectiva* e, necessariamente, (ii) *a alucinação negativa*:

(i) Assimilamos a noção *identificação projectiva* como *mecanismo normal e central através do qual decorre o processo de simbolização, pela assistência do objecto, na relação continente-conteúdo*.

(ii) Assimilamos a noção *alucinação negativa* como *mecanismo nuclear que ocorre no seio dos mesmos processos e destapa a ameaça do nada, revelando o modo como o objecto se apaga e transforma, ou não, em estrutura enquadrante do sujeito, como um continente psíquico próprio, organizado pela simbolização*.

Então, para procedermos a estas integrações metodológicas passaremos a privilegiar, não o pressuposto habitual da relação *estabelecida entre percepção e projecção*, que faz com que dar uma *resposta Rorschach* seja um *processo interpretativo* e sobre a qual se alicerçam as dimensões técnicas já estabelecidas, mas sim o pressuposto da existência de uma *relação estabelecida entre percepção e identificação projectiva*, na senda dos contributos ainda recentes e por isso menos consensuais de M. E. Marques (1999), que estabelece o *Rorschach* como um *Espaço de Relação, Comunicação, Interpretação e Simbolização*, assimilando ao referencial teórico do instrumento o *Modelo de Transformações* de Bion.

Assim, segundo esta autora, a projecção é, por definição, um *mecanismo de defesa intrapsíquico que actua contra um derivado pulsional e pressupõe que não haja comunicação nem identificação com o objecto*. Deste modo, não ignorando a sua presença e actuação, o recurso a este mecanismo acaba por ser insuficiente para dar conta das dimensões intersubjectivas, comunicativas e relacionais do *processo resposta Rorschach* e satisfazer os nossos objectivos metodológicos.

Por outro lado, segundo E. Marques (1999), *a identificação projectiva é, por definição, um mecanismo e processo mais dinâmico e relacional que, como já fundamentámos, dá conta da relação, contacto, comunicação e empatia entre o sujeito e o objecto.*

Tal como a define Amaral Dias (1992), *a identificação projectiva é um conteúdo que se aloja num continente e quer o conteúdo, quer o continente, são formações mentais cuja génese remete à relação com os objectos primários.*

Reside aqui, nesta *condição intersubjectiva, a possibilidade de poder criar e recriar continuamente novas relações continente-contéudo, integrar a experiência emocional, transformar, simbolizar e pensar.*

Finalmente, para concebermos o *Rorschach* como *Espaço Virtual de Alucinação Negativa*, para além das concepções já conhecidas sobre as dimensões sensoriais, estruturais e simbólicas das manchas, propomos que (i) *o caos* e (ii) *o nada* se encontram também intrinsecamente representados no *Rorschach*, como *qualidades psíquicas e perceptivas das manchas*:

(i) *O caos: Percepcionar uma mancha Rorschach, dado o impacto perceptivo-sensorial do seu carácter estranho, desconhecido, disruptivo e sem-sentido, gera um sentimento de caos psíquico que se impõe ao sujeito como um acontecimento psíquico por pensar;*

(ii) *O nada: O caos, o impacto sensorial e sem-sentido da realidade perceptiva da mancha, é um mal menor face à eminência do nada que se lhe encontra subjacente, o fundo branco sobre o qual o objecto se apaga e o primeiro (o caos) se destaca como um acontecimento psíquico por pensar.*

No momento presente em que o objecto se apaga, a alucinação negativa exerce os seus efeitos dando lugar a uma actividade perceptivo-sensorial tendencialmente caótica (beta), que se apresenta como um acontecimento psíquico (ou pulsional) por pensar: conteúdo procura continente;

Portanto, *a alucinação negativa do objecto dá lugar a uma actividade inscrita numa dominante perceptivo-sensorial (beta, sem-sentido e tendencialmente caótica) e, como*

tal, dá lugar à sua possibilidade de transformação em pensamento, desde que os conteúdos (elementos beta) em questão encontrem um continente psíquico próprio onde se alojar.

Caso tal não se verifique uma saída é a evacuação. Justifica-se assim uma acção psíquica empreendida, como prelúdio do agir. Mas, aos conteúdos evacuados preside sempre o “querer implícito” dos conteúdos que procuram continente, sentido e simbolização.

Sobre a discussão de resultados e as conclusões

Ao concebermos deste modo o Rorschach como um Espaço Potencial de Alucinação Negativa, pudémos ilustrar e fundamentar, através de procedimentos coerentes – uma vez que se alicerçam na convergência existente entre as nossas concepções teóricas e as nossas concepções metodológicas –, como decorrem os processos subjacentes ao agir, que dão conta de uma procura de continente, sentido e simbolização, que opera face à ameaça do nada.

Contudo, no decurso da nossa investigação, orientada pelo objectivo de aceder à natureza dos processos do agir, acabámos por nos confrontar com uma segunda solução face à ameaça do nada. Esta, não excluindo a primeira (o agir), dá conta de uma tendência para o retraimento narcísico que, facultado através de formas de pseudo-mentalização que permitem a contenção do acting, surge como tendência dominante do funcionamento mental e relacional.

Julgamos que estas duas soluções, o agir e o retraimento narcísico, abordadas através das nossas lógicas, que tomam em conta a presença de fundo do nada, podem coincidir com as distinções estabelecidas, respectivamente, entre as personalidades borderline e as personalidades narcísicas, como bem reflectem os trabalhos de Khout (1978) e de Kernberg (1989), cada um no seu campo teórico, recorrendo às suas próprias lógicas.

2. A PSICOPATOLOGIA *BORDERLINE* E O AGIR COMO INVARIANTE

É maioritariamente consensual considerar a patologia *borderline* como uma *perturbação dos limites*, relacionada com *angústias de perda de objecto e depressivas* e instalada na base de uma *afecção narcísica severa*.

A par disto, tal como denotam os esforços de categorização e organização diagnósticas, sejam eles psiquiátricos ou psicodinâmicos, *a falta de controlo do impulso*, *a tendência para o agir*, associada a uma *instabilidade afectiva e relacional acentuada*, constituem a linha invariante mais comumente destacada entre as concepções formuladas em torno destas patologias.

O tratado de psiquiatria de Kaplan e Sadock (1991), as classificações universais da Associação Psiquiátrica Americana (2004) e da Organização Mundial de Saúde (1993), as abordagens diagnósticas de Gunderson e Singer (1975), de Otto Kernberg (1975) e de Jean Bergeret (1996), não menosprezando os demais e múltiplos esforços desenvolvidos na área, permitem-nos introduzir e fundamentar inicialmente a nossa constatação relativamente ao *agir* como invariante principal no seio das abordagens da psicopatologia em questão.

Estas concepções, as suas implicações ao nível de um ponto de vista estrutural, assim como algumas considerações sobre a actualidade dos bem mais remotos escritos de Freud (1920/1973) sobre a *compulsão de repetição* (e, portanto, sobre o problema do agir), permitem-nos, paralelamente, avançar com uma parte significativa, mas ainda muito reduzida, das noções que posteriormente necessitaremos de integrar e que de momento nos contentamos em assinalar.

Podemos então começar pelo já remoto tratado de psiquiatria de Kaplan e Sadock (1991) que, publicado em meados da década de 60, vem salientar que a *Perturbação Borderline da Personalidade* é de longe a perturbação da personalidade mais comum em contexto clínico e caracteriza-se precisamente como *“um padrão difuso de instabilidade dos relacionamentos interpessoais, auto-imagem e afectos e acentuada impulsividade (tendência para o agir), começando no início da idade adulta e presente em uma variedade de contextos”* (p. 1557).

Quanto às classificações psiquiátricas universais, segundo a definição da Associação Psiquiátrica Americana (2004), no Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-IV-TR), a *Perturbação Estado-limite da Personalidade* [F60.31] apresenta-se como um "*padrão global de instabilidade no relacionamento interpessoal, auto-imagem e afectos, e impulsividade marcada com começo no início da idade adulta*" (p. 710).

A Organização Mundial de Saúde (1993), por seu lado, na sua Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento (CID-10), refere-se a estas problemáticas enquanto *Transtornos de Personalidade Emocionalmente Instável* (F60.3) – que subdivide em *Tipo Puro* (marcado pela falta de controlo do impulso) e *Tipo Borderline* (marcado por esforços excessivos para evitar o abandono e uma série de ameaças de suicídio ou actos de auto lesão) –, nos quais "*há uma tendência marcada a agir impulsivamente sem consideração das consequências, junto com instabilidade afectiva. A capacidade de planejar pode ser mínima e acessos de raiva intensa podem com frequência originar violência ou 'explosões comportamentais'; estas são facilmente precipitadas quando actos impulsivos são criticados ou impedidos por outros*" (pp. 200-201).

Gunderson e Singer (1975), recorrendo a um modelo misto baseado em estudos transversais da evolução de sinais, sintomas e perfis psicopatologias, e utilizando uma forma de entrevista semi-estruturada – DBI (*Diagnostic Borderline Interview*) –, chegam à formulação de determinadas áreas de perturbação que funcionam como critérios diagnósticos, associando a *marcada impulsividade* que as caracteriza a uma série de outros factores com ela relacionados: *a perturbação intensa das relações interpessoais (de tipo superficial, dependente/masquista, sádico, manipulativo etc.) e dos afectos (com tendência para os de natureza essencialmente depressiva e hostil, em situações de perda ou rejeição); a perda de eficácia da relativa estabilidade social em meios não estruturados; as perturbações do pensamento em situações geradoras de ansiedade; e os episódios psicóticos breves (sob a forma paranóide e delirante).*

Otto Kernberg (1975; 1989), por seu turno, baseia o diagnóstico da *Organização Borderline da Personalidade* nos três critérios estruturais que considera caracterizarem-

na, sempre a par de um quadro tendencialmente agido, marcado pela *falta de controlo do impulso, pela ausência de canais de sublimação, pelos sentimentos crónicos de vazio e pelas relações de objecto caóticas*:

a) *A difusão da identidade*, que remete para a *não integração das partes do self* e que está na base de percepções e comportamentos contraditórios, relativamente ao próprio *self* e ao outro, assim como de uma vivência subjectiva de *vazio crónico* e uma *ausência de empatia* na relação com o outro;

b) *Os mecanismos de defesa primitivos* que, em contraste com a organização defensiva neurótica, centrada no *recalcamento*, assentam aqui em mecanismos mais próximos da psicose, nomeadamente a *clivagem*, à qual se associam essencialmente *a onnipotência, a idealização e a identificação projectiva*;

c) *A conservação da prova da realidade* que, demonstrada por estes sujeitos, surge difícil de encaixar num *self* desintegrado e sustido essencialmente em *mecanismos de defesa arcaicos e tendencialmente agidos*.

Quanto a Jean Bergeret (1996), o autor utiliza diversos parâmetros como critérios de classificação diagnóstica: *a instância psíquica dominante no funcionamento mental* do sujeito, *a natureza do conflito, a natureza da angústia* e o *tipo de relação de objecto* predominante.

No caso das *organizações estado-limite* – que o autor define, de modo diferente das estruturas neurótica e psicótica (estáveis e irreversíveis), como *organizações provisórias* (reversíveis), que se podem prolongar indefinidamente no tempo –, *a instância dominante no funcionamento mental é, aquém da interiorização duma estrutura superegoica bem consolidada, o ideal de ego; o conflito, difícil de gerir através duma organização egoica parcial e muito frágil, desenrola-se fundamentalmente entre o ideal de ego e as exigências pulsionais do id e/ou as exigências da realidade; a angústia é de perda de objecto (um objecto de dependência anaclítica convocado a desempenhar os papéis de ego e superego auxiliares), sendo o tipo de relação de objecto, portanto, de natureza predominantemente pré-genital*.

Em suma, Bergeret descreve-nos uma organização psíquica tripartida muito frágil e provisória, não estruturada e inacabada.

Bergeret (1998a; 1998b; 1991) destaca depois a propensão para o *agir* neste tipo de organização, dada a sua fragilidade e *incapacidade de mentalização e integração da violência fundamental* no seio da corrente libidinal.

A predominância da *violência agida – violência fundamental* –, actuada em estado puro, aquém duma verdadeira agressividade, resulta duma *incapacidade para tolerar e mentalizar as tensões sentidas como ameaçadoras para a integridade do sujeito*, sejam elas emanadas das exigências do id ou das exigências da realidade.

No caso das estruturas mais evoluídas, a par do concomitante desenvolvimento duma *capacidade mentalização das tensões psíquicas* – ao nível duma estruturação psíquica tripartida sólida e diferenciada –, a integração da *violência* na *corrente libidinal* transforma-a em *agressividade* propriamente dita, colocando-a em boa parte ao serviço da função sexual.

Neste sentido, não nos encontramos, passem as diferenças, muito distantes dos postulados de Freud (1924/1973) quanto ao *papel neutralizador da libido*, relativamente à *agressividade instintiva – pulsão de morte*. Efectivamente, Bergeret utiliza no desenvolvimento das suas concepções, de modo particular e transformado, a teoria pulsional de Freud.

Contudo, antes de nos debruçarmos sobre o problema do *agir* a partir de Freud, interessa-nos ainda introduzir outras formulações sobre o *ponto de vista estrutural* e sobre o *agir* óptica estrutural. Na verdade, uma abordagem inicial do *ponto de vista estrutural*, que mais tarde reenquadraremos, permite-nos destacar mais uma vez a centralidade do *agir* como invariante principal nas abordagens das patologias *borderline*.

O problema do *agir*, efectivamente, reenvia-nos directamente para o nível de desenvolvimento da organização psíquica do sujeito e, portanto, para o tipo de *estrutura de funcionamento* em que se situa: psicótica, limite ou neurótica.

Millaud (1998) oferece-nos uma síntese breve e objectiva das relações estabelecidas entre os problemas de *acção* e o tipo de organização estrutural do sujeito. Para apreendê-la é necessário introduzir primeiro a distinção estabelecida pelo autor entre *acting out* e *passagem ao acto*.

O *agir*, enquanto inscrito na relação, traduz uma forma de apelo e uma via de expressão, cujo intuito é o de obter uma resposta, sendo portanto um intuito comunicativo. Nestes casos estamos no registo do *acting out*.

Sempre que esta dimensão de procura relacional (e intuito comunicativo) não está presente, o *agir* entra no registo da *passagem ao acto*, que é o registo da solidão, do desespero, da *evacuação* e da tentativa radical de obter controlo onnipotente sobre o outro.

Posto isto, o que caracteriza o agir nas *estruturas psicóticas* (Millaud, F., 1998), como formas de funcionamento que operam no registo da *passagem ao acto*, é a extrema perturbação, ou mesmo ausência, das *capacidades de mentalização*. A perturbação da mentalização pode aqui assinalar-se de dois modos:

Por um lado, temos os casos em que o pensamento se caracteriza por uma acentuada falta denexo, que se mantém em relação com anomalias perceptuais profundas, em que a *passagem ao acto* surge como consequência do impacte directo duma actividade perceptiva e pulsional que bombardeia uma mente totalmente incapaz de a conter e metabolizar;

Por outro lado, temos os casos em que a *passagem ao acto* se consubstancia numa forma de mentalização, se assim se pode dizer, que coaduna o campo da consciência, de modo lógico, com conteúdos de natureza delirante (fantasmática), como nos casos do delírio paranóide ou paranóico, operando-se aqui uma distorção radical da descodificação perceptiva dos conteúdos perceptuais emergentes.

Quanto aos casos das *estruturas neuróticas*, o que está em causa é o *acting out* (Millaud, F., 1998), muitas vezes camuflado pela passividade e inibição motora. A *mentalização* só está aqui em causa no aspecto em que pode ser perturbada por impedimentos passageiros.

Depois, temos uma *estrutura intermédia* ou, se quisermos, uma *organização intermédia*, a *organização limite*, onde as questões do *agir* se vão repercutir mais amplamente, tornando-se a sua característica mais saliente e desconcertante.

Neste caso (Millaud, F., 1998) a *perturbação da mentalização* traduz-se essencialmente nas tentativas de *evacuação*, através da *identificação projectiva (patológica)*, dos conteúdos angustiantes; mas estes sujeitos oscilam, segundo o autor, entre o *acting out* e a *passagem ao acto*, conforme entrem, ou não, em relação.

Posto isto, recomeçamos a partir de Freud. Como refere Green (1999), se Freud nunca definiu uma categoria *borderline*, contudo, ela terá justificado a sua viragem mais marcante, aquela a que procede em *Para Além do Princípio do Prazer* (Freud, S., 1920/1973), onde de um modelo psicanalítico centrado na *representação psíquica*, passa para um interesse centrado nos processos de *compulsão para a repetição*, portanto, na *acção compulsiva, nos processos de descarga através do agir, da acção que se sobrepõe à elaboração psíquica e ao pensamento*, precisamente no lugar onde a *representação psíquica* não deixa antever a sua presença.

Quanto ao termo *agir*, ligado a um *carácter repetitivo* e traduzido de *agiren* (Laplanche, J. & Pontalis, J. B., 1990), surge nos textos de Freud num sentido transitivo: "*trata-se de 'agir' pulsões, fantasmas (fantasias), desejos, etc.*" (p. 31).

Neste sentido e em síntese, à *compulsão (com-pulsão) para a descarga através da acção*, subjazem, em primeira mão, as tentativas de reacção do Ego às *tensões pulsionais do Id*, excessivas e *não mentalizáveis*, sob influência também dos *fantasmas* que as infiltram.

Portanto, o *agir* encontra aqui a sua primeira razão de ser no pressuposto da existência de um *conflito primário* entre as tendências pulsionais contraditórias e difíceis de

mentalizar, elaborar e integrar, através dum funcionamento mental sustido numa estruturação psíquica tripartida, insuficientemente sólida e diferenciada, evocando-nos, mais uma vez, a noção organização (*borderline ou estado-limite*).

Contudo, nem todos os desenvolvimentos da psicanálise depois de Freud nos permitem sustentar a ideia da existência determinante, tanto para as questões do *agir* como para o *funcionamento mental* em geral, de um *conflito primário* entre os interesses contraditórios duma dualidade pulsional inata.

Com efeito, a controvérsia mais central no seio da psicanálise, quer histórica, quer actualmente, opôs e continua a opor o campo das *teorias do conflito* (pulsional) ao campo das *teorias do défice* (relacional) (Grotstein, J. S., Lang, J. A. & Solomon, M. F., 1987a,b,c).

Enquadrar devidamente a importância desta questão para o desenvolvimento do nosso ponto de vista, obriga-nos a percorrer um caminho vasto. Para tal, mais uma vez, sem menosprezo pelos trabalhos que, por serem inúmeros, não poderemos referir, recorreremos aqui a algumas das referências fundamentais que nos permitem, pela sua presença representativa e abrangente, delinear os traços principais do quadro geral que posteriormente pretendemos integrar.

3. A PSICOPATOLOGIA *BORDERLINE* E O PROBLEMA DO AGIR EM TORNO DA CONTROVÉRSIA CONFLITO VS DÉFICE

Entre Freud e Klein

Foi, pelo menos em parte, o interesse de Freud (1920/1973) pelos tipos de funcionamento marcados pela *compulsão para a repetição/acção*, que o conduziu a postular a existência duma *dualidade pulsional inata*.

As concepções e desenvolvimentos posteriores sobre a primazia dum *conflito pulsional primário* subjacente ao *funcionamento mental* encontram aí a sua fundação. Tais concepções, quando se trata de enquadrar as problemáticas do *agir*, recorrem predominantemente à falha ao nível da *mentalização* e/ou *elaboração psíquica* (Millaud, F., 1998; Tardif, M., 1998), entendidas como *princípio geral de adaptação às tensões psíquicas e capacidade de tolerar a angústia e os conflitos internos e interpessoais, quer a nível pulsional, quer a nível fantasmático*.

Melanie Klein, primeira figura das teorias das *relações de objecto*, desenvolvidas pela escola inglesa e, simultaneamente, uma assumida continuadora da teoria pulsional de Freud (passem embora as diferenças, nomeadamente, a autora não tomou em conta o papel da *libido como neutralizadora da agressividade*), veio considerar que a vida mental inconsciente e fantasista se organiza desde muito cedo em termos de *ansiedades, defesas e relações de objecto internas, interpenetradas pela inexorabilidade de uma agressividade destrutiva inata*, que resultam em constelações mentais psicologicamente designadas por posições, nomeadamente, a *posição esquizo-paranóide* e a *posição depressiva* (Segal, H., 1975).

Neste ponto, convém determo-nos um pouco para assinalar que as concepções de M. Klein representam a base sobre a qual se vão articular, posteriormente, a generalidade e diversidade das *teorias e modelos da integração*, como os modelos de W. Bion ou, mais indirectamente, os de J. Grotstein, para dar exemplos de autores de referência, cujas concepções serão abordadas no presente estudo.

Efectivamente, em M. Klein, as possibilidades de superação da *clivagem esquizo-paranóide*, enraizada antes de mais na dualidade dos interesses pulsionais contraditórios, encontram-se significativamente dependentes das qualidades reais do objecto materno e da relação estabelecida entre a mãe e o bebé.

Posto isto, retomemos o curso da nossa apresentação. Na senda das concepções de M. Klein, a patologia *borderline* tem sido predominantemente considerada como *enclave impeditivo da transição da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva*.

Assim, Lawrence Brown (1987) e Steiner (1981), por exemplo, consideram que a intensificação das *ansiedades persecutórias* nos sujeitos *borderline*, representa uma regressão devida à sua incapacidade para entrarem em *posição depressiva*.

Tarnopolsky (1992), próximo destas lógicas, considera que na psicopatologia *borderline* a intensificação das *ansiedades persecutórias* próprias da *clivagem esquizo-paranóide* se consubstancia, em termos de mecanismos mentais, num predomínio da *identificação projectiva patológica*, que visa controlar dentro do objecto as partes inaceitáveis do *Self*, nomeadamente os derivados da *agressividade destrutiva inata*.

A clivagem e a identificação projectiva patológica, segundo o autor, *provocam uma distorção da percepção dos objectos e dificultam os processos de integração e internalização, impedindo a criação de um objecto total e o acesso à posição depressiva, à lógica dos processos de reparação e ao desenvolvimento do pensamento simbólico*.

Assim, *a clivagem e a identificação projectiva patológica* actuam aquém das capacidades de *integração, mentalização, elaboração e simbolização* e têm, como consequências frequentes, no quadro duma sintomatologia diversa – psicótica, de controlo obsessivo, de triunfo maníaco, de submissão masoquista, etc. –, o pânico, a despersonalização e *a acção impulsiva*.

Como pano de fundo destas concepções, fundamentadas em torno das dificuldades de acesso à *posição depressiva* e da consequente falha ao nível das capacidades de

mentalização e/ou elaboração mental e desenvolvimento do pensamento simbólico, encontra-se invariavelmente, um cenário fantasmático.

Os trabalhos de Chasseguet-Smirgel (1987; 1990) são disto o melhor exemplo. *O pensamento e a acção* constituem as duas vias de expressão do *fantasma inconsciente*. No caso da *acção*, a *falha de elaboração psíquica* dá origem a um *curto-circuito pulsão-fantasma*. *O sujeito actua o fantasma não elaborado, não secundarizado, como via de expressão empurrada por uma pulsionalidade, ela mesma não elaborada.*

Sem elaboração – nesta questão em que o encontro pulsão-fantasma curto-circuita o trabalho mental e empurra para a acção – *o pensamento não pode ser mais do que uma representação de acção.*

Entre Klein e Bion

Estas concepções tendem depois a transpor a sua óptica para a falha instalada ao nível da formação do *aparelho para pensar pensamentos*, utilizando aí os modelos integrativos de Bion (Millaud, F., 1998).

Bion (1967) postulou que os *pensamentos* são anteriores àquilo que os pode conter, um *aparelho para pensar pensamentos*. Estes *pensamentos (ou protopensamentos)* são aquilo que designa por *elementos beta*. Estes *elementos beta* são colocados no interior da mãe, ou do *continente materno*, através da *identificação projectiva*, para serem recuperados (reintrojectados) e submetidos a uma actividade de *ligação* que os inscreva num campo de *sentido e de significação*.

São depois restituídos sobre a forma de *elementos alfa* que vão participar na formação dum aparelho para pensar os pensamentos que lhe são anteriores.

Por outro lado, paralelamente, Bion (1967) considera também que a *actividade de pensar* nasce do encontro de uma *preconcepção* com uma *frustração*, no ponto em que a *expectativa inata do seio* se associa a uma realização de *não-seio* disponível à satisfação.

Esta situação é vivenciada pelo sujeito como um *não-seio*, ou um *seio ausente dentro de si mesmo*. Se há uma *capacidade para tolerar a frustração* inerente à situação, o *seio ausente dentro de si torna-se um pensamento*, no mesmo lugar onde se desenvolveu um aparelho para o pensar. Se não há *capacidade para tolerar a frustração* o *não-seio no interior torna-se um mau objecto e o aparelho para pensar pensamentos não pode constituir-se como tal, mas sim como um aparelho que trabalha para desembaraçar a psique, através da evacuação, duma acumulação de maus objectos*.

Como refere Millaud (1998), em torno das patologias limite e seguindo as formulações de Chasseguet-Sermiguel (1987), o encontro com uma *frustração* coloca de imediato a questão da *evacuação*, que origina no exterior um objecto responsável, como agente da frustração, tornado perseguidor.

Abre-se aqui um campo de *acção* consubstanciado na violência e na agressão ao agente perseguidor. Como refere ainda Millaud (1998), a tensão gerada no campo da frustração não pode ser apaziguada de outro modo: *evacuação e perseguição* consubstanciam-se num *cenário fantasmático* para o *acting* agressivo.

As lógicas das concepções até aqui referidas, assim como as relativas às utilizações dos modelos Bion, embora os pressupostos kleinianos (assimilados por Bion) se apresentem como tendencialmente integrativos, aderem pois ao postulado da existência de um *conflito pulsional primário*, interpenetrado por uma *actividade fantasmática* intensa.

Este não é, contudo, um paradigma consensual, no seio da escola inglesa das *relações de objecto*. Na verdade, esta escola foi a primeira a entrar em ruptura com esta perspectiva clássica.

A metapsicologia de Ronald Fairbairn, ou a inversão do paradigma psicanalítico

A metapsicologia de Fairbairn, formulada sobre a concepção de *estruturas endopsíquicas* baseadas em *relações de objecto internalizadas*, procede a uma série de alterações à teoria psicanalítica, que na verdade abriram o campo à actual controvérsia *conflito vs défice* e representaram, no seu momento, uma ruptura radical com as teorias

ortodoxa e clássica da dualidade pulsional, equivalente a uma verdadeira inversão do paradigma psicanalítico.

Esta inversão, em termos simples, pode ser sumarizada do seguinte modo: de forma diferente dos postulados freudianos, Fairbairn considera que *o objectivo primeiro da orientação da libido é o objecto e não o prazer* (Fairbairn, R., 1941), e que *a agressividade, por seu turno, é reactiva às experiências de frustração libidinal, no encontro libido-objecto, e não a expressão duma condição inata e matricial* (Fairbairn, R., 1943; 1944).

Deste modo o autor acentua, como concorda Matos (2000), o papel do objecto como *objecto externo (e real)*, bem como, tal como refere Grotstein (1994), é afirmada neste equacionar *uma primazia do princípio da realidade sobre o princípio do prazer*.

Para além disto, segundo Fairbairn (1941), a *internalização do objecto* é uma medida defensiva adoptada face ao objecto original da libido, tanto mais necessária quanto este se mostre insatisfatório. Assim, a *clivagem do Eu* é um processo subsequente à *clivagem do objecto*, e esta última ocorre dada a duplicidade ambivalente do mesmo, ora bom, ora mau, gratificante e frustrante, aceitante e rejeitante. Portanto, *a clivagem é uma consequência secundária e não uma condição intrínseca a um conflito matricial originário*, derivado duma dualidade pulsional inata, tal como defendera M. Klein.

Em última instância (Fairbairn, R., 1943), os fenómenos que Freud (1920/1973) situou para além do princípio do prazer – *a compulsão de repetição* –, não se deveriam a uma forma de expressão de uma *agressividade instintiva* mal dirigida – *pulsão de morte* –, mas sim a uma necessidade de *libertação do inconsciente dos maus objectos internalizados e recalçados*.

Facilmente extraímos desta concepção a justificação para uma gama diversa de *manifestações agidas*, frequentes nos sujeitos *borderline*: reacções terapêuticas negativas, ataques de pânico, baforadas delirantes, crises de despersonalização, condutas disruptivas sádicas e/ou masoquistas, etc.

Quanto a estas últimas (as condutas disruptivas sádicas e/ou masoquistas), para Fairbairn (1943), elas não se devem pois a uma expressão mal neutralizada pela *libido* dum *agressividade instintiva primária* porque, de qualquer modo, *com base na duplicidade do objecto (ora bom, ora mau), a libido está destinada a ligar-se aos maus objectos internalizados e a relação com estes objectos, e entre eles, dificilmente pode escapar às alternativas de ser, secundariamente, masoquista ou sádica.*

Eis que a *fantasia inconsciente* acaba por reemergir como pano de fundo e campo de significação para o problema do *agir*, no mesmo lugar onde a teoria pulsional é abandonada.

Tal como Freud, Fairbairn não se poderia ter referido à categoria não identificada das patologias *borderline*. Na pegada de Freud, Fairbairn referiu-se ao problema da *compulsão de repetição* e a outras expressões agidas, que já destacámos como invariante mais central no âmbito das diversas concepções sobre a patologia *borderline*. O nosso interesse em introduzir aqui a metapsicologia particular de Fairbairn é, fundamentalmente, assinalar a primeira divergência, no seio da escola inglesa das *relações de objecto*, quanto às teorias fundadas no pressuposto da existência de um *conflito primário ou matricial*, como antecipação da ainda actual controvérsia entre as *teorias do conflito e as teorias do défice*, principalmente debatida no campo das problemáticas *borderline* e, na verdade, principalmente motivada por elas.

O contributo de Donald Winnicott

Se as concepções de Winnicott (1971) não deixam de colocar uma tónica saliente nas características reais do objecto externo, subscrevendo assim o campo das *teorias do défice*, contudo, o *objecto transitivo* é talvez a noção mais central e conhecida entre as suas concepções.

O termo *transitivo* (referente não só aos *objectos transitivos*, como também aos *fenómenos transitivos*, sendo estes últimos referentes à complexificação cada vez maior das experiências auto-eróticas) descreve a experiência da criança numa fase transitiva entre o estágio precoce de *ilusão e subjectividade – dependência absoluta* – e o estágio

posterior de *desilusão e objectividade*, pela aceitação e tomada de conhecimento da realidade externa – *dependência relativa*.

O autor descreve pois a passagem, ao longo de um *período transitivo*, duma *dependência absoluta* – não reconhecida pelo bebé sem meios para perceber a *preocupação materna primária*, quase completamente adaptada às suas necessidades –, a uma *dependência relativa* – reconhecida através do papel duma *mãe suficientemente boa*, pela diminuição gradual, a par do desenvolvimento crescente das capacidades do bebé, da sua adaptação quase completa às necessidades do mesmo –, e desta última à *independência*, como processo final mas nunca terminado, porque sempre em permanente conquista.

O *objecto transitivo* (Winnicott, D., W., 1971) reflecte e facilita o desenrolar do *período transitivo*. Não é um *objecto interno*, mas para a criança também não é um *objecto externo*. Contudo, esta só o pode usar no sentido *transitivo*, rumo à *independência*, se o *objecto interno* estiver suficientemente vivo e for suficientemente bom (não demasiado persecutório). As qualidades deste último, por seu turno, dependem das qualidades do *objecto externo (real)*.

Assim, o fracasso das boas qualidades do *objecto externo* conduz, via processos mentais, à morte ou qualidade persecutória do *objecto interno* e, conseqüentemente, o *objecto transitivo* perde o seu sentido e qualidade securizante, pois estes encontram-se ausentes no *objecto interno* e, em primeira mão, no *objecto externo*.

O *objecto transitivo* (Winnicott, D. W., 1971), cujo destino é perder o seu significado e ser gradualmente desinvestido é, em todo o caso, a *primeira possessão não-Eu*, que não deve ser contestada: não deve mudar a menos que a criança o mude, é necessário que possa parecer dar calor e ter uma realidade própria animada e, mais do que isso, é um *objecto* tanto acariciado e notoriamente amado, como espancado e mutilado, que deve sobreviver tanto as necessidades de amor incondicional, como aos ataques destrutivos, como lugar seguro onde se consolida uma segurança interna, pelo alívio das tensões geradas *entre o mundo interno e o mundo externo, o desejo, a fantasia e as exigências de realidade externa*.

A noção *objecto transitivo* de Winnicott (1971), expandida de modo a incluir *a experiência e o uso do outro como um objecto transitivo*, tem sido frequentemente utilizada pelos autores mais recentes, para caracterizar a patologia *borderline* (Tarnopolsky, A., 1992; Grotstein, J. S., Lang, J. A. & Solomon, M. F., 1987a).

Estas concepções consideram que *o uso do outro como objecto transitivo – que denota o enclave desenvolvimental duma incapacidade de transitar e reflecte a falha ao nível duma segurança nunca conquistada –*, coloca-o no lugar dum objecto que, sujeito aos requerimentos dum *imaginário primitivo*, lhes deve corresponder na sua necessidade de procura incessante duma segurança interna que lhe escapa: *sobrevier tanto às necessidades de amor dependente e incondicional, como aos ataques destrutivos a que é sujeito.*

Portanto, coloca o outro no lugar dum objecto que, em virtude do *fracasso das qualidades suficientemente boas do objecto*, surge agora mal reconhecido, ou não reconhecido como entidade própria e *sujeito a uma gama de acções que, como produto secundário ao défice, visam suprir as necessidades de dependência e segurança interna do sujeito.*

O contributo de Margaret Mahler e as perspectivas desenvolvimentais sucessoras

Numa linha de pensamento também marcada pelo peso da tónica na realidade exterior e com base numa observação empírica psicanaliticamente orientada, M. Mahler (1975) descreve o desenvolvimento das *estruturas intra-psíquicas* através da progressiva diferenciação entre *a representação do self e a representação do objecto*, a par da concomitante maturação das *funções do ego* e dos *mecanismos de defesa*, decorrente ao longo de três estádios de desenvolvimento: *estádio autista, estádio simbiótico e estádio de separação-individuação.*

O estádio de separação-individuação, por seu turno, divide-se em quatro sub-estádios: *sub-estádio de diferenciação, sub-estádio de treinamento, sub-estádio de reaproximação e sub-estádio de consolidação da individualidade e aquisição da permanência do objecto.*

Através do movimento da *unidade autista indiferenciada* para a *simbiose* emergem *duas imagens de self-objecto* (Mahler, M., 1975), fundidas de modo simbiótico e baseadas na gratificação e frustração maternas: *uma boa representação simbiótica self-objecto e uma má representação simbiótica self-objecto*.

A mãe funciona aqui como um *ego auxiliar* da criança, desempenhando funções para as quais esta ainda não desenvolveu aptidão, como por exemplo, *a manutenção das fronteiras do ego, o controlo da tolerância à frustração e o controlo dos impulsos*.

Este *sistema onnipotente*, sustido na base de uma *unidade dual no interior duma fronteira comum*, começa a atenuar-se desde cedo (cerca dos três meses) para se fazer suceder pelo *estádio de separação-individação*, entre as primeiras *diferenciações* e o consumo do *processo de individuação*, sustido na aquisição da *permanência do objecto interno* e passando necessariamente pelas sub-fases de *treinamento* e de *reaproximação*.

Esta última, a *reaproximação*, representa um ponto particularmente crucial da globalidade do processo, através do qual a criança atingirá uma *separação intrapsíquica*, dada a *progressiva diferenciação entre a imagem/representação do self e a imagem/representação do objecto*.

Inicialmente, este processo dá origem a *duas representações separadas do self e do objecto*, cada uma delas *clivada em função das experiências de frustração e gratificação*. A *reaproximação bem sucedida* dará origem à *constância do objecto*, através da qual se fundirão as representações clivadas: *o self frustrante e o self gratificante fundem-se num self total e o objecto frustrante e o objecto gratificante fundem-se num objecto total, enquanto unidades separadas*.

Esta aquisição desenvolvimental garantirá, através dos processos de *identificação e internalização*, que o ego da criança assumirá em si próprio as funções que o objecto desempenhou por ele, tais como, repetimos, *o estabelecimento das fronteiras do ego, uma percepção adequada da realidade, um grau suficiente de tolerância à frustração e o controlo dos impulsos e, portanto, uma capacidade de conter a passagem à acção impulsiva*.

A par disto, neste quadro teórico, a *clivagem* dará lugar às operações mais evoluídas do *recalcamento*.

As problemáticas situadas entre *a simbiose e a reaproximação* têm sido muito utilizadas pelas perspectivas desenvolvimentais para compreender a génese da patologia *borderline* (Grotstein, J. S., Lang, J. A. & Solomon, M. F., 1987a).

Nesta âmbito, Masterson (1987) considera que a mãe do *borderline* tende a *reforçar e prolongar a manutenção da simbiose para manter o seu próprio equilíbrio intrapsíquico, devido à sua dificuldade para lidar com a sua própria angústia de separação*. As consequências críticas desta condição incidirão particularmente na *sub-fase de reaproximação do estágio de separação-individação*.

Incapaz de tolerar a curiosidade e a ambivalência da criança, o *apoio materno* e a sua adequação comunicativa e empática falham como suporte dos movimentos e funções autonomizantes próprios da individuação. Em termos simples, o reforço concedido aos comportamentos regressivos da criança é retirado quando esta procede a movimentos autonomizantes e de individuação.

A necessidade e a ausência do *reforço materno* sobre o desempenho destas *performances* necessárias ao crescimento e à individuação dão origem a uma *depressão de abandono* (Masterson, J., F, 1987), *à persistência das defesas pela clivagem* – ao nível das estruturas intra-psíquicas o objecto frustrante (e abandonante) é investido de energia agressiva e o objecto gratificante é investido de energia libidinal – *e à falha ao nível da internalização das já referidas funções do ego, nomeadamente, o controlo dos impulsos*.

Neste quadro, em termos simples, a *acção impulsiva* deverá ser entendida como *resultante do défice ao nível da internalização das funções do ego, dado o prolongamento da clivagem* (aquém das operações mais evoluídas do *recalcamento*) e os consequentes *arranjos desintrincados dos investimentos libidinais e agressivos*, que consubstanciam a fragilidade do ego, assim como, portanto, *a falta de controlo do impulso e a consequente tendência para o acto*.

Estas concepções, sustentadas numa observação empírica e exterior aos processos inconscientes (e fantasmáticos) subscrevem a linha de pensamento das *teorias do déficit* ao nível das funções que o objecto deveria providir ao sujeito.

Posteriormente às anteriores referências, pensamos que os paradigmas de Kohut e Kernberg vêm representar, nos nossos dias, o melhor terreno de expressão da clivagem assente na *controvérsia conflito vs déficit*, actuante no seio da psicanálise, cujas derivações faltam integrar.

Heinz Kohut e Otto Kernberg: a controvérsia conflito vs déficit

Heinz Kohut e a psicologia do self

A abordagem de Kohut (1971) – e, por extensão, a da escola americana da psicologia do *self* – pode descrever-se, em termos psicopatológicos, como concordam Lang (1987) e Grotstein, Lang e Solomon (1987a,b,c), como *uma teoria do déficit, enquanto dano narcísico estabelecido ao nível da internalização deficitária das funções inicialmente desempenhadas pelos objectos do self*.

Neste âmbito, a percepção das qualidades deficitárias dos *objectos do self* é entendida, não como o produto resultante duma indiferenciação inicial pulsão-objecto (sujeito-objecto), mantida através duma actividade defensiva contra as vicissitudes pulsionais intoleráveis e não elaboradas – nem integradas ao nível duma *estruturação psíquica tripartida* bem consolidada (Id, ego e superego) –, mas sim como o *produto da percepção natural dum objecto não indiferenciado* (nem separado, em termos do sistema *self-objectos do self*) e do seu uso inevitável com vista a providir *as funções necessárias à coesão do self*, a que este aspira e inicialmente não pode providir a si mesmo, através de si próprio.

Quer dizer, Kohut (1971; 1972; 1977) recusa a ideia de que os défices percebidos ao nível dos cuidados primários dos objectos do *self* possam ser devidos a *distorções, determinadas através de fantasias pulsionalmente enraizadas* a respeito deles.

Na sua concepção, uma vez que o sujeito saudável pode integrar e manejar apropriadamente a sua *actividade pulsional*, as derivações patológicas ao nível da integração e manejo dos *intuitos pulsionais, libidinais e agressivos*, assim como, conseqüentemente, as defesas contra os mesmos, representam uma *consequência secundária, um produto reactivo às condições em que a coesão do self se encontra ameaçada, dado o desempenho precário das funções dos objectos do self*.

Subjacente a esta condição de *ameaça de desintegração do self*, que sustende um sujeito traumaticamente frustrado no seio do seu narcisismo, encontra-se pois a *falha repetida em termos de empatia, ao nível das respostas dos objectos do self, como suporte deficitário da coesão de um self arcaico e necessariamente frágil, que então sofre uma fixação impeditiva do seu desenvolvimento, com conseqüências ao nível da sua aptidão para o manejo e integração da actividade pulsional*.

Em suma, o déficit ao nível das *funções do self* que os objectos falham em providir, no seio das experiências relacionais constitutivas do desenvolvimento, é o factor etiológico mais significativo, dando ele origem às condições em que, em termos secundários, a estrutura psíquica se apresentará ela própria deficitária.

Do mesmo modo, *as expressões agidas da agressividade*, auto ou hetero-dirigida, são aqui entendidas como uma consequência secundária, ou seja, tal como para Fairbairn, como uma reactividade à frustração, à desadequação ao nível da empatia e respostas dos objectos do *self*, como bem expressam, relativamente aos contributos de Khout, os desenvolvimentos da psicologia do *self* da escola americana.

Muito brevemente, as formulações da psicologia do *self*, na senda dos trabalhos de Kohut (1972; 1977), permitem-nos reenquadrar aqui as conseqüências dos seus contributos ao nível da compreensão do *agir*, como fenómeno central que aqui nos ocupa.

Este tipo de concepções pressupõe que, nos quadros *borderline*, *a compulsão agida da agressividade*, assim como a da *sexualidade*, representa um *esforço de auto-organização do self* e a falha ao nível das capacidades para o fazer.

Tal incapacidade deriva, em primeira-mão, de *falhas múltiplas e repetidas ao nível das funções dos objectos do self* e, portanto, consequentemente, ao nível dos *processos de interiorização* das mesmas (Toplin, M., 1987):

O funcionamento isolado das pulsões agressivas e sexuais, visando prazeres sexuais-destrutivos (acompanhado por uma distorção acentuada e destrutiva da tendência normal da criança para o pensamento animista, mágico e fantasista), que assumem uma forma de descarga sobre os objectos, representa um esforço do sujeito para preencher a falta resultante da necessidade não cumprida de ser empaticamente assistido pelos objectos do self.

Estas concepções, entenda-se, recusam, mais do que integram, o conceito *pulsão* (tal como o *conflito primário*), na medida em que o deceparam daquilo que melhor o define, isto é, a sua qualidade primária como *condição matricial in sujeito*, anterior às suas vicissitudes posteriormente ligadas a destinos relativos ao seu encontro com o(s) objecto(s).

As concepções de Otto Kernberg: entre o pulsional e o relacional

Por outro lado e por contraste, a abordagem de Kernberg (1975), mais complexa, mais integrativa e sujeita aqui a uma maior redução de síntese, pode descrever-se em termos psicopatológicos como uma *teoria do conflito* estabelecido na base duma *inaptidão do ego para gerir os intuitos pulsionais (primários) libidinais e agressivos, entendida como um defeito ao nível do grau de consolidação e integração da identidade.*

Trata-se aqui duma *inaptidão do ego para proceder à integração da pulsionalidade libidinal e agressiva, através duma estruturação psíquica tripartida, com repercussões íntimas ao nível do processo de diferenciação sujeito-objecto.*

Este último é impedido por uma *actividade defensiva de base primária, centrada na clivagem (identificação projectiva, idealização, etc.) e erigida contra os intuitos pulsionais intoleráveis, dada a incapacidade de integração do impacte afectivo das mesmas ao nível das representações do self e do objecto, assim como, paralelamente, ao nível das relações entre estas, estipuladas, por seu turno, na óptica duma teoria de*

relações de objecto internalizadas e das relações estabelecidas entre os objectos internos e externos (Lang, J., 1987).

Tal como Kohut (1971) não exclui das suas concepções a existência de um *conflito pulsional*, embora o relegue para segundo plano (e deste modo, na verdade, lhe aplique um golpe que o decepa daquilo que mais o define) e o situe como uma consequência secundária (de base não matricial) e patológica, Kernberg (1975) considera também nas suas concepções a importância do *défice* ao nível das *funções do ego* e do grau de integração da identidade, sustentando aqui a primazia etiológica do conflito.

O factor etiológico mais significativo é, portanto, para Kernberg (1975), *a pulsionalidade inata do sujeito* e, particularmente, *o excesso de agressividade* e a sua influência determinante na formação do *self* e das *representações de objecto*, assim como no arranjo e evolução da actividade defensiva e, conseqüentemente, no desenvolvimento do *narcisismo normal ou patológico*.

As *fixações* ocorrem aqui como consequência duma *actividade defensiva contra os intuitos pulsionais, principalmente agressivos*, e a significação e importância etiológica da *frustração* refere-se mais ao facto de esta vir catalisar a agressividade inata em questão, e menos à consideração de consubstanciar, por si só, o factor traumatizante responsável pela *fixação*.

Quanto à *marcada impulsividade do borderline*, a sua *tendência para o acto*, tal como Kernberg (1975) a reconhece, surge aqui como expressão duma *inaptidão do ego para conter, gerir e integrar a pulsionalidade inata, as suas expressões afectivas – principalmente agressivas –, tal como as suas expressões fantasmáticas, que então governam e interpenetram a complexa organização do mundo dos objectos internos*.

As concepções até aqui descritas, a par de nos confrontarem com a exigência de inscrever o *agir* na esfera do *relacional*, permitiram-nos essencialmente abordar as duas hipóteses que analisámos em torno da controvérsia *conflito vs défice*.

Cabe-nos agora, ou optamos por isso, explorar com Grotstein (1987) uma terceira hipótese que atinge um nível integrativo superior às anteriores, antes de avançarmos com uma proposta final, que exploraremos mais extensamente.

A perspectiva de James Grotstein: uma resolução integrativa

Grotstein (1987), em boa parte motivado pela controvérsia em torno das abordagens das *patologias borderline*, apresenta-nos um modelo geral, multidisciplinar, extensivo e muito complexo, que não sugere como uma tarefa acabada, mas sim como a possibilidade e o desafio de um horizonte a atingir. Utilizá-lo-emos de um modo objectivado para os nossos fins.

O autor propõe então um *modelo de interface bio-psico-social* que explora as influências recíprocas entre *dimensões intrapsíquicas e biológicas* e *dimensões sociológicas*.

Ao nível influência das *dimensões intrapsíquicas e biológicas*, o autor integra os *factores psicológicos do conflito resultante do equipamento constitucional instintivo-pulsional inato*, na senda dos postulados freudianos, e os *factores constitucionais*, do ponto de vista das *estruturas puramente somático-neurofisiológicas e bioquímicas*, na senda da investigação psiquiátrica e empírica.

Ao nível das *dimensões sociológicas*, integra os *factores narcísicos* do desenvolvimento baseado no sistema *self-objectos do self* e os *factores edipianos-socio-culturais*.

Grotstein (1987) utiliza então o termo *defeito*, no seu sentido tradicional e na extensão das teorias clássicas do *conflito* (entre Freud e M. Klein), entendendo-o como um *defeito do ego* devido a factores tais como a *fixação patológica, a regressão e a internalização e/ou identificação de/a maus objectos ou objectos destrutivos*.

Utiliza depois o termo *défice* de um modo duplamente caracterizado: no sentido da psicologia do *self*, como *falha desenvolvimental ou maturacional de uma função*, por não ter sido facultada pelo(s) objecto(s) do *self*, e no sentido neuropsicológico em que o

défice surge, quer como *falha reversível de uma função*, quer como *dano estrutural permanente*, devido a uma lesão orgânica.

Considera finalmente que *o conflito* (e por extensão, *o defeito*) e *o défice* são duas faces da mesma moeda, que abrange, articula e alarga através do conceito *desordens da auto-regulação do self* (*self-regulation*), para explicar *a fragilidade, a hiper-sensibilidade e a hiper-reatividade e, como tal, a impulsividade e a tendência para o acto na patologia borderline*.

Neste quadro vai referir-se à *psicopatologia borderline* como um *híbrido das psiconeuroses de conflito e do défice das estruturas do self* e, indo mais longe, caracteriza-a pela *emergência peremptória do sem-sentido* (*o nada, o caos, a entropia, o terror sem nome, os buracos negros, etc.*), relacionando esta última categoria não só com as *ansiedades de aniquilação, dissolução e fragmentação*, de causa primeiramente psicológica, mas também com *défices neurobiológicos*. Esta experiência do *sem-sentido* é clinicamente expressa nas descrições frequentes de *sentimentos de vazio, de nada, torpor, etc.*

Aliás, a diferença entre esta dimensão de *vazio e sem-sentido*, e os *conflitos de sentido* de natureza neurótica, pode ser transposta, pelo menos em boa parte, dos escritos de Freud sobre a sua remota distinção entre as *psiconeuroses de transferência (de conflito)* e as *neuroses actuais* (Laplanche, J. & Pontalis, J. D., 1990): contrariamente ao caso das psiconeuroses, a etiologia das neuroses actuais é somática e não psíquica e os mecanismos de formação de sintomas são somáticos e não simbólicos, resultando da transformação directa da excitação em angústia, com ausência da mediação dos mecanismos de condensação de deslocamento; ou, como refere Grotstein (1987), as primeiras têm sempre conteúdo, enquanto as segundas se caracterizam pela ausência de conteúdo, ou seja, pelo vazio.

Posto isto, Grotstein (1987) estipula então uma inter-relação entre o *sem-sentido* e o *sentido/significação*, desde o ponto em que, seguindo Bion (1962; 1965), o *sem-sentido primário pode ser transformado em significação pela assistência dum bom continente materno*.

Contudo, se o *continente materno* falha, pode ser internalizado como um *objecto obstrutivo*, que ataca a capacidade da criança para formar vínculos entre o *self*, o objecto e outros elementos da mente. Surge então a experiência do *sem-sentido secundário* (*elementos beta*) que, resultando desta falha, vem encobrir a não transformação subjacente do *sem-sentido primário em sentido/significação*.

Nestes termos, a patologia *borderline* (Grotstein, J., 1987) pode ser então ser concebida como *um híbrido das personalidades psiconeuróticas (com conflitos de sentido), tentando reprimir, ou regular uma desordem mental primitiva caracterizada pelo sem-sentido primário (e secundário)*.

A noção *desordens da auto-regulação do self* – cujas causas se podem situar algures entre os extremos dum espectro que se distende entre o neurobiológico e o psicológico – , vai então referir-se tanto ao *sentido primário* como ao *sentido secundário*, sustentando a ideia de que uma influência recíproca de factores pode colocar sempre a questão de saber qual o factor de influência primária naquele momento; questão cuja resposta certa, a ser encontrada, estaria destinada a variar.

No *sentido primário*, a noção *desordens da auto-regulação* remete então para as desordens ao nível da regulação dos estados corporais e psíquicos, como os estados de alerta, atenção, sono, vigília, afectos, necessidades, etc.

Esta *regulação primária* encontra no *corpo materno* um agente fundamental e é prototípica de toda a actividade reguladora posterior, dentro da qual *as pulsões* são, também, desde o início, outro dos *reguladores organísmicos*, no seio de um conjunto sujeito a mecanismos de *feed-back* recíproco.

No *sentido secundário* podem contudo surgir *síndromas secundários*, que seguem os esforços do organismo para compensar a desregulação daqueles estados psíquicos e corporais, pois como estados desregulados de alarme e tensão que ameaçam o organismos de catástrofe, podem precipitar sintomas que os reflectem directamente (ansiedade, pânico, depressão, etc.), e são acompanhados de *sintomatologia secundária*, a qual, ainda como esforço de auto-regulação, representa por seu turno um esforço de

conter defensivamente os sentimentos resultantes de *ameaça de fragmentação, dissolução ou aniquilação do self*.

Assim, para Grotstein (1987), estando estas categorias de ansiedades intimamente relacionada com a emergência do *sem-sentido* (caos, terror sem nome, buracos negros), toda a sintomatologia manifesta do sujeito *borderline*, nomeadamente, *a perda de controlo do impulso – a tendência marcada para agir –*, se mobiliza para evitar a queda no "buraco", cuja interface de perímetro é facilmente evocada pelas relações de objecto maduras (num quadro de exigências, expectativas e confrontos), conduzindo o sujeito, quer às *respostas agressivas (o acting)*, quer à *retirada da relação (o retraimento narcísico)*.

Em suma, face aos nossos objectivos, o aspecto essencial que pretendemos destacar no seio dos contributos de J. Grotstein – para além do autor considerar *o conflito* e *o défice* como duas faces da mesma moeda, colocando *a pulsão* e *o objecto* como dois reguladores organismicos sujeitos a mecanismos de *feed-back* recíproco –, é a importância psicopatológica da *emergência peremptória do sem-sentido*, ou seja, *a ameaça do nada* como dimensão subjacente.

As divergências e as directrizes comuns entre as concepções estabelecidas

Interessa-nos agora destacar uma série de directrizes gerais que, em torno da *problemática do agir*, nos permitem abranger os aspectos mais significativos, contidos nas concepções anteriormente apresentadas, e que consideramos representativas do panorama global, relativamente às abordagens teóricas da problemática em questão.

1- Estas directrizes, que estão destinadas a serem muito generalistas, são contudo significativamente objectivas para os nossos fins e podem ser organizadas em torno *do factor etiogénico, da actividade fantasmática e do manejo da agressividade*.

O factor etiogénico:

No âmbito das designadas *teorias do conflito* e, como tal, mais polarizadas no sujeito, o *agir surge como resultado da falha ao nível da capacidade de auto-mentalização, entendida como princípio geral de adaptação às tensões psíquicas pulsionalmente enraizadas.*

No âmbito das designadas *teorias do défice* e, como tal, mais polarizadas no objecto, o *agir surge como resultado da falha ao nível da capacidade de auto-organização, sendo esta uma consequência directa do défice ao nível da adequação e empatia das respostas dos objectos do self.*

Numa *perspectiva integrativa*, até aqui representada na sua maior abrangência pelas concepções de J. Grotstein, considerando o *conflito* e o *defícice* como duas faces da mesma moeda, o *agir surge como consequência da emergência peremptória do sem-sentido, dada a falha ao nível da capacidade de auto-regulação do self, entendida como perturbação dos múltiplos reguladores do organismo, sujeitos a mecanismos de feedback recíproco, entre os quais destacamos, para nos aproximarmos duma perspectiva mais estritamente psicológica e dos nossos objectivos, a pulsão e o objecto.*

A actividade fantasmática:

Quer no âmbito das *teorias do conflito*, quer no âmbito das *teorias do défice*, quer ainda, por motivos óbvios (é uma questão hiper-presente), no âmbito de uma *perspectiva integrativa*, o *agir* é também invariavelmente entendido no sentido da *encenação exteriorizada da actividade fantasmática*, como falha ao nível das capacidades de elaboração da mesma, seja ela *pulsionalmente enraizada*, e devida à incapacidade de mentalização das tensões que lhe dão origem – *teorias do conflito* –, seja ela resultante duma distorção acentuada da aptidão natural para o pensamento mágico, animista e fantasista, dada a qualidade negativa da relação do sujeito com os *objectos do self* – *teorias do défice* –; ou, por fim, seja ela entendida como resultante da interacção recíproca, simultânea e desregulada de *múltiplos reguladores do organismo, como a pulsão e o objecto* – *perspectiva integrativa.*

O manejo da agressividade:

Finalmente e mais uma vez, quer do lado das *teorias do conflito*, quer do lado das *teorias do défice*, quer ainda do lado duma *perspectiva integrativa*, o *agir* é invariavelmente abordado no sentido desintegrado e destrutivo do uso da *agressividade*, seja em termos *sexuais-destrutivos*, seja em termos estritamente *agressivo-destrutivos*, seja ainda de um modo *auto ou hetero-dirigido*.

Esta agressividade pode ser entendida como expressão não neutralizada duma condição matricial (primária) de *natureza pulsional* – *teorias do conflito* – ou, por outro lado, como *reactividade à frustração* emanada das respostas do objecto (falha empática), dos seus cuidados (precariedade do *holding*) – *teorias do défice* –, seja ainda a *intolerância à frustração*, que de qualquer dos modos origina as *respostas agressivas*, entendida na base de uma interacção recíproca entre factores inatistas (constituicionais) e desenvolvimentais (adquiridos) – *perspectiva integrada*.

2- Destacadas estas directrizes, podemos agora estabelecer sobre elas duas conclusões mais gerais que as abarcam:

a) A investigação sobre o *agir* mostra-se invariavelmente polarizada na acção de *mecanismos de defesa patológicos*, como a *clivagem* e a *identificação projectiva* (seja este arranjo defensivo entendido como primário ou secundário) e, conseqüentemente, no *uso destrutivo da agressividade* mal integrada que sustende concomitantemente a ideia do *agir como força cega, inusitada e fantasmaticamente animada*, ou pelo menos sempre acompanhada de uma deturpação fantasmática acentuada dos sentidos comuns, isto é, sem consideração pelas conseqüências lógicas e não inscrita num plano simbolizado e nos sentidos e motivações partilhados na saúde, pela mentalidade comum. Então, a questão central, para onde confluem também as concepções integrativas de J. Grotstein, é *a da ausência radical de sentido simbolizado*.

b) Por fim, as abordagens do *agir* partem invariavelmente duma *centração na falha* (seja como *defícice*, seja como *conflito*, seja considerando ambos duas faces da mesma moeda),

como falha dissipada nos moldes de cada perspectiva, entre o Eu, o objecto, a qualidade destrutiva da relação e a constituição neurobiológica.

3- Relativamente a estas conclusões assinalaremos agora os pontos de viragem que introduzem a nossa própria perspectiva.

a) Se a *centração no uso destrutivo duma agressividade fantasmaticamente animada* é de certo modo incontornável, *o nosso objectivo é passar da centração numa força agressiva cega e inusitada, para a ideia do agir como procura de sentido, precisamente no ponto onde ele não se mostra e o pensamento simbólico não opera: o agir é, antes de mais, como fundamentaremos, procura de continente, sentido e simbolização.*

Nesta medida o agir só pode ser concebido como *à priori inscrito na relação*. Efectivamente, tanto quanto *o processo de simbolização* e o desenvolvimento do pensamento, como preludio da acção inscrita num campo partilhado de sentido e significação, *o agir* não pode emergir num lugar que não seja o relacional e, como tal, no quadro de uma modelação intersubjectiva, comunicacional e empática, no seio da qual *a pulsão e o objecto* são dois dos reguladores organismicos (corporais e psíquicos), sujeitos a mecanismos de *feed back* recíproco. Tomaremos pois, como eixo de referência, *o processo de simbolização*.

b) Por outro lado, se a *centração na falha* é também, mais uma vez, de certo modo incontornável, *o nosso objectivo é passar da falha ao negativo, tomando-a como negatividade.*

Esta passagem, que implica colocar *o nada como questão central*, dentro do modelo em que a propomos, só poderá ser totalmente esclarecida depois de criadas as condições para introduzirmos a noção a partir da qual podemos encontrar a primeira justificação para uma *acção psíquica empreendida como preludio do agir: a alucinação negativa* (Green, A., 1977; 1993) – face a esta *α identificação projectiva* é um mecanismo secundário.

Restanos agora passar à descrição das nossas concepções teóricas, apresentadas de modo objectivado para os nossos fins.

4- O AGIR COMO PROCURA DE SIMBOLIZAÇÃO: UMA TEORIA DO NEGATIVO

A simbolização como eixo de referência

As abordagens do *agir* pouco têm enveredado pelo eixo da *simbolização*. Contudo, algum esforço já foi feito. Assim, segundo Jeammet (1989) o *agir* pode representar uma *pré-forma de simbolização* que reenvia a uma *patologia dos limites*, no lugar onde o investimento do objecto introduz uma *função anti-narcísica*. O elo entre o sujeito e o objecto é conflitualizado e, neste ponto, toda a indistinção entre o espaço do eu e o espaço do outro é insuportável.

O agir surge então como tentativa de estabelecer os limites e como um movimento de exteriorização da apetência para o objecto. Se por um lado o agir representa este movimento de exteriorização da apetência para o objecto e é, nesta medida, um movimento anti-introjectivo, anti-representativo e, portanto, anti-simbolizante, ele representa igualmente uma forma de figuração e, a este título, pode configurar uma pré-forma de simbolização: a falha ao nível da simbolização sustenta-se por força do agir, enquanto este último pode, por outro lado, através da repetição, reenviar à possibilidade de uma actividade simbolizante ulterior.

O nosso interesse ao introduzir a hipótese de Jeammet (1989) refere-se menos à hipótese em si e mais às noções que utiliza, as quais são centrais nas propostas que apresentaremos.

O nosso interesse reside então no facto do autor introduzir *a simbolização como eixo para pensar o agir*, a par de que evoca ainda a existência duma patologia dos limites, colocando em cena as questões da *relação*, do *conflito*, do *objecto*, do *investimento*, da *introjecção* e da *representação*. As formulações a que pretendemos chegar convergirão para estas noções, entre outras, mas divergirão da hipótese deste autor.

Referimo-nos já à *compulsão de repetição* como *processo de descarga* consubstanciado no *agir*, na acção que se sobrepõe à elaboração psíquica e ao pensamento, portanto, aquém da *representação* e da *simbolização* (Freud, S., 1920; Green, A., 1999); mas,

efectivamente, quanto à possibilidade duma *actividade simbolizante* ulterior, pensamos tratar-se menos de algo que possa vir a concretizar-se pela *repetição* em si, entendida como forma de figuração, e mais do *destino de um querer implícito veiculado naquele movimento, que é em parte um movimento de exteriorização da apetência para o objecto, porque o objecto não está lá (dentro, como representação), mas é também, por aí mesmo, um movimento psíquico cujos conteúdos veiculados (ou evacuados) procuram um continente onde se alojar e transformar.*

Este movimento é, portanto, *procura de continente, transformação, sentido e simbolização*. Efectivamente, esta questão remete-nos ao *negativo* e a um outro reenquadramento do problema da falha.

Passar da falha ao negativo: o caos e o nada

Optamos por começar por assinalar neste ponto que, não abdicando duma *perspectiva pulsional* (articulada, naturalmente, com uma *perspectiva relacional*), quanto à solução já referida, em termos kleinianos, pela via dum *curto-circuito pulsão-fantasma*, *interessa-nos menos a ideia subjacente de um inconsciente cheio, desde o início, por conteúdos de configuração fantasmática, e mais a questão dum lugar vazio onde se vai inscrever um trabalho psíquico.*

A questão que nos interessa é pois a questão do que não é dado à partida e é necessário criar através do funcionamento mental, tendo subjacente a ideia de que um nada obriga à activação do funcionamento mental para que algo passe a existir lá, através desse funcionamento mental. Portanto, interessa-nos a questão do negativo (Green, A., 1986; 1993) e interessa-nos mais as questões do nada, do vazio e da ausência, do que a questão do fantasma.

Em segundo lugar, partindo deste pressuposto, gostaríamos de reformular a questão a partir da teoria de Bion, diferentemente do aproveitamento da mesma que anteriormente referimos.

Como refere Green (1994), quando Bion fala no *nada* – o '*nothing*' (outra questão é a '*no-thing*', a questão do *pensamento*) –, considera que há um *vácuo* que não pode ser

preenchido e que isso origina a *evacuação*, como a única maneira de lidar com a frustração. Deste modo, *o pensamento não pode ser mais que uma representação de acção, no lugar onde questionamos menos o fantasma, que por lá passou a andar, e mais os mecanismos mentais que sustentam uma forma de funcionamento mental regida por um modelo de acção, face à questão do nada e da ausência de significação.*

Efectivamente, tal como Green (1993; 1994; 2000), pensamos que a utilização da teoria de Bion está aberta a outros caminhos. Bion (1964) introduz como elementos centrais as questões do *funcionamento mental* e da *intersubjectividade*, que vão do *negativo ao pensamento*, por um lado, e da *negatividade ao não-pensamento*, por outro. Neste ponto encontramos-nos igualmente próximos das concepções de Amaral Dias (1999) sobre o *negativo*.

A partir do modelo da *relação mãe-bebé* e da *condição intersubjectiva da constituição do sujeito*, podemos singrar para o modelo da *relação continente-conteúdo*, onde o primeiro, não deixando de o ter, ganha definitivamente um carácter mais abstracto.

Assim, a *relação continente-conteúdo*, que é um efeito essencial conseguido pela *identificação projectiva* (normal), resitua num outro nível as questões do *pensamento* e da formação do pensamento, assim como, conseqüentemente, as questões do *não-pensamento* e os *mecanismos da acção*.

Se a partir dos elementos beta – seguindo em parte as formulações de Amaral Dias (2004) –, face a um défice na interiorização da função alfa, evocarmos agora um modelo evacuativo e, portanto, uma identificação projectiva excessiva que permita justificar uma acção psíquica empreendida como prelúdio do agir, mas cujos conteúdos veiculados, como pensamentos à procura de pensador (elementos beta), procuram um continente onde se alojar, eis que o agir encontra esboçado o seu campo de sentido nesta área dos conteúdos à procura de continente, e eis que o agir veicula neste sentido a ideia de um querer implícito que nos reenvia ao negativo ou, neste caso, no caso da acção, à negatividade.

E como é que então cabe aqui a questão do negativo e da negatividade? Cabe aqui, como questão paralela e anterior, no lugar onde, mais uma vez, a partir do modelo da

relação mãe-bebé, o pensamento se formula sobre a égide do negativo, na ausência do objecto, sobre a questão do não-seio, aquilo que remete à ausência e se torna um pensamento quando há tolerância à frustração (Bion, W., 1967); e o não-pensamento, a questão da negatividade (e portanto a questão do agir), se formula sobre o objecto, sempre sobre o objecto, porque o mau objecto passa a ser o objecto ausente e por isso o objecto tem que estar lá sempre, quando não há tolerância há frustração.

Deste modo – colocando-nos numa perspectiva distinta dos pressupostos gerais das concepções até aqui estabelecidas –, consideramos efectivamente *que o agir só pode ser concebido como a priori inscrito na relação.*

Contudo, de modo concomitante, é face à questão da ausência, que sustende a questão do *nada*, que a *negatividade* (e a *intolerância à frustração*) se instá-la e é aquele *nada subjacente que passa a ser iludido em cima do objecto* enquanto que, por outro lado, o símbolo (e o pensamento) não pode surgir por aí, não se cria sobre o objecto, tão só no *lugar onde o objecto se apaga: o símbolo é, diz Amaral Dias (1999), o nada sob a forma de pensamento.*

Em síntese, nesta linha de pensamento, *os sujeitos de acção são os sujeitos assimbólicos, quando o objecto não os assiste.* Por trás disto, toda a acção aqui empreendida destapa a questão de um *nada*, um *vácuo* que não pode ser preenchido e por isso levanta igualmente a questão da *evacuação* e a questão dos *elementos beta* e dos *elementos assimbólicos* como *conteúdos à procura de continente.*

Como refere Green (1993), *o caos, a que facilmente nos remete a evocação de um tumulto de elementos assimbólicos (elementos beta), que podem encontrar uma solução psicótica na pseudo-organização do delírio, é um mal menor face à iminência do nada que se lhe encontra subjacente.*

Neste ponto assimilamos também a concepção de James Grotstein (1999), sobre o *nada como continente do caos*, na medida em que, a nosso ver, como referimos acima, o caos se define precisamente como um *tumulto de elementos beta que não podem ser pensados*, isto é, define-se precisamente pela *ausência radical de continente simbólico*

para os conteúdos mentais emergentes, que então tendem à desorganização, à entropia, ao terror sem nome, etc.

Quer dizer, entenda-se, a ideia de um *nada como continente do caos*, tratando-se de um *nada* no lugar de um *continente*, remete precisamente para a *ausência radical de um continente psíquico organizado pela simbolização*.

Como tal, repetimo-nos, *o caos é um mal menor face à ameaça do nada que se lhe encontra subjacente*. Deste modo, subscrevemos a ideia de um *nada como continente do caos*, na condição de colocarmos em planos relacionados, mas distintos, uma questão e a outra. Esta é, para nós, uma questão de interesse metodológico, como mais tarde esclareceremos.

Posto isto, tendo estabelecido em termos ainda muito gerais as questões relativas às nossas directrizes de orientação face ao problema do *agir*, nomeadamente, a questão do *negativo*, a questão do *nada* e a questão da *simbolização* como eixo de referência, cabe-nos agora relacioná-las e fundamentá-las suficientemente, entre si e com o nosso objecto de estudo (*o agir*), em termos sólidos e coerentes, através duma *teoria do negativo* para a formação do Eu no seio do *narcisismo* precoce e, como tal, para a constituição do *continente psíquico* (ou dos limites dentro-fora) e para a criação do *espaço mental* – por outras palavras, o *processo de simbolização* e o *desenvolvimento do pensamento* –, assim como, a partir daí, para os desvios patológicos ao nível destes processos, conducentes aos problemas da *acção*.

Para tal deslocar-nos-emos, em termos de referências gerais, entre Freud e Bion e, em termos de referências específicas, tomaremos essencialmente os contributos A. Green (1877; 1983; 1986; 1993; 1994; 1999; 2000), C. A. Dias (1992; 1999; 2004) e de J. Grotstein (1987; 1999).

Entre Freud e Bion

1- O *Eu-prazer originário*, diz Freud (1925), quer *expulsar* para fora de si tudo o que sente como nocivo e *introjectar* (e manter) dentro de si tudo o que sente como bom. O modelo do aparelho psíquico que Freud descreve neste artigo apoia-se na aptidão do

mesmo para se desembaraçar do nocivo, através duma *expulsão para fora*, de modo a que a *introjecção* possa ocorrer. Constitui-se assim um *Eu-prazer purificado, núcleo estrutural do psiquismo*

Por outro lado, o *modelo da relação mãe-bebé*, um dos modelos utilizados por Bion (1964) para formular a partir daí uma *teoria do pensamento*, apoia-se em boa parte nesta mesma aptidão – *expulsar para fora* – mas, desta feita, *tendo em conta o papel dum objecto apto a intervir e transformar os produtos da expulsão, os pensamentos primitivos do bebé, os pensamentos sem pensador (elementos beta) e, portanto, sem-sentido, devolvendo-lhos de modo a que possam ser transformados e (re)introjectados, dotados de sentido e significação, para que este por seu turno se torne um pensador, ele próprio um pensador.*

Portanto, articulam-se a partir daqui uma *perspectiva intrapsíquica* com ênfase no *funcionamento mental* de um sujeito pensador e, dado o *papel do objecto* e importância da *relação*, uma *perspectiva intersubjectiva* da constituição deste sujeito, como *sujeito pensador*.

Nesta óptica, o *sem-sentido primário* – o impensável e, portanto, os *elementos beta* –, tal como considera Grotstein (1987), pode ser *transformado em sentido e significação pela assistência dum bom continente materno ou, se o continente materno falha, o que poderá ser itrojectado é um objecto obstrutivo que ataca a capacidade de formar vínculos e pensar*. Surge então a experiência de um *sem-sentido secundário*, mais uma vez, os *elementos beta*.

2- Mas, neste ponto pretendemos salientar que, contudo, quanto a nós, os *elementos beta* – sensoriais-perceptivos –, impensáveis se não forem transformados, são sempre de *qualidade primária, pois aquilo que os define é a sua relação com um corpo primitivo e o seu concomitante estado psíquico tensional* – ou, como diz Amaral Dias (2004), energético –, *como conteúdos mentais impensáveis se não transformados, aos quais preside o "querer implícito" dos conteúdos que procuram continente* (e como tal são energéticos).

Então, como considera Green (2000), tanto em Freud, como em Bion, *existe algo na mente primordial não totalmente explicável pelos contributos das primeiras fases da relação objectal para o desenvolvimento do sujeito: pulsões e/ou elementos beta.*

Na base desta formulação, o autor aproxima a noção *id* – constituído por *impulsos (pulsões)* que se enraízam no *corpo* e onde *não existem representações* –, e a noção *elementos beta*, sensoriais – e o que é sensorial nos *elementos beta*, *impensáveis se não transformados*, é a sua relação com um *corpo* primitivo –, *sustendendo a ideia de que algo muito primitivo, pulsões e/ou elementos beta, sobrecarrega a mente fazendo-lhe uma exigência de trabalho psíquico, principalmente na ausência do objecto, como à força dos impulsos em busca de satisfação – ou prazer.*

Efectivamente, justificando a validade desta aproximação entre o *id* e os *elementos beta*, Bion (1992) considera que o destino dos *elementos beta* pode corresponder precisamente ao dos fenómenos decorrentes sob o domínio do *princípio do prazer-desprazer*, ao qual se subordina também a *actividade dos impulsos pulsionais do id*.

A principal diferença entre Freud e Bion é, diz Green (2000), que para Freud os *impulsos pulsionais* têm uma *fonte interna*, no corpo, enquanto para Bion os *elementos beta* podem surgir igualmente a partir da *estimulação externa*. Contudo, interessa-nos mais o que está lá e menos a fonte que lhe dá origem: esta pode ser interna, externa, de ambas naturezas e estar sujeita a mecanismos de *feed back* recíproco.

Quer dizer, como já referimos, está lá algo que sobrecarrega a mente fazendo-lhe uma exigência de trabalho psíquico, ou seja, *os impulsos pulsionais do id (e/ou os elementos beta) em busca de satisfação*. Portanto, trata-se da força dos impulsos em busca de um objecto que sirva de íman à *actividade psíquica* do sujeito e permita satisfazer esta *exigência de trabalho psíquico*, o que só pode realizar-se através da *representação psíquica (da pulsão, ou dos investimentos libidinais e agressivos, sobre a forma de representações de objecto) e/ou da transformação (dos elementos beta, impensáveis, em elementos alfa, pensáveis)*.

O *processo de pensamento*, como refere Green (2000), terá então, através da *representação*, a capacidade de trazer à mente aquilo que anteriormente foi percebido e, deste modo, aquilo que foi percebido – desde que *investido e conseqüentemente introjectado* –, *poderá ser conservado na mente, representado, e contido no espaço psíquico como material para transformação*.

Então, por outras palavras, dada a aproximação estabelecida entre o *id* e os *elementos beta*, podemos dizer que *algo de muito primitivo, como impulsos e/ou elementos beta (protopensamentos), sobrecarrega a mente fazendo-lhe uma exigência de trabalho psíquico, portanto, como pensamentos que procuram ser pensados ou como conteúdos que procuram continente, principalmente na ausência do objecto*.

Esta situação (a ausência do objecto), como diz Bion (1964) e já explicitámos anteriormente, é vivida pelo sujeito como um *não-seio* (um seio ausente) *dentro de si mesmo*. Face a isto, se há uma *capacidade de tolerância à frustração* inerente à situação, *o seio ausente dentro de si mesmo transforma-se num pensamento*.

Naturalmente, todos os processos aqui evocados nos remetem, como veremos de seguida, ao problema do *narcisismo* e ao problema da *constituição dos limites Eu-não Eu* e, como tal, remetem-nos igualmente ao problema da constituição de um *continente psíquico organizado pela simbolização*, cobrindo o leque vasto de relações que então se podem estabelecer entre o *narcisismo* e o desenvolvimento do *pensamento*.

3- Assim, como considerámos noutro lugar (Viegas, J. C., 2000), *o papel estruturante, ou não, do narcisismo ocorre através de duplos movimentos de dentro para fora e de fora para dentro – segundo Green (1983; 1993; 2000), a excorporação (a expulsão do nocivo) e a incorporação (a introjecção) –, portanto, através da identificação projectiva, na relação continente-conteúdo, pela assistência do objecto*.

Desta forma, o *funcionamento mental* encontra na sua base a eficácia do aparelho psíquico para se desembaraçar do nocivo, de modo a que a *incorporação* possa ocorrer. A *excorporação*, mecanismo precursor da *identificação projectiva* (Green, A., 1993), é entendida como configurando uma acção que tira algo de dentro para por fora, donde,

remetendo directamente ao *limite dentro-fora*, remete-nos a situar *entre o interno e o externo*, a origem das excitações que, na base deste movimento, reenviam à *criação do limite originário, fundador dum Eu-realidade*.

Inicialmente, contudo, a *excorporação* corresponde tão só à ideia de uma expulsão para o mais longe possível, não pressupondo qualquer objecto no espaço externo que a recolhe. Até aqui não é legítimo falar de um *não-Eu*, pois o *limite dentro-fora* – e portanto o *continente psíquico* – não se encontra estabilizado. *O que permitirá estabilizá-lo são as consequências da expulsão, assistida pelo objecto*.

É a *expulsão do nocivo*, uma ilusão que só o objecto pode manter, que permite a *criação dum espaço interno onde o Eu nasce como organização*, a par da instauração duma ordem fundada sobre o estabelecimento de *ligações, relativas às experiências de satisfação (prazer), comunicação e empatia, através da identificação projectiva, na relação continente-conteúdo*.

A mãe, diz Green (1983; 1993), é tomada no *espaço vazio deixado em aberto pela expulsão* e converte-se em *estrutura enquadrante do sujeito*, no lugar onde *o seu investimento se consagra ao investir do próprio sujeito*. Este enquadramento oferece-lhe uma garantia de *presença na ausência* e deixa-se preencher por todo o tipo de conteúdos e fantasias, como material para *ligação, religação, transformação e simbolização*, pela criação e recriação de *novas relações continente-conteúdo*.

Portanto a mãe, dizia-mos, *converte-se em estrutura enquadrante do espaço interno representativo, no lugar onde o seu investimento é consagrado ao investir do próprio sujeito* e o que acontece aqui, não só mas em boa parte, é que *o Eu, do qual o id é o prelúdio, identifica-se ao seu próprio funcionamento pulsional, do qual o objecto (a mãe) é o revelador* (Green, A., 1993).

Por outras palavras – feita que foi a aproximação entre o *id* e os *elementos beta* –, a interacção-articulação entre os *elementos beta* e a *função alfa* (como a interacção-articulação entre *a pulsão do sujeito e o seu objecto*), consolida-se ao nível do Eu através da *identificação à função continente materna*, da qual a primeira expressão é a

lalação (Amaral Dias, C, 2004), a primeira linguagem, o início da capacidade de conter um símbolo num significado, adequá-lo a outro símbolo, *ligar, transformar, simbolizar e pensar*.

Então, o espaço interno assim enquadrado, através dum *continente psíquico organizado pela simbolização (estrutura enquadrante)*, constitui-se como receptáculo do Eu, circunscrevendo um espaço vazio que se faz ocupar pelos *investimentos libidinais e agressivos, sobre a forma de representações de objecto: o vazio – a ausência de representação que destapa a questão do nada – nunca será percebido pelo sujeito, pois a libido investirá assim um espaço interno representativo e continente de conteúdos aptos à transformação*.

Reduz-se por aqui o campo da *evacuação* que opera face à questão do *nada*, do *vazio* e da *ausência de sentido*, portanto, reduz-se por aqui *o campo do agir, da intolerância à frustração e da identificação projectiva excessiva*.

4- É necessário compreender ainda, para dar conta, pelo menos em boa parte, da complexidade e finalidade destes processos, que o *par contrastante prazer-desprazer* – ao qual consideramos acoplado o destino dos *elementos beta* (Bion, W., 1992) –, é indissociável do seu núcleo. As consequências desta afirmação necessitam ser exploradas e elas resultam, segundo Green (1993), na *constituição do Eu, por duplo desdobramento*.

Assim, ao encontrar nas *experiências de satisfação*, conseqüentes à *expulsão assistida/contida pelo objecto*, as sensações agradáveis que são a essência da sua manifestação e ao erigir o objecto como dispensador desse agrado, *o prazer apega o Eu ao objecto, investe uma acção que liga*.

Ao apegar-se deste modo, *o Eu embrionário liga algo que todavia ele não é, a algo do outro que não é ele mesmo, e só poderia ser um duplo fora*. Paralelamente, sendo o prazer da ordem da relação do sujeito consigo mesmo, *o Eu vai encontrar nele próprio o meio para um prazer substituto*.

O prazer desdobra assim o Eu (por auto-erotismo) e constitui um duplo "dentro" ("em"), no espaço vazio deixado em aberto pela expulsão, onde a incorporação veio dar lugar à constituição, por duplo desdobramento, dum espaço interno representativo e continente (ocupado pelos investimentos do Eu, sob a forma de representações de objecto, como material para transformação), onde o Eu nasce como organização ("em"), a partir das ligações que o prazer investe, relativas às experiências de satisfação (prazer) estabelecidas na relação com o objecto ("fora").

Em todo o caso, compreenda-se, *o Eu constitui-se num "entre" – numa área transitiva –*, como modo de escapar tanto à *descenração do "fora"*, como ao *encerramento no "dentro"*. Deste modo, reenquadramos aqui um pressuposto central de Winnicott (1971): *o sujeito constitui-se numa área transitiva, como lugar onde se apaziguam as tensões geradas entre o mundo interno e o mundo externo e há um objecto transitivo, porque não é de dentro nem é de fora, que desempenha as suas funções (de ligação) nesta área constitutiva de duplo desdobramento.*

5- Falta ainda salientar que tudo isto se processa sob uma condição inscrita nesta mesma lógica (Green, A., 1993): *a reflexão do prazer projectado sobre o objecto*. Quer dizer, o *prazer* deve receber do *objecto – duplo fora –* uma resposta que pelo menos não o contradiga, isto é, o *objecto* deve ele mesmo experimentar o *prazer*.

Esta é, portanto, a condição através da qual o *objecto* investe o *sujeito*, facultando as *ligações* e a sua *transformação em estrutura enquadrante*, no lugar onde o seu *investimento se consagra ao investir do próprio sujeito*.

6- Mas o *prazer* nasce, inicialmente, da *satisfação da necessidade*. Consideremos pois, com Green (1993), o passo que inicialmente se dá *da necessidade ao prazer* (e consequentemente o destino dos *elementos beta*): enquanto a primeira (*a necessidade*) se limita à *anulação de tensão na zona erógena* (no corpo), o segundo (*o prazer*) enlaça por um lado a *zona erógena* e por outro o *objecto*, sendo suposto que deste modo busque ainda uma *anulação semelhante (da tensão)*, não pela simples obtenção de *prazer na zona erógena (por auto-erotismo)*, mas pelo *reflexo projectado do prazer do objecto (por duplo desdobramento)*, abrindo-se por aqui o caminho do acesso ao *prazer compartilhado*.

7- Para terminar este capítulo delineado entre Freud e Bion, dado que filiámos ao *princípio do prazer-desprazer* o destino dos *elementos beta* e, portanto, a sua possibilidade de *transformação*, filiámos necessariamente ao mesmo princípio a possibilidade de pensar, ou seja, o desenvolvimento do *aparelho para pensar pensamentos*.

Deste modo, efectivamente, o pensamento implica *não-energia* (Amaral Dias, C., 2004): *pensar é um sistema de bombardeamento de energia – elementos beta – para transformação em grau zero de energia*.

A questão que aqui se coloca é que, quanto a nós, esta *energia perceptiva (beta)*, seja de que natureza for, é *tensional*, tem *limiares de desprazer* e torna-se *incompatível*, pelo mesmo motivo que, segundo Amaral Dias (2004), gera *frustração e intolerância à frustração* (e, portanto, *evacuação/acção*), quando não pode ser *transformada* no sentido do *grau zero, da supressão tensional, através do pensamento*.

Portanto, mais uma vez e agora num outro quadro, acoplámos aqui o destino dos *elementos beta* (de Bion), ao *princípio do prazer-desprazer* (o princípio freudiano da redução das tensões), fazendo diferir de ambos a questão do pensamento e, portanto, da *simbolização*.

Pensar implica então manter activo o pólo perceptivo para produzir o máximo de *elementos beta* que, sujeitos à *função alfa*, produzem o máximo de *elementos alfa* (pensáveis).

Na ausência ou precariedade da *função alfa*, face à acumulação de *elementos beta* que bombardeiam a mente, eis que surge a *frustração e a intolerância à frustração* (Amaral Dias, C., 2004). A *frustração* (e a *intolerância à frustração*) passa a ser a presença de *elementos beta carregados de energia que não podem ser transformados*.

Surge então a *identificação projectiva excessiva* como meio de aliviar a mente através da *evacuação* – o pensamento funciona sob um modelo de *acção- evacuação* (como *prelúdio do agir*).

Mas, nos casos em que o pensamento funciona sob um modelo de *acção- evacuação*, os *elementos evacuados* (beta), como já referimos, *são pensamentos sem pensador mas que querem ser pensados, portanto, são conteúdos à procura de continente, presidindo-lhes pois como intuito o cumprimento deste “querer implícito”*.

Reunimos agora uma base conceptual suficiente, para introduzir a questão central da *alucinação negativa*, assim como o material necessário para as posteriores elaborações.

A alucinação negativa como fenómeno central

1- Começemos por dizer que a *alucinação negativa*, que destapa a questão do *nada*, é antes de mais um fenómeno psíquico normal. Começemos então por descrevê-la enquanto tal.

Reenquadraremos então a questão. A *incorporação* (e logo a *introjecção*) só pode ocorrer na condição dum espaço *vazio* deixado em aberto pala *expulsão* (Green, A., 1977; 1993): *a mãe é tomada no quadro vazio da alucinação negativa e converte-se em estrutura enquadrante do sujeito*.

A *alucinação negativa* é, portanto, o *mecanismo nuclear* deste processo central. Todos os processos constitutivos até aqui descritos ocorrem na condição de que *o objecto se apague e transforme em estrutura enquadrante do sujeito, portanto, na condição da alucinação negativa do objecto*.

O suporte da *alucinação negativa* é, na verdade, o *processo primário* (Green, A., 1977; 1993): a sua ocorrência, como processo psíquico que exerce os seus efeitos num momento presente, remete para *a representação da ausência de representação, do mesmo modo que expõe a mente às condições que a tornaram possível – o apagamento do objecto*.

A questão fundamental é pois que a *alucinação negativa* passa a ser um processo que *veda o acesso directo à representação – destapa a questão do nada (é representação da ausência de representação) –, enquanto desse modo expõe a mente às condições que a*

tornaram possível, como incitação feita ao sujeito para atender a uma realidade que se lhe apresenta como um acontecimento psíquico por pensar (pensamento procura pensador, conteúdo procura continente) ou, se quisermos, como um acontecimento pulsional por pensar.

A alucinação negativa incita, por assim dizer, o pensamento que alucina no fundo branco das suas próprias produções, sobre o qual objecto se apaga, a re-percorrer (de novo) a trajectória de um movimento pelo qual perceber não é conhecer, é re-conhecer e pensar sobre um percebido, que é tomado numa configuração em que a informação que veicula se encontra englobada naquilo que a pulsão traz consigo e se imprime numa dominante perceptiva, sensorial e portanto beta, constituída em torno da modalidade contacto-movimento, presidida pelo par contrastante prazer-desprazer, acoplado às esferas das relações tocado-tocante, em movimento-em detenção, em simbiose-em desamparo.

A alucinação negativa remete pois para a representação da ausência de representação, destapa a questão do nada, no momento em que o pensamento alucina no fundo branco das suas produções, imprimindo-se nesse lugar uma actividade inscrita numa dominante perceptivo-sensorial – beta, sem-sentido e então tendencialmente caótica – e, portanto, a sua possibilidade de transformação desde que os conteúdos (elementos beta) em questão encontrem um continente psíquico próprio onde se alojar.

Caso não, uma saída é a *evacuação*. Justifica-se então uma *acção psíquica* empreendida, como *prelúdio do agir*. Ou, como contrapartida, resta a *retirada*, através do *retraimento narcísico sobre si*.

2- Mas a *alucinação negativa* remete-nos na verdade para duas categorias paralelas (Green, A., 1977; 1993): por um lado, temos a *categoria do alucinatório* (o pensamento alucina no fundo branco das suas próprias produções) que nos conduz à exploração das relações entre a *percepção* (leia-se, os elementos beta perceptivos) e a *representação* (e/ou *transformação*); por outro lado, temos a *categoria do negativo* que nos conduz à exploração das relações entre o *processo alucinatório* e o conjunto das defesas de menção habitual, que face a ele podem operar: *o recalçamento, a clivagem, a recusa, a negação, a exclusão, etc.*

Em todo o caso e em síntese *a alucinação negativa destapa a questão do nada, desde o momento em que põe à prova o modo como o objecto se apaga.*

Em suma, o quadro geral em que nos situamos é o do *trabalho do negativo* (Green, A., 1993; 1994; 2000), na relação que tem este com o conjunto das *defesas primárias* (primárias no sentido de serem formas básicas de actividade mental), das quais o *recalcamento* é o protótipo, podendo este dar lugar a variações distintas como *a recusa, a negação ou a exclusão.*

A *alucinação negativa* é o mecanismo mais central do trabalho do negativo, e as consequências decorrentes da sua própria ocorrência dependem essencialmente dele e das suas variações. Esta questão remete-nos também, mais uma vez e agora noutro registo, para o *ponto de vista estrutural.*

O ponto de vista estrutural e o trabalho do negativo

1- O *Eu-prazer originário*, diz Freud (1925/19873), quer *expulsar para fora de si* tudo o que sente como nocivo, e *introjectar dentro de si* tudo o que sente como bom.

A *mãe*, diz Bion (1964), *recebe dentro de si os temores do seu bebé e devolve-lhos de um modo que ele possa tolerar.*

A *excorporação*, a expulsão do nocivo, diz Green (1986; 1993), é uma ilusão que só pode ser mantida pela *assistência do objecto.*

Efectivamente, o recalcamento (ou as modalidades defensivas a que pode ceder o lugar) efectuar-se-á sob o modelo de aceitações e recusas das respostas do objecto. Ao conjunto amplo das operações psíquicas das quais o recalcamento é o protótipo, podendo dar lugar a variações distintas como a recusa, a negação ou a exclusão (forclusão), cabe designar por trabalho do negativo: entre os extremos do recalcamento bem sucedido, tendendo para a ligação, unidade e integração do Eu, e o da exclusão, marcado pelo ódio ao objecto e pela destruição de todas as ligações, tendendo para a desligação e desintegração de toda a unidade, o trabalho do negativo pode seguir vias

intermédias, tendendo para a ruptura das ligações, para a clivagem e para a coexistência do reconhecimento e da recusa.

Quanto mais nos aproximamos do recalçamento (Green, A., 1993), mais a inevitabilidade da ligação-desligação pode ser acompanhada por uma religação no inconsciente. Por outras palavras, na condição imperceptível, não figurável nem representável da estrutura enquadrante do espaço interno representativo, onde o investimento do objecto foi consagrado ao lugar dos investimentos libidinais e agressivos do sujeito, sob a forma de representações de objecto, susceptíveis de se manterem ligadas e criar e o ligável, portanto, como material para transformação (com o auxílio dos mecanismos nucleares de condensação e deslocamento).

Quanto mais nos afastamos do recalçamento, mais a ruptura das ligações se impõe, mais a desligação prevalece e a religação é impedida, o objecto não assiste, a representação não acede; e compreendemos que a desligação atinge a função simbólica, que opera por ligação e por condensação e deslocamento.

2- Segundo Amaral Dias (2004), no caso do *recalçamento*, a psicopatologia (neurótica) abre-se ao campo da *falha na tradução*, isto é, o *afecto* é dissociado da *representação* e colocado noutro lugar, mas a *representação* mantém-se lá, ainda que enfraquecida e isolada.

Portanto, *a representação*, *o traço mnésico da representação* e os *signos* que lhe correspondem mantêm-se lá e, com eles, a possibilidade de *ligar*, *religar* e *simbolizar*. Quer dizer, *a condição simbólica* mantém-se, a *tradução afectiva* é que se encontra perturbada. A falha na tradução deixa um *traço*, deixa um *signo*: embora falhe a tradução está lá algo no lugar de algo e, como tal, este é o tipo de funcionamento mental onde se coloca menos a questão da *ameaça do nada*.

E como é que podemos conceber aqui a *acção* ou, como considera Millaud (1998), o *acting out*?

O recalçamento persiste e a falha insiste e o que pode haver aqui é uma necessidade implícita de *re-significar* e *re-simbolizar*, que procura enquadramento *no campo da*

relação e no teatro da acção, à qual preside em todo o caso uma captação simbólica dos objectos. O continente psíquico está lá, organizado pela simbolização, a falha na tradução é que insiste porque o recalçamento persiste.

No caso da *exclusão (forclusão) – perclusão*, na linguagem de Amaral Dias (2004) – o que está em causa é a *rejeição* de algo, como ideia incompatível, e por aqui *as ligações rompem*.

Esta rejeição significa soltar de si o *afecto* e a *representação*. Aqui não há falha na tradução, mas a *ausência de algo na mente*, como lugar onde *falta o signo e com o signo a condição simbólica*. Portanto, a psicose é o lugar onde *a simbolização é excluída* e a ameaça do *nada* conduz às soluções mais radicais.

A consequência imediata desta condição é que, quando o ego escapa à ideia incompatível (e ao afecto), a ideia incompatível fica inseparavelmente ligada a um fragmento da realidade e, então, o ego destaca-se também da realidade, parcial ou totalmente. Destaca-se da realidade *e escapa à iminência do nada, através da pseudo-organização do delírio*.

A *exclusão do simbólico* no psicótico remete-nos, pois, para a inexistência radical de um continente psíquico. Portanto, remete-nos para os casos em que a *identificação projectiva* vai predominar radicalmente sobre a *função alfa*: *o psicótico vive sob a forma de acção, para este as próprias palavras são uma acção*. A *identificação projectiva* predomina radicalmente sobre a *função alfa* porque, efectivamente, para o psicótico nunca existiu objecto.

Portanto, *no caso do psicótico o objecto não está em causa, não há função de captação do objecto* e por isto passa a haver um sistema de auto-suficiência, no sentido em que o delírio (e como tal *a acção*), justifica-se a si próprio e não procura justificar-se em nenhum outro lugar; razão para Amaral Dias (2004) dizer que o psicótico nasce de si próprio e isso ortoga-lhe, nomeadamente, o direito ao incesto.

Finalmente, no caso da *recusa – desmentido* (Amaral Dias, C., 2004) –, *uma parte do ego reconhece a realidade e outra parte desmente o que a primeira reconhece*. Quando

há impedimento da simbolização o psicótico *perclui* (exclui radicalmente da mente), o *border desmente*.

No caso *border* há o desmentido de algo no lugar em que está impedida a capacidade de simbolizar e pensar sobre a parte desmentida (*desmentida porque é reconhecida*), portanto, no lugar onde as ligações rompem. Mas o *border desmente precisamente porque percebe (reconhecimento e recusa coexistem)*, mas é incapaz de produzir uma teoria sobre este percebido, isto é, é incapaz de produzir o *simbólico* e pensar sobre a parte desmentida.

O sujeito *border*, diz Amaral Dias (2004), diferentemente do psicótico, *constrói um rudimento da função alfa, através da identificação à função continente* (esta função continente é pele, no sentido em que organiza a experiência emocional do sujeito).

A *função alfa* é rudimentar, a *identificação projectiva* predomina sobre a função alfa e estes sujeitos são sujeitos de acção. Mas, a principal diferença entre o *border* e o *psicótico*, é que o *border procura o objecto como segunda pele*, pois o objecto nunca perdeu a *função de segunda pele*.

Como tal, toda a *acção* aqui empreendida se concebe como *à priori* inscrito na relação com um *objecto procurado como segunda pele*. Nos casos *border* verifica-se sempre a presença e exercício de uma *função de captação do objecto*, que passa por uma *necessidade* extrema do objecto, a par da dificuldade, ou mesmo incapacidade, em captá-lo. Portanto, toda a *acção* aqui empreendida é uma *procura de continente, procura de sentido, de significação e de simbolização, no lugar onde a película rompe e o vazio representativo emerge como ausência do simbólico que destapa a questão do nada – a dissolução dos limites e a queda no abismo nadificante*.

Neste último caso, as vias medianas, ou intermédias do *trabalho do negativo* – no sentido em que nelas não opera nem a *exclusão radical*, o *recalcamento bem sucedido*, *mas coexistem o reconhecimento e a recusa* –, trilham o campo em que se inscreve a *psicopatologia borderland* (Amaral Dias, C., 2004), sobre a qual nos debruçaremos agora em maior profundidade.

5- A PSICOPATOLOGIA *BORDERLAND*: OS FENÓMENOS *BORDER* EM GERAL E O AGIR EM PARTICULAR.

Resta-nos agora passar ao campo descritivo e compreensivo da *psicopatologia borderland*, segundo a designação de Amaral Dias (2004), e do *agir* como invariante fundamental, inscrito na *relação* e nos mecanismos fundamentais que o justificam, antes de mais como uma *acção psíquica*.

Desenvolveremos então uma série de aspectos que, subscrevendo as nossas concepções e o nosso objectivo principal (*o agir*), consideramos os mais centrais, embora a sua descrição não esgote a totalidade dos processos e conceitos em questão.

Sobre a *assimbolia* como questão central

A *reflexão do prazer projectado sobre o objecto* – e logo o destino dos *elementos beta* –, como referimos, deve receber deste uma resposta que pelo menos não contradiga, para que a projecção se confirme (Green, A., 1993).

Entendemos então, recorrendo à nossa fundamentação anterior, que se a projecção não se confirma, ou não se confirma suficientemente, a consequência mais directa, associada ao fracasso do *duplo desdobramento*, é a *ruptura das ligações*, isto é, a *desligação* e, então, a *ruptura do próprio processo simbólico* ou, utilizando a linguagem de Amaral Dias (2004), a *formação de lacunas, de assimbolia*, na película sobre a qual o *pensamento* ocorre e se desenvolve.

Portanto, com base nas nossas formulações, assinalamos desde já que a questão *border* mais central é o problema da *assimbolia*: o simbólico não se constitui porque não há simbólico no lugar das *lacunas*, não há continuidade da organização simbólica e esta só se constitui na sua própria *continuidade e coesão, por ligação, religação, criação e transformação*.

Neste caso o sujeito *não se autonomiza porque não tem um pensamento autónomo*. O *border*, como diz Amaral Dias (2004), *procura pensar dentro do outro, através da identificação projectiva (excessiva) porque não pode pensar dentro de si mesmo*.

Assim, a questão da *assimbolia* remete inequivocamente para a *perda de autonomia* e, como tal, para as estruturas mais dependentes.

Por outro lado, *os sujeitos assimbólicos são os sujeitos de acção, face à iminência do nada*, que se destapa no lugar onde o simbólico rompe.

Sobre a problemática *borderland* derivada sobre dois eixos

Se a projecção não se confirma (Green, A., 1993) e, portanto, a *reflexão do prazer projectado sobre o objecto* não decorre, paga o preço de nascer aí um prazer tiranizado entre o reforço no Eu e o agravamento do hiato com o objecto, deixando como saídas, (i) quer a tentativa radical de apagamento do prazer (pela impossibilidade de prevenir o desprazer extremo, (ii) *quer as versões sádica e/ou masoquista do prazer tiranizado (o objecto, em qualquer dos dois casos, no lugar de ser aquilo que torna tolerável a pulsão, é aquilo que a torna ainda mais intolerável)*:

(i) Do lado da tentativa radical de *apagamento do prazer* abre-se um campo em que o objecto é dado como definitivamente perdido, definitivamente *desinvestido* (portanto, leia-se, perdido mas *não transformado em estrutura enquadrante do sujeito*), (depressão essencial), restando *o apego à concretude imposta de modo extremo e o empobrecimento radical e a estagnação do pensamento*.

O que se abre através deste eixo são as problemáticas com afinidade ao campo particular da *psicossomática*, sobre o qual não nos vamos debruçar, em que o agente da acção, se assim se pode dizer, não pode ser mais do que o próprio corpo: um corpo que age sobre a sua própria constituição, face à redução extrema da espessura do espaço mental representativo e simbólico; aquilo que se enraíza no corpo deve ser silenciado, não pode ser transformado e é pelo corpo que fala.

(ii) Por outro lado, quando nos referimos às saídas pelas *versões sádicas e/ou masoquistas do prazer tiranizado*, tanto a *agressão sádica* ao objecto, como a *subserviência masoquista* na relação com o mesmo, são formas de obter um mesmo resultado alvejado: *o controlo e a manutenção do objecto de dependência*.

As questões do *amor e do ódio na relação com o objecto*, tal como abertura ao campo do *acting*, colocam-se aqui de modo extremo: *o objecto é aquilo que no lugar de tornar tolerável a pulsão, a torna ainda mais intolerável; passa a ser, por outras palavras, ausência insuportável e introsividade intolerável; e há, portanto, uma dependência extrema do objecto e uma intolerância extrema às questões do objecto.*

Eis que reelaboramos por aqui o problema das *dificuldades de separação-individação*, entre a *simbiose* e a *reaproximação* e a *depressão de abandono* (Masterson, J. F., 1987).

Por outro lado, pensamos ser aqui o *ódio*, como concorda Green (1983), e não a *agressividade* por ele canalizada, como pretendeu Fairbairn (1943; 1944), que surge como *consequência secundária*, ou reactiva, às experiências de *frustração libidinal*.

Sobre o problema da depressão

No epicentro destas problemáticas encontra-se pois a assímbolia e, portanto, *o vazio representativo* que destapa a questão do *nada*. Então, o problema da *depressão border*, que Masterson (1987) designa por *depressão de abandono*, cuja textura não distará muito da *angústia de perda de objecto*, é aqui a *depressão de vazio*.

Quanto aos pressupostos kleinianos, pensamos que não pode haver aqui, nos casos *border*, através da *depressão*, um movimento elaborativo e integrativo, que conduza à *redução do campo da acção*, porque o objecto (interno) não está lá e, então, para utilizar a linguagem usual, *não há objecto para ser reparado*. O que há é um *vazio* que não pode ser preenchido.

Pode aplicar-se aqui, então, como já fundamentámos, o *modelo evacuativo* que opera face à questão do *nada* (*o vazio representativo*).

Sobre a interpenetrabilidade dos dois eixos e a polissemia sintomática

Este vazio que não pode ser preenchido é procurado colmatar através do objecto e, portanto, a dependência implica aqui a função supletiva do objecto, procurado como segunda pele (Amaral Dias, C., 2004).

Mas, também é por aqui, sobre o plano da *relação*, entre o *apagamento do prazer* e as *versões sádica e masoquista do prazer tiranizado*, que os dois eixos se interpenetram e, portanto, interpenetra-se também uma diversidade sintomática.

Se o sujeito leva a bom termo a *manutenção do objecto e da relação com o objecto*, abre-se o campo da *pseudo-coerência* e da *pseudo-estrutura*, ou *pseudo-organização neurótica*, articulada com os acontecimentos de vida, que não se encontra em ruptura psicótica, nem em vias de *acção violenta*.

Mas, neste limite, se a frustração emana do objecto, ou é sentida como tal e a *função supletiva do objecto é perdida*, seja porque motivo for, entramos no campo da ruptura e da perda da pseudo-coerência, que se abre por seu turno a outra gama de desenlaces, entre os quais destacamos o *agir*.

É nestes termos que, se quisermos e com as devidas reticências, podemos considerar de certa forma captada a noção *organização* (diferente de uma estruturação estável), presente tanto em Bergeret (1996) como em Kernberg (1975; 1989).

É também nestes termos que a interpenetração dos eixos se formula no contexto da relação e na variedade ampla duma polissemia sintomática: *psicossomática* (o radical apagamento do prazer e a tirania da concretude), *toxicodependente* (o apagamento do desprazer), *depressiva* (pseudo-depressiva ou a depressão de vazio), *perversa* (a saída pelo prazer de órgão), *hipocondríaca* (a angústia desobjectalizada), *agida* (conteúdo procura continente), etc.

Sobre o masoquismo primário e a analidade primária

O *masoquismo primário* representa, segundo Freud (1921; 1924), uma *coexcitação libidinal originária*, em que *prazer e desprazer não se encontram ainda separados*, pela qual seria responsável um mecanismo fisiológico infantil, que mais tarde deixaria de operar.

Efectivamente, uma conclusão directa que podemos tirar sobre a questão já evocada da *dependência radical (necessidade)*, *face a um objecto que no lugar de tornar a pulsão*

tolerável (pelo prazer da satisfação encontrada), a torna ainda mais intolerável (pelo desprazer da satisfação tiranizada), é que prazer e desprazer não se encontram aqui separados.

Logo, nestes casos, pensamos que a *coexcitação libidinal* não parece ter deixado de operar. Como tal, relança-se aqui a questão central do *masoquismo primário*, no ponto em que já não a podemos considerar como dependendo unicamente dum mecanismo fisiológico infantil (Freud, S., 1924/1973), destinado na posteridade a deixar de operar:

Há que considerar, também, quanto a esta *coexcitação libidinal*, o lugar que a mesma ocupa no seio das *relações que se estabelecem entre a pulsão do sujeito e o seu objecto* (Green, A., 1993), ou seja, há que considerar se através do *papel do objecto* e/ou da *interacção* estabelecida entre a *pulsão do sujeito* e o seu *objecto*, esta coexcitação libidinal se vai extinguir ou manter.

Deste modo, evocada esta questão do objecto, o *masoquismo primário* passa a ser, diz Amaral Dias (1999), *uma manobra radical de evitamento do desaparecimento do objecto*, questão que o autor retraduz em 2004, como uma *necessidade de manutenção do objecto (e do outro) no lugar de segunda pele*.

Estas formulações apresentadas sobre o *masoquismo primário* – seja como *manobra radical de evitamento do desaparecimento do objecto*, seja ainda como expressão duma *condição sadomasoquista em que prazer e desprazer não se encontram separados* (e uma não exclui a outra) –, são concordantes com a generalidade das questões que se erguem em torno dos tipos de funcionamento que Green (1993) descreve a título duma *analidade primária, que interpenetra precisamente os modos de relação de objecto, marcados pelas tentativas de controlo do objecto – controlo anal do objecto* –, quer de um modo *sádico*, quer, no reverso, pela *submissão masoquista* (manipulativa) ao mesmo.

Mas esta analidade não nutre os seus efeitos apenas sobre este prisma. Green (1993) diz que esta analidade é uma *analidade primária* (diferentemente das discussões habituais sobre o tema) e refere-se a um *narcisismo anal* que faculta a estes sujeitos um *eixo*

interno pseudo-estruturante, pela erotização inconsciente de toda a situação conflitiva que afecta o narcisismo.

Então resurge aqui a questão do *masoquismo primário*, na forma de uma *erotização inconsciente de toda a situação conflitiva*, e portanto de *desprazer*, tal como no início, segundo Freud (1924/1973), nada de considerável importância pode ocorrer no organismo, nomeadamente o que gera *desprazer*, sem concorrer para um dado grau de *excitação libidinal*.

Quanto a nós, adoptamos a noção de *analidade primária* para circunscrever principalmente o tipo de relação sadomasoquista que estes sujeitos estabelecem com o objecto, ao serviço do *evitamento do apagamento do mesmo*.

Sobre o duplo desdobramento: a precariedade dos limites dentro-fora, a identificação projectiva excessiva e o problema do agir

As estratégias de evitamento do desaparecimento do objecto – o *masoquismo primário* – e as tentativas de controlo anal do mesmo – a *analidade primária* –, dão conta de modalidades relacionais que se traduzem como uma *procura de continente*, ou seja, como considera Amaral dias (2004), o border procura o *objecto como segunda pele* e procura *pensar dentro do objecto (do Outro) através da identificação projectiva (excessiva)*, porque não pode pensar dentro de si mesmo, dada a *precariedade das suas capacidades simbólicas*, ou a *precariedade do continente psíquico organizado pela simbolização*.

Quando pensamos num sujeito que *procura pensar dentro do objecto* (o objecto procurado como *segunda pele*), leia-se, dentro do outro, por incapacidade para o fazer dentro de si mesmo, estamos no lugar em que emerge a questão da *perda de distância mínima*, que é a questão da *precariedade dos limites dentro-fora* (ou a *precariedade do continente psíquico, organizado pela simbolização*).

Nestes casos, de cada vez que a alteridade é incitada (Green, A., 1993) e o investimento exige, pela sua natureza, o franqueamento dos limites (a necessária saída de si à conquista enriquecedora do *prazer compartilhado*), conta com um *desdobramento* do

próprio que está destinado a exceder as suas capacidades, tanto mais quanto põe em causa um objecto que, com interesses pulsionais próprios, se por um lado reclama fusão (em maior ou menor grau e em qualidades diversas), por outro nunca é concordante nas suas formas, metas e meios, podendo tanto assistir o *prazer* como deter bruscamente o seu curso, contrariá-lo ou rejeitá-lo por razões próprias.

O franqueamento dos limites irrompe e o duplo desdobramento falha. O objecto é duplo fora e o sujeito não se formula num "entre", mas sim num "dentro" igual a "fora" (o enclave transitivo), que curto-circuita no limite, através da identificação projectiva excessiva, toda a gama de equações simbólicas próprias de um narcisismo destrutivo, apreensíveis na categoria geral destruído-destrutivo, ao qual preside como antagonismo de fundo, a fusão-oposição:

A ausência insuportável, como lugar por onde se nutre um desejo fusional (e a submissão masoquista); e a intruzividade intolerável, como lugar por onde se impõe uma a conduta de oposição (e controlo agressivo do objecto) – Abre-se aqui por excelência a exuberância patológica do agir, que não podemos pois conceber, a não ser como à priori inscrito na relação.

Sobre a alucinação negativa e o problema do agir

O lugar onde as ligações rompem e onde identificamos em última instância as *lacunas do pensamento* (Amaral Dias, C., 2004), é o lugar potencial onde a *alucinação negativa* põe à prova as capacidades destes sujeitos (Green, A., 1977; 1993): *o pensamento alucina no fundo branco das suas próprias produções – destapa-se a ameaça do nada – e é incitado a re-percorrer de novo uma trajectória, sobre a qual não nos vamos repetir.*

Interessa dizer que ocorre assim uma *exigência de trabalho psíquico – conteúdo procura continente* –, que não pode ser realizada no plano da simbolização e dá origem, tendencialmente, nos casos *border*, ao desenlace pela *evacuação-acção, moremente numa dimensão agressiva.*

Esta é, tipicamente, uma das respostas border; ou, então, *resta a retirada narcísica, a retracção masoquista da agressividade e o retraimento sobre si, como resposta alternativa.*

6. CONCLUSÕES SOBRE AS ABORDAGENS TEÓRICAS

Dado o risco de nos tornarmos excessivamente repetitivos, optamos por ser breves e sintéticos em termos de conclusões teóricas, relativamente ao percurso e debate até aqui desenvolvidos.

I

1- As concepções de André Green sobre a problemática geral do *negativo* propiciam-nos uma *perspectiva integrativa*, no seio da qual pensamos que se podem solucionar, na medida do possível, as divergências existentes entre as *teorias do conflito (pulsional)* e as *teorias do défice (relacional)*, uma vez que *alicerçam a constituição narcísica do sujeito psicológico na dimensão intersubjectiva de um duplo desdobramento, que opera (ou não opera e abre-se ao campo das patologias do narcisismo) na condição da reflexão do prazer projectado sobre o objecto.*

2- Tomando como pano de fundo a *teoria do negativo* de André Green, articulámos então uma *perspectiva intrapsíquica* (na senda dos contributos de Freud), com uma *perspectiva intersubjectiva* (na senda dos contributos de Bion). Para tal acoplámos o destino dos *elementos beta* ao *princípio do prazer-desprazer* – aproximando as noções *id e elementos beta, tal como as noções representação e transformação* – e delineamos neste quadro teórico integrativo o problema do *desenvolvimento do pensamento*, no seio do *narcisismo normal, ou patológico.*

3- A *alucinação negativa*, que destapa a *questão do nada – o negativo radical* –, é o mecanismo nuclear no seio destes processos, tanto quanto o sujeito se constitui no lugar onde *o objecto se apaga* (segundo Green), e tanto quanto o pensamento se desenvolve na *ausência do objecto* (segundo Bion) e, em ambos casos, na condição de que *o objecto se apague e transforme em estrutura enquadrante do sujeito*, como continente psíquico próprio, no lugar onde *o seu investimento se consagra ao investir do próprio sujeito, sobre o modelo da reflexão do prazer projectado sobre o objecto.*

4- A *transformação do objecto em estrutura enquadrante do sujeito* – desde o ponto em que o objecto se apaga e, portanto, na condição da *alucinação negativa do objecto* –,

conglomera então toda a gama de processos através dos quais se constitui *um continente psíquico, organizado pela simbolização*, para o *espaço interno representativo*, onde o investimento do objecto foi consagrado ao lugar dos *investimentos libidinais e agressivos* do sujeito, sob a forma de *representações de objecto*, susceptíveis de se manterem ligadas e de *criar o ligável*, portanto, como material para *transformação e simbolização* – Deste modo o vazio (que destapa a *ameaça do nada*), o espaço interno deixado em aberto pela *excorporação*, de modo a que a *incorporação* possa ocorrer, nunca será percebido pelo sujeito.

5- O *agir* opera então face à *precariedade da constituição deste continente psíquico organizado pela simbolização* – *dado o fracasso dos processos de transformação do objecto em estrutura enquadrante do sujeito* –, como *procura de continente (conteúdo procura continente), sentido e simbolização*. Esta *precariedade do continente psíquico remete-nos para a ruptura das ligações e para as lacunas do simbólico, que destapam a questão do nada*. Assim, o *agir* opera antes de mais contra a *ameaça do nada*, como *procura de continente, sentido e simbolização, através da identificação projectiva excessiva*.

6- Deste modo a *identificação projectiva excessiva* actua como um mecanismo secundário face à ocorrência da *alucinação negativa*, que destapa a *ameaça do nada*, *pondo à prova o modo como o objecto se apaga*. Mas imprime-se aqui, no momento em que *o objecto se apaga* e sob a ameaça da presença de fundo do *nada, uma actividade sensorial e perceptiva (beta), pulsional, primitiva e sem-sentido, como um tumulto de elementos assimbólicos, potencialmente caóticos e desorganizadores, apenas aptos à evacuação: o pensamento funciona sob um modelo de evacuação-acção, como prelúdio do agir; mas aos conteúdos evacuados preside o “querer implícito” dos conteúdos que procuram continente*.

II

1- A *psicanálise* e, portanto, a *psicologia clínica de inspiração psicanalítica*, têm-se ocupado muito com a tarefa de solucionar uma vasta gama de problemas que podemos sintetizar em torno da *controvérsia conflito vs défice*, acabando por adoptar

predominantemente uma, ou outra, destas perspectivas e, exepctuando uma minoria de autores, como A. Green, A. Dias e J. Grotstein, permanecendo insensível à *presença de fundo do nada* – e como tal à ocorrência da *alucinação negativa* – e à actuação de uma *angustia fundamentalmente nadificante*, face à qual debatemos o problema do *agir* (e a generalidade dos processos inerentes ao *trabalho do negativo*).

2- Consequentemente a *psicologia clínica*, cujos paradigmas de investigação se alicerçam nos *estudos de caso* e, portanto, nos meios utilizados para aceder ao *sujeito psicológico* (o seu *objecto de estudo*), encontra-se *destituída de métodos, técnicas e instrumentos aptos a abordar, de um modo integrativo, o funcionamento mental e relacional e o modo como este opera face à questão do nada*.

3- Como tal, *encontra-se igualmente destituída dos meios adequados para a abordagem e investigação da problemática específica do agir, tal como por nossa parte o concebemos, como procura de continente, sentido e simbolização que, inscrita á priori na relação, opera antes de mais perante a ameaça do nada. Então, debruçaremos-nos agora sobre esta questão em termos metodológicos*.

7. O OBJECTIVO DO ESTUDO.

I

Uma vez apresentada a nossa fundamentação teórica para a compreensão dos fenómenos *border*, no seio da qual destacámos *o agir como invariante principal*, começamos agora por formular o nosso problema, reunindo em termos de síntese as dimensões essenciais a estudar.

1- A *condição estrutural de base* sobre a qual se desenrola a generalidade das dimensões do *funcionamento mental e relacional* dos sujeitos *border*, introduz, em primeiro plano, as *questões da relação entre a pulsão e o objecto: o objecto, no lugar de ser aquilo que torna a pulsão tolerável, pelo prazer da satisfação encontrada, é aquilo que a torna ainda mais intolerável, pelo desprazer da satisfação tiranizada* (Green, A., 1993).

Surge aqui, a par da *dependência-necessidade* extrema do objecto, uma *intolerância* extrema às questões do objecto: *o objecto passa a ser ausência insuportável e intrusividade intolerável*.

O *masoquismo primário* (Freud, S., 1924/1973; Amaral Dias, C., 1999) e a *analidade primária* (Green, A., 1993), erigem-se nestes registos de *funcionamento mental e relacional*, como já fundamentámos, quer como determinações inerentes a *uma condição estrutural de base, em que prazer e desprazer não se encontram distintos, quer como manobra radical de evitamento do desaparecimento do objecto, através das tentativas sadomasoquistas de manutenção e controlo anal do mesmo*.

2- Por outro lado, as vicissitudes relacionais, interpenetradas por uma *“crença pulsional” enraizada no desprazer da satisfação tiranizada*, revelam esta última qualidade no plano de uma *quase simetria entre a pulsão e o objecto*, que obedece a uma *redução drástica do espaço mental representativo* e, então, remete para o problema da assímbolia, das lacunas do simbólico (Amaral Dias, C., 2004) e, conseqüentemente, para o problema da *porosidade do continente psíquico e da precariedade dos limites dentro-fora, Eu-não Eu*.

O problema da *assímbolia*, consubstanciado sobre *a falha ao nível da interiorização da função alfa*, relança então as questões da dependência e do evitamento do desaparecimento do objecto, como objecto procurado como *segunda pele*, pois o objecto nunca perdeu a *função de segunda pele* (Amaral Dias, C., 2004): *o border procura pensar dentro do outro, através da identificação projectiva, porque não pode pensar dentro de si, e por isso depende radicalmente do outro.*

3- A globalidade destas questões remete-nos então para uma dimensão relacional caracterizada por uma dupla vertente, à qual subjaz um *uso excessivo, ou patológico, da identificação projectiva*:

Por um lado, o *uso excessivo da identificação projectiva* remete para a *procura de continente* para os conteúdos mentais emergentes, que passa através das tentativas persistentes de *controlo anal do objecto*; por outro lado, *a identificação projectiva excessiva* acaba por revelar a *fácil perda de distância e a destrutividade emergente no contacto com o objecto, dada a precariedade dos limites dentro-fora e a quase simetria que então se afirma, entre a destrutividade inerente aos arranjos pulsionais desintrincados e o objecto da pulsão – revela-se assim uma necessidade extrema do objecto e a intolerância extrema ao contacto com o mesmo.*

Efectivamente, a *analidade primária* remete para uma necessidade de *aferramento ao objecto* – não se trata de retenção, mas sim de *aferramento* (Green, A., 1993) –, que se reflecte também num *apego à concretude*, nas *defesas pela realidade* e na *necessidade de captar o percebido como real e isento de qualquer projecção*.

Esta dimensão de *apego/aferramento à concretude* afirma-se então, não só como último recurso face à *pobreza simbólica e falta de espessura do espaço mental representativo*, mas também ao serviço da *recusa* da própria realidade psíquica e como defesa contra a *projectão- evacuação, que ameaça arrastar para fora a cena interna, as qualidades disruptivas do interno.*

4- A *analidade primária, que opera ao serviço da clivagem entre o interno e o externo*, afirma-se nesta medida, segundo Green (1983), *como um eixo pseudo-estruturante que actua nestes sujeitos como um obstáculo à regressão oral.*

Contudo, *a regressão e a destrutividade emergente no contacto* acabam por afirmar-se, na medida em que fracassam as *defesas pela realidade*, dada a *porosidade do continente psíquico*, ou a precariedade dos limites Eu/não-Eu, e a conseqüente *dificuldade de manutenção da distância*.

5- Efectivamente, como já referimos, de cada vez que a alteridade é incitada e o investimento exige, por sua natureza, o franqueamento dos limites, conta com um *desdobramento* do próprio que está destinado a exceder as suas capacidades (Green, A., 1993).

O franqueamento dos *limites* irrompe e o *duplo desdobramento falha*. Como diz A. Green (1993), *o objecto é duplo fora* e o sujeito não se formula num "entre", mas sim num "dentro" igual a "fora", numa *simetria pulsão-objecto*, que curto-circuita no limite toda gama de *equações simbólicas* dum *narcisismo destrutivo*, apreensíveis na categoria geral *destruído-destrutivo*, ao qual preside um antagonismo de fundo: *a fusão-oposição, ou a ausência insuportável e a intruzividade intolerável*.

Abre-se aqui o campo das questões que presidem, nestas estruturas, às *relações inconciliáveis entre o amor e o ódio* e, por excelência, abre-se por aqui *a exuberância patológica do agir*, que então não pode ser concebido, senão como *á priori inscrito na relação*.

6- Por outras palavras ainda, *a identificação projectiva* predomina amplamente sobre *a função alfa* e passa a aplicar-se aqui o *modelo evacuativo*, que se abre ao campo do agir. *Mas aos conteúdos evacuados preside contudo um "querer implícito": conteúdo procura continente*.

O agir surge assim, necessariamente, inscrito no campo da *relação* e como uma *procura radical de simbolização* que actua, como já fundamentámos, face à *ausência de sentido e arranjo caótico dos conteúdos mentais emergentes (elementos beta)* – no seio da adversidade re-sentida no contacto emocional com o objecto (e com o outro) –, aos quais se encontra subjacente *a ameaça do nada*.

7- A condição estrutural de base nas problemáticas border, dada a "*crença pulsional*" enraizada nas vicissitudes pulsionais do prazer tiranizado, impõe então, como desenlace tendencialmente necessário, a *destrutividade emergente no contacto/simetria entre a pulsão e o objecto, que arrasta uma revivescência actual e inelutável de uma decepção objectal, antes de mais pulsional, que traduz as dimensões de uma perda revivida de um modo sempre destrutivo.*

Esta revivescência actual, inconscientemente mobilizada, das vicissitudes pulsionais destrutivas, revela a ruptura das ligações (Green, A., 1983), sobre a qual se consubstanciam as lacunas do simbólico (Amaral Dias, C., 2004), no lugar onde a representação escapa, o objecto se apaga, o pensamento alucina no fundo branco das suas próprias produções e a alucinação negativa (Green, A., 1977; 1993) exerce os seus efeitos num momento presente.

Mas imprime-se no seu lugar uma actividade inscrita numa dominante perceptivo-sensorial – *beta, sem-sentido e tendencialmente caótica* –, cujas possibilidades de transformação ulterior, escapam na insubstância do continente: a identificação projectiva predomina amplamente sobre a função alfa (Amaral Dias, C., 2004), e a evacuação impõe-se como saída e último recurso face à ameaça do nada – *Justifica-se assim uma acção psíquica empreendida, como prelúdio do agir, da acção de natureza tendencialmente agressiva; ou, como contrapartida, resta a retirada narcísica, a reflexão masoquista da agressividade e o retraimento sobre si (Green, A., 1993).*

II

1- Uma vez feito este levantamento e síntese das dimensões específicas a estudar, para acedermos ao nosso objectivo, em termos *metodológicos e técnicos*, utilizaremos o instrumento *Rorschach*, concebido como um *Espaço Virtual de Alucinação Negativa*, e procederemos à elaboração de *procedimentos específicos* que sejam sensíveis à dimensão do *negativo*, de modo a estarem aptos a *abordar o problema do agir, que destacamos como invariante fundamental no seio dos fenómenos border em geral e que, inscrito á priori na relação, opera face à ameaça do nada, como procura de continente, sentido e simbolização.*

2- Para realizarmos a dimensão prática da nossa investigação, procederemos à análise e interpretação de quatro protocolos *Rorschach* de sujeitos *borderline*, recolhidos em contexto próprio, no Serviço de Psiquiatria do Hospital Amadora Sintra, em Lisboa.

Uma vez estabelecidos os nossos objectivos, cabe-nos agora formular as dimensões metodológicas, técnicas e procedimentais, que consideramos necessárias para lhes aceder.

8. O MÉTODO E A TÉCNICA RORSCHACH

1- Iniciaremos este capítulo sobre *o método e a técnica Rorschach*, com uma breve apresentação do instrumento. O *Rorschach* é constituído, na sua forma actual, por dez manchas de tinta *cromáticas* e *acromáticas*, de composição *simetricamente organizada*, mas que, de configuração imprecisa, não representam nada de concreto.

O sujeito, o examinando, deve nomear cada mancha, atribuir-lhe um significado, portanto, dar uma *resposta Rorschach*, obedecendo à ordem fixa da passagem sequencial, administrada pelo psicólogo (o examinador), dos dez cartões onde se imprimem as manchas.

Concebido em 1920 por Herman Rorschach, este instrumento emergiu com as marcas da época e do contexto que lhe deram origem, em que os interesses da psiquiatria da fenomenologia convergiam, na mira das *classificações psicopatológicas*. Desde então, o *Rorschach* permanece fiel às lógicas que lhe deram origem, como um instrumento criado para aceder ao *diagnóstico da personalidade normal e patológica*.

Sempre submetido à *percepção*, a sua evolução vai contudo filiar-se a duas lógicas distintas, que consubstanciam duas vias divergentes: uma que reclama *as lógicas e os racionais de teste* e se sustenta numa *dimensão quantitativa e atórica*; outra que se faz fundar sobre os *modelos teóricos da psicanálise* (Chabert, C., 1983/1999; Marques, E. M., 1999).

Na primeira via, consagrada aos *paradigmas do manifesto e do positivo*, o *Rorschach* sustenta-se na possibilidade de se estabelecerem através dele *dados formais e quantitativos*, na obediência a uma *lógica de comparação e de correspondência*, da identificação e discriminação de *sinais*, à sua inserção em *classes de género*, confinadas à *psicopatologia* e ao serviço duma *pretensão objectivante e psicométrica*, que se faz salientar nas preocupações fundamentais com *a validade, a fidelidade, a precisão dos critérios de cotação e o rigor padronizado dos procedimentos de aplicação*.

Na segunda via, a que privilegiamos e utilizamos no presente estudo, consagrada aos *paradigmas do latente e da significação*, o *Rorschach* sustenta-se nas *dimensões*

teóricas dos pressupostos psicopatológicos fundados pela psicanálise, deslocando-se a tónica para salientar, antes de mais, a participação efectiva no processo-resposta Rorschach de mecanismos inconscientes e pré-conscientes, considerando-se então, não uma pretensão objectivante e psicométrica, mas sim a relação inevitavelmente estabelecida entre a percepção e a projecção, que vem revelar a expressão duma actividade pulsional e fantasmática, que faz colocar em cena os arranjos defensivos da organização estrutural do sujeito.

2- Esta relação estabelecida entre *percepção e projecção* ocorre sempre numa subordinação às características das manchas *Rorschach*. Segundo Chabert (1983/1999), as características perceptivas das manchas, sobre as quais se fundam os procedimentos tornados clássicos, destacam-se a partir das suas *dimensões estruturais e sensoriais*.

Em termos de *dimensões estruturais* as manchas assumem, dado o seu aspecto *unitário* ou *bilateral* e *fechado* ou *aberto*, qualidades distintas que remetem essencialmente para a *projecção* e *revelação*, no seio do *processo resposta Rorschach*, de dimensões relativas à *representação do corpo*, à *representação de si, do outro e da relação*, ou *ainda do materno e do paterno*, como *elementos nucleares subjacentes à espessura simbólica das manchas*.

Em termos de dimensões sensoriais, as diferentes evocações simbólicas e afectivas das manchas põem à prova a maior ou menor capacidade do sujeito, para as integrar no seio do processo resposta: as *manchas cinzento-escuro* originam essencialmente manifestações de *inquietação, ansiedade* ou *angústia*; as *manchas negro-vermelho-branco* originam essencialmente a *reactivação de movimentos pulsionais libidinais e agressivos*; as *manchas pastel* assumem essencialmente um *papel indutor de afectos* que assumem qualidades diversas, dadas as suas diferentes evocações simbólicas e qualidades estruturais.

Estas características perceptivas das manchas corroboram depois com a sua dimensão simbólica, estabelecida essencialmente em torno da *sexualidade* e da *castração*, embora integrando também *relações com o corpo, o nascimento, os parentes, a morte*, etc.

Para além destas dimensões estabelecidas e consensuais, cabe-nos ainda, por maioria de razão, descrever sinteticamente os contributos muito mais recentes, e por isso menos divulgados e consensuais de M. Emília Marques (1994; 1994a; 1999).

Estes, embora considerando também *a relação existente entre percepção e projecção*, vêm contudo privilegiar e consagrar o estabelecimento de uma *relação entre percepção e identificação projectiva* que, como iremos explicar e fundamentar no ponto 4 deste capítulo, permite classificar *a situação projectiva Rorschach como uma construção intersubjectiva de conhecimento e um espaço de relação, interpretação, comunicação e simbolização*.

Neste contexto, a autora propõe como características perceptivas das *manchas Rorschach*, consideradas como *qualidades psíquicas*, a) *a simetria* e b) *o valor simbólico*:

a) *A simetria*, como *característica da realidade perceptiva que ordena as dez manchas Rorschach, apresenta como qualidade psíquica a coesão e o duplo*. Contudo, a par disto, a simetria surge também como uma *harmonia inquietante e disruptiva, porque estranha e desconhecida*;

Deste modo contém elementos que fundam *a estagnação no duplo e na contemplação do perfeito idealizado*, a par de outros que sobre estes fundam *o crescimento na dúvida, na incerteza e no disruptivo*, entre os quais se devem estabelecer relações que os integrem e corrijam mutuamente;

Esta *harmonia inquietante* obriga a que *dar uma resposta Rorschach, interpretar uma mancha*, faça antes de mais mobilizar uma *representação de objecto e da qualidade das ligações estabelecidas na relação com o mesmo*. Inicia-se assim *o processo resposta Rorschach*.

b) Quanto ao *valor simbólico*, vem pôr em jogo *a sexuação e a relação* e organiza-se essencialmente em torno das referências *ao masculino e ao feminino, ao paterno e ao materno*, como *unidade originária* sobre a qual se funda *a vivência de si e o sentimento de existir*;

Sentimento de existir e vivência de si que então se ligam, como condutas face ao *mundo externo*, às relações que têm com o *mundo interno*;

Neste sentido, em termos muito sintéticos, *as relações que o sujeito estabelece com as manchas, com o masculino e com o feminino, são relações estabelecidas sobre o materno e o paterno, numa lógica de substituição e simbolização.*

Assim, para além da já consagrada dimensão de acesso ao *diagnóstico da personalidade normal e patológica*, que sempre orientou as práticas *Rorschach*, M. E. Marques (1994; 1994a; 1999) considera que o instrumento permite também *aceder ao funcionamento mental do sujeito e aos modos de relação que estabelece com os objectos (internos e externos).*

3- Posto isto, apresentadas estas dimensões da técnica *Rorschach*, é necessário procedermos a uma revisão de literatura sobre o *Rorschach* e a expressão da *patologia do agir*, como base a partir da qual procuraremos integrar os contributos das diferentes escolas *Rorschach*, relativamente aos nossos objectivos, ou seja, a abordagem dos fenómenos *border* em geral e do *agir* em particular,

Assim, tal como descrevemos no nosso enquadramento teórico, alimentando um debate aceso e amplamente suscitado pelas dificuldades encontradas na *clínica da psicopatologia borderline* e, conseqüentemente, face à dimensão do *agir no funcionamento border*, as repercussões da *controvérsia conflito vs défice* vão reflectir-se também ao nível dos desenvolvimentos metodológicos das abordagens *Rorschach*, destas mesmas problemáticas.

Estes desenvolvimentos, essencialmente orientados por dois referenciais teóricos divergentes, podem ser apresentados nas suas dimensões essenciais, através da descrição dos contributos fundamentais das escolas a) francesa b) e americana.

a) *A psicologia projectiva da escola francesa*

Assim, *a psicologia projectiva da escola francesa* (Chabert, C., 1983/1999), procura captar os fenómenos *borderline* em geral, através do *Rorschach*, num conjunto de

expressões que revelam na sua globalidade a *precariedade ao nível das capacidades de integração das manifestações do conflito pulsional*.

Este vai manifestar-se entre as *exigências do princípio do prazer* – ou dos *representantes pulsionais* solicitados pelas características globais do material (estruturais, sensoriais e simbólicas) –, a ser veiculadas e integradas no *processo associativo* que consubstancia uma resposta Rorschach; e *as exigências do princípio da realidade*, ou as exigências de adequação aos limites da realidade perceptiva da mancha, como enquadramento da resposta.

Uma *actividade pulsional desintrincada* arrasta então para o seio do *processo resposta Rorschach*, mobilizações defensivas que em nada facilitam a integração; pelo contrário, estas mobilizações defensivas sustentam-se essencialmente na *clivagem* e na *identificação projectiva patológica*.

A *clivagem* é aqui entendida essencialmente no sentido mais próximo do conceito freudiano, que dá conta da presença de *duas atitudes psíquicas opostas face à realidade externa, quando esta se apresenta de modo a contrariar uma exigência pulsional* (Chabert, C., 1983/1999; Laplanche, J. & Pontalis, J. B., 1990): uma que a toma em conta, outra que a *recusa* e coloca no seu lugar uma produção de desejo (um desejo insatisfeito e, como tal, uma produção de desprazer), sendo que ambas coexistem lado a lado, sem se influenciarem reciprocamente.

Então, se por um lado vão surgir no Rorschach *condutas de controlo adequadas à realidade perceptiva das manchas* (F+), por outro lado vai actuar um *mecanismo de recusa* que dá origem a *bruscas perdas de adequação do controlo perceptivo* (F-), que denotam emergências mais ou menos abruptas do *processo primário*.

A *identificação projectiva*, associada à *clivagem*, vai então revelar-se ao seu serviço (Chabert, C., 1983/1999): por um lado, através de expressões que dão conta de *condutas de controlo perceptivo em que a formalização é bem sucedida* (F+), mas que denotam um esforço de *petrificação das exigências pulsionais*, através da *captação imobilizante do objecto*, que então surge (este último) tendencialmente *sobreinvestido nos seus limites e contornos*; por outro lado, através do também *tendencial fracasso destes*

esforços defensivos (F-), que acaba por fazer surgir um objecto atingido por ataques agressivos de natureza destrutiva, dando conta de uma expulsão sobre o mesmo das partes clivadas do Eu, que então veiculam as reacções de ódio face a um objecto sobreinvestido, mas cujo contacto é predominantemente sentido como uma ameaça à continuidade e integridade narcísica do sujeito.

Estas condutas dão igualmente conta da *porosidade do continente psíquico*, ou da *precariedade dos limites dentro-fora* (Chabert, C., 1983/1999), que então consubstancia a *fácil perda de distância* e justifica as *reacções de ódio que transbordam na perfusão dos limites, entre a natureza desintrincada da pulsão e o seu objecto, conseqüentemente sentido como uma ameaça à integridade narcísica do sujeito.*

A captação das dimensões específicas do *agir*, articula-se então sobre os princípios anteriores, ou seja, o agir é considerado essencialmente como resultado *da actuação massiva da identificação projectiva que, ao serviço da clivagem, arrasta para fora a “cena interna”, como móbil que anima a acção então descarregada sobre o objecto (F-, K-) e consubstanciada em torno de fantasias pulsionalmente enraizadas, não elaboradas, não mentalizadas e conseqüentemente agidas, mormente numa dimensão agressiva* (Dufлот, C., 1996), *ou violenta – violência fundamental* (Roman, P., 1996) –, *auto ou hetero-dirigida* (Corthay-Casot, L. & Halfon, O., 1998).

O *agir* sustende então *a falta de controlo do impulso, a ruptura das barreiras entre o dentro e o fora e a conseqüente confusão entre a fantasia e a realidade* (Dufлот, C., 1996; Jemmet, N., 1989; 1996).

O sentido do *agir* tem sido também explorado, no seio da escola francesa, como *procura de figuração* (Cahn, R., 1987; Claudon, P., 19), tal como já descrevemos, em termos teóricos, através das concepções de N. Jemmet (1989).

Esta dimensão manifesta-se através da *procura de estabilização formal da imagem corporal projectada*, cujo intento põe causa uma *representação de si atingida e fantasmaticamente deturpada*, muitas vezes de modo anatómico (anat.), muitas vezes modo cinestésico (K-), pressupondo a *fragilidade dos limites* e tendendo naturalmente para a *perda de adequação formal* (F-): trata-se aqui, aquém duma actividade

representativa propriamente dita, de *uma procura de figuração das tensões psíquicas através duma representação corporal, equivalente a uma representação de acção.*

b) *A escola americana*

Quanto à *escola americana*, toma como vértice de observação privilegiado, para captação dos fenómenos borderline em geral, através da técnica *Rorschach*, o *défice ao nível da interiorização e integração das funções do self*, a ver no fracasso das funções integrativas e adaptativas do mesmo, dada a actuação massiva de mecanismos de defesa primitivos – mais uma vez, *a clivagem e a identificação projectiva* (Lerner, P. M., & Lerner, H. D., 1980; Carr, A., & Goldstein, E., 1981).

Neste âmbito, Sugarman (1980) vem assinalar o uso excessivo destas defesas através da *qualidade dos conteúdos e da sua dimensão formal (F-)*: *a clivagem* é aqui assinalada, tomando a inspiração no sentido kleiniano do termo, pela *presença alternada de imagens positivas e negativas*; *a identificação projectiva* vem veicular as *partes clivadas do self*, dando origem a *conteúdos de natureza ameaçadora, de pobre qualidade formal e muitas vezes confabulados.*

O autor considera ainda que o *défice ao nível das capacidades integrativas do ego* (mantido pela persistência da *clivagem*), dá também origem à frequência bastante significativa de *tentativas mal sucedidos de circunscrição global (G)* dos objectos, de tipo *impressionista e/ou combinado/distorcido.*

Outro vértice de observação frequentemente adoptado ao serviço destas lógicas é *natureza da relação de objecto*, como bem retratam Blatt, Brenneis, Schimek e Gilk (1976). Estes autores, num estudo não publicado (Universidade de Yale) referido por Farris (1988), tentam estabelecer ligações entre o *nível de organização do pensamento* e a *natureza da relação de objecto*, propondo como meio de acesso ao estado da *representação interna dos objectos, a captação do grau em que os conteúdos humanos (H) são percebidos como íntegros, diferenciados e bem articulados, pressupondo as dificuldades do sujeito borderline em o fazer, dado o défice instalado ao nível das capacidades integrativas do ego.*

Próximo destas lógicas, Sugarman (1980) assinala a propensão borderline para a evocação de *conteúdos humanos parciais* (Hd), em detrimento das imagens humanas inteiras (H).

Kwawer (1979) e Carr e Goldstein (1981), por seu turno, descrevem as *perturbações borderline das relações de objecto* pela percepção de *imagens humanas (ou de objectos) difusas e pobremente delimitadas*, associadas a respostas em que dominam *temas de imersão, incorporação, fusão e vida intra-uterina*.

Estes autores assinalam ainda que a sobre-elaboração das respostas através de material afectivo e temático, em conjunto com uma gama de verbalizações peculiares, denota uma espécie de *preocupação interior que se vem sobrepor à objectividade e representam uma inabilidade para distinguir a estimulação interna e externa*.

Smith (1980) acrescenta a evocação de *imagens simbióticas e de duplo*, sugerindo tratar-se de um tipo de respostas associado à *precariedade da diferenciação dos objectos, típico dos sujeitos borderline*.

Quanto às dimensões específicas do *agir*, no âmbito destes trabalhos (Smith, 1980; Carr, A., & Goldstein, E., 1981), surgem essencialmente como *consequência da falta de controlo do impulso*, revelada principalmente através do *determinante projectivo* (K-).

Esta *falta de controlo do impulso*, que assume uma forma de *descarga compulsiva sobre os objectos* – e surge, como já referimos (Toplin, M., 1987), como consequência secundária do défice ao nível da interiorização das funções dos objectos do *self* –, faz-se então acompanhar e animar por uma *distorção acentuada e destrutiva das tendências naturais para o pensamento fantasista ou fantasmática*.

Os trabalhos através dos quais procurámos ilustrar os contornos gerais e as dimensões essenciais das abordagens *Rorschach* dos fenómenos *borderline* em geral e do *agir* em particular, independentemente da escola e lógicas a que se filiam – evocando a *controvérsia conflito (pulsional) vs défice (relacional)* –, destacam como dimensões fundamentais a assinalar no seio destas problemáticas, *a utilização massiva de defesas*

primitivas – nomeadamente a *identificação projectiva* associada à *clivagem* –, a *falta de controlo do impulso*, a *natureza caótica e pré-genital das relações de objecto* e a *precariedade do continente psíquico*, a *precariedade dos limites Eu-não Eu*, ou a *consequente inabilidade para distinguir entre a estimulação interna e externa*.

Tomando esta revisão de literatura como ponto de partida, procederemos agora a novas integrações.

4- As características gerais do *método Rorschach*, subjacentes aos trabalhos anteriormente referidos, tanto no que concerne à escola francesa, como no que concerne à escola americana, dão conta de uma *situação relacional* mediada pelo instrumento *Rorschach*, em que o sujeito (examinando, a quem são apresentadas as manchas *Rorschach*) deve comunicar as suas respostas ao outro (o psicólogo, quem apresenta as manchas *Rorschach*), sob o pressuposto fundamental de que a resposta comunicada e o processo subjacente que lhe dá origem, toma como ponto de partida determinante a existência de uma *relação inevitável entre percepção e projecção*, que faz com que dar uma resposta seja um processo interpretativo.

Este *processo interpretativo* decorre, necessariamente, quer sob o impacto das características *estruturais e sensoriais* das manchas, *manifestamente percebidas e subjectivamente organizadas com continente da resposta*, quer sob o impacto do seu conteúdo latente, cujo *simbolismo* então remete o sujeito a revelar o modo como pode, ou não, através de uma organização defensiva particular, integrar *dimensões psíquicas fundamentais*, essencialmente constituídas em torno da *sexualidade, da castração, das relações com o corpo, das relações com os parentes, do nascimento, da morte*, etc.

Face a isto, para fundamentarmos as nossas próprias integrações metodológicas, tomemos pois como ponto de partida a noção *interpretação*, subjacente ao *processo resposta Rorschach*.

A noção *interpretação* remete-nos, efectivamente, ao pressuposto mais elementar da *técnica Rorschach*, sobre o qual se erige a globalidade dos procedimentos técnicos até aqui utilizados, independentemente da escola que os promove: a *existência, como já*

referimos, de uma relação necessária entre percepção e projecção, que obriga a que dar uma resposta seja um processo interpretativo.

Contudo, como considera E. Marques (1999), e já assimilámos noutro contexto (Viegas, J. C., 2000), *a projecção é, por definição, um mecanismo de defesa intrapsíquico que actua como defesa contra um derivado pulsional e pressupõe que não haja comunicação nem identificação com o objecto.* Deste modo, não ignorando a sua presença e actuação, o recurso a este mecanismo acaba por ser insuficiente para dar conta das dimensões intersubjectivas, comunicativas e relacionais do *processo resposta Rorschach* e satisfazer os nossos objectivos metodológicos.

Por outro lado (Marques, M., E., 1999), *a identificação projectiva é, por definição, um mecanismo e processo mais dinâmico e relacional* que, como já fundamentámos, *dá conta da relação, contacto, comunicação e empatia entre o sujeito e o objecto.*

Procurando defini-la e relembrando as concepções de Amaral Dias (1992), *a identificação projectiva é um conteúdo que se aloja num continente e, quer continente, quer conteúdo, são formações mentais cuja génese remete à relação com os objectos primários. Compreendemos então que são sempre necessários dois (sujeito e objecto).*

Reside aqui, nesta *condição intersubjectiva*, a possibilidade de poder *criar e recriar continuamente novas relações continente-contéudo, integrar a experiência emocional, transformar, simbolizar e pensar.* Esta é, efectivamente, a natureza dos processos que pretendemos ver reactualizados no aqui e agora da situação relacional *Rorschach*. Então (Marques, M. E., 1999), privilegiando por estes motivos o pressuposto da existência de uma *relação necessária entre a percepção e a identificação projectiva*, que dá conta (esta última) de *duplos movimentos de dentro para fora e de forra para dentro, perceber uma mancha Rorschach passa a ser um processo não passivo e nunca neutro, mas sim activo e criativo:*

Percepcionar uma mancha *Rorschach*, não é só *"reencontrar um objecto real, que tem semelhanças com as representações internas ou com os objectos internos de que se dispõe, a percepção deve ser encarada como um processo criativo, em que o externo e o interno não só comunicam, mas essa comunicação faz com que não seja só o externo*

encontrado no interno e o interno encontrado no externo, mas seja também o resultado transformado desse encontro e comunicação. A percepção é, então, aceder a um novo objecto, através dum processo de criação” (p. 205), através da identificação projectiva, na relação continente-conteúdo.

Deste modo, as manchas apresentadas ao sujeito surgem-lhe como uma *impressão sensorial a organizar* – a partir dum imperativo que decorre da *instrução* dada em contexto específico (“*Diga-me o que é que isto poderia ser*”) –, através de um *processo de percepção/subjectivação, objectivação/objectalização* (Marques, M. E., 1999): *percepcionar uma mancha é então, também, re-conhecer o percebido através de um processo que implica que já tenha sido construída uma forma de representação a projectar para fora, para investir e reconhecer os dados da realidade externa, para captar o sentido que possam conter e, então, designá-los e dotá-los de sentido e significação, através da transformação.*

Mas, para aceder a essa *representação*, como já fundamentámos, ela deve ser uma representação de algo que não só tenha sido *perdido*, como também *investido com alguma satisfação, interiorizado e mantido no espaço psíquico como material para transformação.*

Para além disto e por princípio, *Interpretar* uma mancha *Rorschach* – que se apresenta como uma *harmonia inquietante*, porque estranha e desconhecida –, gera um *sentimento de caos psíquico* que leva o sujeito a *clivar* e a *projectar essa parte sobre o exterior* (Marques, M. E., 1999): o sujeito que passou então a conter em si uma *representação do objecto-mancha*, espera que o outro, o psicólogo, lhe forneça um *continente-quadro para o espaço representativo*, para aí projectar essa representação, ou seja, a *resposta Rorschach* que é comunicada ao psicólogo.

Entende-se então que uma resposta ocorre sempre vinculada à *relação continente-conteúdo*, à *capacidade de assistência do objecto*, através da *identificação projectiva*. Revela-se aqui o valor determinante da *relação psicólogo-examinando e da intersubjectividade do processo em curso*. Na verdade, no contexto global da *situação relacional Rorschach*, toda a gama de processos que se e expressam e revelam,

originam-se antes de mais no seio de uma *relação inicialmente estabelecida entre psicólogo e examinando*, como uma interacção feita de movimentos de contenção recíproca e tecida numa *procura de comunicação, empatia e consenso, portanto, na relação continente-conteúdo, através da identificação projectiva*.

Inicia-se assim um processo de expressão-revelação, através da palavra e da *comunicação intersubjectiva*, que veicula sobre uma queixa o intuito de um *querer saber, de procura de sentido* para uma dor, uma falta, uma lacuna; intuito este, cujas possibilidades de desfecho só podem realizar-se como um processo *construção-criação a dois*, através da *identificação projectiva, na relação continente conteúdo*.

A assimilação ao referencial teórico do *Rorschach*, do *Modelo de Transformações de Bion* (Marques, E., 1944a; 1999), como de seguida descrevemos, permite-nos finalmente integrar globalmente as dimensões do método até aqui apresentadas.

O Modelo de Transformações de Bion

"O"

Facto ou estado inicial (objecto incognoscível);

"T"

Processo de transformação;

"T alfa"

Condições em que se realiza a transformação;

"T beta"

Resultado do processo.

"Invariância"

Em "T beta" permite reconhecer "O" transformado e como opera a transformação.

"Conjunção constante"

Configuração de factos caracterizada pela subversão do sistema de invariância.

O Modelo de Transformações no Rorschach

"O psi" submetido a "T psi alfa" = "T psi beta";

"O suj" submetido a "T suj alfa" = "T suj beta".

Surge então um *novo original* para cada um dos dois parceiros em interacção ["O psi" e "O suj" - novos originais], assim como um *novo original* para o entrecruzamento dos "O" dos dois parceiros, portanto, para a *relação* ["O (psi-suj/suj-psi)"], que contem elementos de ambos transformados, como um verdadeiro *ser a dois*, condição que funda a *intersubjectividade do processo de conhecimento em curso*, adentro do qual o *Rorschach* surge como mediador e facilitador de *expressão e comunicação*:

"O mancha" submetido a "T mancha alfa" = "T mancha beta".

Surgem assim os originais "O mancha" transformados em "O novos originais" (protocolo). Vê-se assim a transição da *pré-concepção* (tarefa) à *concepção* (protocolo), ou seja, a transformação dos "O mancha" em "O novos originais" (protocolo); transformação que contem um *carácter disruptivo (situação catastrófica)* e que consiste numa *configuração de factos ("conjunção constante")*, caracterizados pela *subversão do sistema de invariância*. Por fim:

"O protocolo" submetido a "T protocolo alfa" = "T protocolo beta".

Surge assim um novo original que é a *interpretação que o psicólogo faz sobre as interpretações do sujeito*, que é o *conhecimento* que o segundo atinge sobre o primeiro, mas que é o produto transformado do entrecruzamento que conduz às transformações em "O novos originais" (psi-suj/suj-psi e protocolo) – o primeiro (psi-suj/suj-psi), funda o valor *intersubjectivo do conhecimento obtido*, que o segundo (protocolo) permite destacar.

Quando o examinando consegue tolerar a *situação catastrófica Rorschach*, vê-se então como ele pode usá-la e pensá-la, ou seja, como ele *usa o pensamento*.

A "invariância" dá conta do que permanece inalterado no *processo de transformação*, enquanto a "conjunção constante" é função (também) da consciência do observador, consciente da sua necessidade que a conjunção tenha para si uma significação, *que então é função do amor de si (L), do ódio de si (H) e do conhecimento de si (K) – a relação entre a interpretação do psicólogo e o problema interpretado ocorre então na submissão ao vínculo K (conhecimento).*

Posto isto, uma vez apresentadas as nossas concepções sobre o método e a técnica *Rorschach*, procederemos agora à formulação de procedimentos de análise e interpretação de protocolos *Rorschach*, para a abordagem da problemática que nos ocupa.

9. OS PROCEDIMENTOS

1- Começamos por lembrar que, como já deixámos claro, foi sempre o nosso objectivo estabelecer uma metodologia tecida sob o pano de fundo de uma *teoria do negativo* (Green, A., 1986^a; 1993).

Na verdade, uma vez que o nosso método integra, através dos contributos de M. Emília Marques (1999), *o Modelo de Transformações de Bion*, consideramos que *as transformações ocorrem, na sua dimensão mais abstracta e essencial, sob o pano de fundo do nada, ou seja, sob a condição radical do negativo.*

Relembramos então que Bion (Symington, J., & Symington, N., 1999; Zimmerman, D., E., 2004;) utiliza o símbolo “O” para se referir ao ponto de origem de *uma verdade que não se consegue conhecer, a não ser através dos produtos da sua transformação.*

Este ponto de origem é tributário das qualidades de “verdade original”, “realidade última”, “coisa-em-si”, “númeno”, “infinito informe”, “infinito sem nome”, etc. O que de mais comum se destaca nestas qualidades é uma outra que lhes é intrínseca, ou seja, a qualidade “incognoscível” que dá a “O” a natureza de *algo que não se pode conhecer a não ser através dos produtos das suas transformações.*

Por nossa parte consideramos que, para que uma *resposta Rorschach* se revele como um *processo de transformação*, que resulta da percepção de uma mancha que contém *qualidades psíquicas* essências – nomeadamente, como vamos propor, *o caos e o nada* –, revelando então a natureza da *realidade psíquica do sujeito*, como a sua “realidade última” ou “verdade original”, é necessária *a participação da alucinação negativa, potencialmente induzida por aquelas qualidades (o caos e o nada).*

Isto é, é necessário que *o objecto se apague, como representação da ausência de representação, para que se revele o modo como se transforma em estrutura enquadrante do sujeito.* Revela-se então, através dos *produtos da transformação*, a *natureza imperceptível, não figurável nem representável – incognoscível – da estrutura enquadrante do espaço interno representativo.*

Como tal é nosso objectivo proceder a novas integrações e formular princípios técnicos que permitam redimensionar o *Rorschach*, como “*Espaço Virtual de Alucinação Negativa*” e, deste modo, *avaliar o impacto da presença de fundo do nada e a sua relação com os fenómenos borderline em geral e com o agir em particular.*

Avaliar o impacto desta dimensão através do *método Rorschach*, implica antes de mais renovar e redimensionar o nosso olhar sobre as características intrínsecas ao próprio material, ou seja, redimensionar o nosso olhar sobre a natureza das qualidades psíquicas e perceptivas que reconhecemos serem intrínsecas às manchas *Rorschach*. A este passo devemos proceder seguidamente.

2- Tratam-se efectivamente de novas integrações, uma vez que, relembrando a nossa revisão das concepções *Rorschach* já estabelecidas, independentemente das divergências relativas à *controvérsia conflito vs défice*, a globalidade das abordagens *Rorschach* da *patologia borderline* e do *agir*, acabam por centrar-se essencialmente *na relação entre os mecanismos de defesa primitivos e os conteúdos mentais de natureza fantasmática*, portanto, embora debruçando-se sobre qualidades inconscientes, acabam por centrar-se essencialmente na *positividade dos fenómenos*, desde o momento em que permanecem insensíveis às questões do *negativo* e à dimensão que melhor o define, *a presença de fundo do nada e de uma natureza de angústia fundamentalmente nadificante.*

Contudo, relembramos, *o caos* (Green, A., 1993), que pode encontrar uma solução na pseudo-organização fantasmática do delírio – impregnada pela acção de *mecanismos de defesa primitivos* –, é um mal menos face à eminência do *nada* que se lhe encontra subjacente.

Face a estas constatações, relativamente às concepções já estabelecidas, para que o nosso método esteja apto, pela posterior definição dos procedimentos específicos, a permitir-nos aceder aos objectivos a que nos propomos e delineámos anteriormente, na formulação do nosso problema, devemos então proceder às integrações que, tendo em conta os nossos próprios pressupostos, vão além do que contemplam as formulações anteriores.

O Rorschach como Espaço Virtual de Alucinação Negativa

Assim, consideramos antes de mais que o nosso método deve satisfazer duas condições gerais, básicas e necessárias:

a) Articular uma *perspectiva intrapsíquica*, com ênfase no *funcionamento mental* (e pulsional) do sujeito pensador, com uma *perspectiva intersubjectiva* (relacional) da constituição do sujeito, como sujeito pensador – articulação que nos permitiu inscrever o *agir* na esfera da *relação* –, à qual chegámos através da *aproximação entre as noções Id e elementos beta*, assim como *entre as noções representação e transformação e da assimilação do destino dos elementos beta ao princípio do prazer-desprazer*.

b) Revelar os processos de que dão conta os dois conceitos que se seguem, em torno dos quais se consubstancia a fundamentação geral das concepções teóricas que nos orientam: (i) *a identificação projectiva* e (ii) *a alucinação negativa*.

(i) *A identificação projectiva*

A identificação projectiva normal dá conta da *comunicação* estabelecida *entre o interno e o externo, o sujeito e o objecto*, que ocorre através de *duplos movimento de dentro para fora e de fora para dentro, na relação continente conteúdo*.

(ii) *A alucinação negativa*

A alucinação negativa, que destapa a questão do *nada*, é o mecanismo nuclear que actua no seio dos mesmos processos e *revela o modo como o objecto se apaga e transforma, ou não, em estrutura enquadrante do sujeito*, como um *continente psíquico próprio, organizado pela simbolização*.

Para além disto, numa dimensão técnica, articulada no seio das condições gerais do nosso método, propomos ainda que (i) o *caos* e (ii) o *nada* se encontram intrinsecamente representados no *Rorschach*, como *qualidades psíquicas e perceptivas das manchas* que conferem ao instrumento o estatuto que lhe atribuímos: um “*Espaço Virtual de Alucinação Negativa*”:

(i) *O caos:*

Percepcionar uma mancha *Rorschach*, dado impacto perceptivo-sensorial do seu carácter estranho, desconhecido, disruptivo e *sem-sentido*, gera um *sentimento de caos psíquico que se impõe ao sujeito como um acontecimento psíquico por pensar*;

(ii) *O nada:*

O *caos*, o impacto sensorial e *sem-sentido* da realidade perceptiva da mancha, é um mal menor face à eminência do *nada* que se lhe encontra subjacente, o fundo branco sobre o qual *o objecto se apaga* e o primeiro (*o caos*) se destaca como *um acontecimento psíquico por pensar*.

Sobre a alucinação negativa no Rorschach

O *nada* que se encontra subjacente ao lugar onde *o objecto se apaga*, *impõe-se então como representação da ausência de representação e a alucinação negativa exerce os seus efeitos no momento presente* (Green, A., 1977; 1993):

Incita o pensamento que alucina no fundo branco das suas próprias produções a *repercorrer a trajectória de um movimento pelo qual perceber não é conhecer, é reconhecer e pensar sobre um percebido que é tomado numa configuração em que a informação que veicula se encontra englobada naquilo que a pulsão traz consigo, e se imprime numa dominante perceptiva e sensorial – beta, sem-sentido e tendencialmente caótica –, constituída em torno da modalidade contacto-movimento, presidida pelo par contrastante prazer-desprazer, acoplado às esfera das relações tocado-tocante, em movimento-em detenção, em simbiose-em desamparo, etc.*

Quando o examinando consegue tolerar a *situação catastrófica Rorschach – o caos e a ameaça do nada –*, vê-se então como ele pode usá-la e *pensá-la*, ou seja, como ele *usa o pensamento*. Inicia-se assim o *processo resposta Rorschach* e concebemos assim o *Rorschach como um “Espaço Virtual de Alucinação Negativa”*.

3- Estabelecidas estas dimensões gerais de orientação, passamos agora a descrever os nossos procedimentos, organizando-os através duma releitura dos factores de cotação e análise *Rorschach* (modos de apreensão, determinantes, conteúdos e carácter original ou banal das respostas), tomando igualmente em conta a natureza das temáticas que dão forma às narrativas dos sujeitos, que veiculam modos peculiares de verbalização e pensamos revelarem as *dimensões interpretativas* que assinalaremos:

As *apreensões globais (G)*, sem qualquer elaboração ou participação subjectiva – *G Simple* –, são frequentes e podem ser predominantes. Denotam essencialmente a *pobreza simbólica*, o empobrecimento mental e surgem como reflexo duma *clivagem entre o interno e o externo*, colocada ao serviço da *recusa da realidade psíquica*, como contraponto da *fragilidade das barreiras e da ameaça suscitada pela eminência do contacto entre o dentro e o fora, a pulsão e o objecto*.

Este tipo de *apreensões globais*, sendo predominante, implica então um empobrecimento psíquico geral e uma *subjugação passiva e masoquista à realidade externa*, uma moldagem às modalidades de percepção dominantes e banais, uma *dependência do concreto* e da possibilidade de apreensão dos objectos *pelo contorno formal, sem qualquer investimento, profundidade, participação subjectiva e criatividade, portanto, sem aceder ao estabelecimento de uma comunicação entre o interno e o externo, o sujeito e o objecto*.

Esta dimensão de *passividade e submissão à realidade externa* transparece também, frequentemente, na passividade e submissão de aparência subserviente e masoquista, demonstrada na relação com o examinador.

Estas modalidades *de funcionamento mental e relacional* subscrevem então as lógicas do *masoquismo primário*, que tende ao *desinvestimento*, à *desligação*, e pressupõe um grau muito acentuado de *intolerância à frustração* – ou à adversidade emanada de uma *contrariedade objectal enraizada numa decepção pulsional* –, a par de uma notória *ausência de criatividade e de comunicação e empatia com o objecto*, deixando como último recurso o *apego empobrecido à*

concretude, à superfície da coisa, como manobra radical de evitamento do desaparecimento do objecto.

Por este motivo, na generalidade dos protocolos *border*, as *dimensões simbólicas das manchas* tendem a não ser captadas, ou a ser *recusadas*, mesmo que *reconhecidas*.

A tendência para as *apreensões globais (G)* pode contudo manifestar-se através de múltiplas possibilidades, que se abrem à expressão diversa no Rorschach de outras qualidades de apreensão, frequentes nos funcionamentos *border* em geral, em que os *esforços adaptativos* podem ser menos bem sucedidos, mas demonstram não escapar à mesma linha de interpretação geral:

G Vago – Este tipo de resposta global tende a denotar a *submissão ao percebido*, a determinadas qualidades formais da mancha e, paralelamente, *a falta de solidez das barreiras, a precariedade do continente psíquico, denotando a conseqüente dificuldade em estabelecer um continente sólido e bem delimitado;*

G Impressionista – Este tipo de resposta global, acompanhado de determinantes sensoriais, mais uma vez, quando se faz representar, tende a inscrever-se nas lógicas do *masoquismo primário* e a denotar uma *passividade e submissão à impressionabilidade do material, sem transformação ou criatividade;*

G Confabulado – A presença não rara deste tipo de resposta global, tende por seu turno a denotar um esforço de exploração da mancha que redundará na *confusão entre o continente e o conteúdo*, a fantasia e a realidade, assim como na emergência da *disruptividade sentida no contacto com o dentro, que frequentemente anima temáticas interpenetradas por uma fantasmática destrutiva;*

G Contaminado – A presença deste tipo de resposta global revela essencialmente a precariedade do continente, a confusão entre o dentro e o fora e, frequentemente, mais uma vez, a destrutividade emergente na perfusão dos

limites e no contacto dentro-fora, expressa nas temáticas veiculadas nas narrativas.

As apreensões em *detalhe corrente (D)*, por seu turno, são igualmente frequentes e muitas vezes predominam. Estas tendem a denotar um esforço de procura, através de uma exploração das manchas que visa essencialmente *captar e fixar os objectos, através da identificação projectiva excessiva*.

Estes esforços para captar e fixar os objectos, surgem como expressão de tentativas de *controlo anal* dos mesmos – *aniedade primária* –, para que não escapem, portanto, ao serviço das lógicas de funcionamento mental que regem as modalidades de relação próprias do *masoquismo primário, como manobra radical de evitamento do desaparecimento do objecto*.

Estas tentativas de captar e fixar os objectos ocorrem, mais uma vez, como no caso das apreensões globais, através do *determinante formal (F)*, como *esforços de circunscrição formal e superficial dos objectos*, através de movimentos horizontais que decorrem à superfície das manchas, *sem ligação, criatividade e comunicação entre o dentro e o fora*, portanto, ocorrem ao serviço das *defesas pela realidade (externa), da recusa da realidade psíquica e da clivagem entre o interno e o externo*.

Denotam também, paralelamente, as tentativas e a necessidade de estabelecer um continente – *conteúdo procura continente* –, deixando transparecer a crispação, a dependência e a tendência anaclítica das modalidades de relação com *um objecto procurado como segunda pele*.

No geral, este tipo de relação estabelecida com os objectos, dotado de um *carácter anal sadomasoquista*, que pode encontrar expressões mais ou menos evidentes ao nível das temáticas que alimentam as narrativas, denota *modalidades relacionais sustentadas numa procura que não visa a troca e o prazer compartilhado, mas sim satisfazer reivindicações de ordem narcísica, que carregam as marcas da hostilidade e da necessidade de exercício de domínio e controlo sobre os objectos, para subsistência do sujeito*.

Estes esforços de controlo dos objectos, através da circunscrição formal (F), para que o objecto não escape e não se apague, tal como no caso de muitas apreensões globais, enquanto bem sucedidos (F+), desempenham uma *função defensiva que se encontra ao serviço da clivagem entre o interno e o externo, e impede a emergência da destrutividade evocada pela eminência da perda*. Deve-se ao desempenho desta função defensiva, o tendencial e largo predomínio de respostas formais, sobre os restantes tipos de determinantes.

O *determinante cor (C)*, que contudo não é raro, quando surge, seja associado a apreensões em detalhe (D), seja associado a apreensões globais, como é o caso dos G impressionistas, enquadra-se nas lógicas até aqui descritas, na medida em que tendem a denotar a já referida *submissão ao percebido, à impressionabilidade do material, à realidade externa, sem revelar nenhum tipo de integração da subjectividade num processo associativo/criativo*.

O *determinante estompagem (E)* surge também com uma certa regularidade. Surge habitualmente relacionado quer com a captação de certas banalidades, quer com um registo sensorial e primitivo, que por vezes denota uma *sensibilidades narcísica às dimensões tácteis do contacto, não deixando de revelar também a submissão do sujeito ao percebido, em detrimento das construções simbólicas*.

Quanto ao *determinante choque (Clob)*, quando surge, tende a revelar a *disruptividade incontida no contacto com a mancha, com o objecto, que habitualmente fica aquém das lógicas fóbicas, que veiculam dimensões simbólicas claras, sustidas em movimentos dinâmicos de condensação, substituição e deslocamento*.

Neste quadro, quando marcam presença os *determinantes projectivos (K)*, não se espera pois que revelem actividades associativas que dêem conta duma comunicação criativa entre o dentro e o fora, mas sim que *surjam nas formas de convenção ou próximos do trato banal das manchas ou, por outro lado, denunciando a perda de distância, a disruptividade, a projecção abrupta e incontida e a conseqüente incapacidade de integração dos conteúdos mentais*

emergentes, no contexto de narrativas que veiculam de vários modos expressões de destrutividade (K-).

As captações através do *determinante formal vago e impreciso (F+/-)*, associadas a apreensões em D, tendem também a surgir com uma frequência variável. Mais uma vez, a sua função de base não difere de quando surgem associadas a apreensões globais, ou seja, aos G vagos.

Denotam *quer a submissão a determinadas características perceptivas do estímulo*, desde que não sugerem nenhum tipo de processo associativo/criativo, *quer a procura e a dificuldade em circunscrever os objectos através de um continente sólido e bem definido, como reflexo da fragilidade do continente psíquico do sujeito.*

Nestes movimentos de procura de continente, os movimentos que servem tentativas esforçadas de *controlo formal (anal)* dos objectos, as perdas de *adequação formal (F-)* são, contudo, uma tendência a que o sujeito não consegue escapar.

Estas podem surgir em qualquer cartão, no contexto de *emergências disruptivas que acabam por gerar perda de distância e movimentos projectivos excessivos, que arrastam para fora as qualidades destrutivas do interno*, mas são facilitadas pelos cartões menos configurados, dado que estes dificultam bastante mais as possibilidades de moldagem ao campo do percebido e, deste modo, induzem facilmente à disruptividade acentuada, *dado o fracasso das defesas pela realidade e a conseqüente evocação da revivescência alucinatória da perda, que inviabiliza bruscamente a manutenção da distância.*

Por este motivo os cartões VI e IX (menos configurados), por exemplo, são frequentemente sujeitos *a recusas, à defesa pela retirada.*

Quando colocamos esta questão *das perdas de controlo formal (F-)* – *que revelam a emergência da disruptividade, associada à perda de eficácia das defesas pela realidade, às dificuldades de moldagem ao campo do percebido e,*

consequentemente, à revivescência alucinatória da perda –, entramos no campo em que se opera a passagem às dimensões específicas do agir, que então sustentam a ocorrência da alucinação negativa; esta, como já fundamentámos, revela o modo como o objecto se apaga e transforma, ou não, em estrutura enquadrante do sujeito.

A ocorrência alucinação negativa deve portanto revelar, nos casos que nos ocupam, não a transformação do objecto em estrutura enquadrante do sujeito, mas sim a revivescência alucinatória da perda vivida de modo destrutivo.

Assim, na sequência dos movimentos regredientes, a que a alucinação negativa obriga, a ausência de movimentos progredientes, no lugar dos quais o sujeito não recupera do mergulho regressivo, dá lugar à emergência da destrutividade (o objecto perdido não pode ser substituído), que revela a precariedade do continente psíquico, a inoperância do pensamento e a evacuação dos conteúdos emergentes, como saída tendenciosa.

Ou então, mais uma vez, como contrapartida e saída alternativa, pode surgir a recusa, ou a retirada narcísica e o retraimento sobre si, muitas vezes traduzido através da centração na simetria, ou da sensibilidade narcísica às dimensões sensoriais manchas (principalmente em E), no contexto de temas regressivos, duplo, de quietude, de passividade.

Quanto à evacuação, como já argumentámos de vários modos, aos conteúdos evacuados preside contudo um “querer implícito”: conteúdo procura continente.

Tal intuito é notório na atitude de busca e de circunscrição formal dos objectos, que precede e/ou antecede os movimentos evacuativos e se sobrepõe à presença de uma actividade simbólica efectiva.

Esta atitude de procura de continente, que tendencialmente se mostra irrealizável e acaba por se revelar fracassada, é muitas vezes anunciada por movimentos alternados de ampliação e redução do campo perceptivo, que

expressam os esforços para estabilizar os objectos e a dificuldade encontrada em o conseguir.

Tais movimentos tornam-se então visíveis em sequências que oscilam, por exemplo, da globalidade (G) para o detalhe corrente (D), do detalhe corrente para o detalhe raro (Dd), do detalhe raro para o detalhe corrente ou para a globalidade, etc.

Através destes movimentos os objectos acabam por ser sujeitos a uma *sobre-interpretação (de qualidades confabuladas, contaminadas, parciais, etc.)*, que se faz acompanhar pela *disruptividade emergente, face à dificuldade em estabilizá-los.*

A disruptividade emergente pode então conduzir, quer à retirada narcísica, ao retraimento, à recusa, quer à emergência brusca de movimentos projectivos-evacuativos incontidos, que denunciam a fácil perda de distância e atingem os objectos, que então surgem partidos, danificados, esmagados ou destruídos, como prolongamento do ataque sentido à integridade narcísica do sujeito.

Naturalmente, referimo-nos aqui aos efeitos potenciais da *alucinação negativa*, no momento em que a dificuldade em estabilizar o objecto dá conta do desaparecimento do mesmo, dá lugar ao seu apagamento e revela o modo como se apaga, pondo à prova as capacidades elaborativas mente, face à *ameaça do nada.*

Nos casos border, a alucinação negativa do objecto, a representação da ausência da representação, dá lugar a emergência do vazio (a ausência de rasto recuperável do traço mnésico representativo), que destapa a ameaça do nada e expõe a mente a um tumulto de elementos beta que não podem ser contidos, integrados e transformados, dada a precariedade do continente, as lacunas do simbólico, consubstanciadas na falha da função alfa, revelando-se então a frustração e a intolerância à frustração, reflectidas na disruptividade emergente, que coloca a evacuação, através identificação projectiva excessiva,

como uma solução tendencial. Ou, como contrapartida, repetimo-nos, resta a retirada e o retraimento narcísico sobre si.

Mas nos casos em que a mente passa a funcionar através de um *modelo de evacuação-acção*, contudo, *aos conteúdos evacuados, através da identificação projectiva excessiva, como preludio do agir, preside um “querer implícito” que revela como intuito subjacente e determinante, a procura de continente:*

Conteúdo procura continente, no enquadramento da acção, em que o objecto (e o outro) não pode deixar de ser tomado na perfusão dos limites, sob toda a gama de equações simbólicas, que traduzem como categorização geral a condição destruído-destrutivo.

Quanto às *apreensões em pequeno detalhe, ou detalhe raro (Dd)*, assim como em *detalhe oligofrénico (Do)*, quando surgem no contexto de exploração das manchas, como movimentos de redução da percepção a que anteriormente nos referimos, não se espera que a sua interpretação, embora no seu campo próprio, venha contrariar as lógicas até aqui descritas, nem que venha introduzir novas dimensões, que escapem às possibilidades abertas pelo enquadramento que até aqui delineamos.

Quanto às *apreensões de detalhe branco (Db1)*, que naturalmente também marcam a sua presença no âmbito dos esforços diversos de exploração e controlo das manchas, representam habitualmente, quer momentos de *sideração na falha, na lacuna, como reflexo duma identidade atingida, quer a inversão figura fundo, que revela a tendência para a confusão entre o dentro e o fora, o continente e o conteúdo e, portanto, a precariedade do continente psíquico.*

Quanto ao *masoquismo primário*, pode encontrar também a sua expressão na falta de criatividade revelada na *tendência para a repetição e falta de diversidade dos conteúdos,*

A frequência significativa de *conteúdos banais* é também esperada e deve enquadrar-se nestas lógicas, dando conta essencialmente da *submissão passiva à*

realidade externa e duma relativa eficácia do recurso às defesas pela realidade, facilitado por uma percepção agarrada aos tipos de reconhecimento comuns.

Por outro lado, como é evidente, os conteúdos poderão igualmente remeter para perdas de adequação formal e/ou serem tributárias das qualidades de vago, impressionista, confabulado, contaminado, parcial, etc., que fornecem enquadramento às temáticas que animam as narrativas e cujas dimensões interpretativas predominantes já assinalamos.

As esperadas *emergências bruscas da disruptividade incontida* – que ocorrem num contexto de exploração das manchas regido pelas lógicas *da analidade primária e do masoquismo primário* (onde se podem revelar as sequências a que nos referimos, de aumento/redução do controlo perceptivo), portanto, num contexto de *procura de continente* que se conduz tendencialmente ao fracasso (F-) –, tendem a dar origem ao surgimento de *objectos (conteúdos) atingidos, partidos, danificados ou destruídos (corpo esmagado, desmembrado, distorcido/deformado, objectos bizarros, temas de ruína, desmoronamento, fusão destrutiva, contacto explosivo, etc., etc.)*.

Este tipo de objectos atingidos na sua integridade, surgem no prolongamento do ataque sentido à própria integridade do sujeito e, como tal, são investidos de características persecutórias e alvo de ataques destrutivos.

Destrutividade esta que, no sentido em que reverte à sua origem “in sujeito”, faz justiça às interpretações clássicas baseadas na *projecção de um corpo próprio não íntegro e atingido (identidade atingida)*.

Portanto, o objecto é tomado no campo da simetria, da equação simbólica (destruído-destrutivo) e da acção que então o atinge numa dimensão fantasmática, consubstanciada na confusão dentro-fora, sujeito-objecto, mas cuja primeira condição reside no fracasso das tentativas de estabilizar um continente para os conteúdos mentais emergentes, num contexto de precariedade radical.

Portanto, subjacente à revelação clara de uma *propensão para a acção*, como desenlace fantasmaticamente animado e conseqüente à *emergência brusca da disruptividade*, encontra-se a ocorrência da *alucinação negativa*, no momento em que o objecto se apaga, escapando com ele o continente procurado. *Neste sentido o objecto persecutório, o mau objecto é, efectivamente, o objecto ausente.*

A disruptividade acentuada surge então como reflexo do arranjo caótico dos conteúdos mentais emergentes (beta, pulsionais desintrincados, impensáveis), aos quais se encontra subjacente uma ameaça maior, a ameaça nada, dado o desaparecimento do objecto e a insubstância do continente.

Toda a *dimensão fantasmático-destrutiva* (os maus objectos) aqui revelada, erige-se então no lugar onde se assoma a *ameaça do nada*, e como meio para lhe escapar.

Portanto, esta *actividade fantasmática-agressivo-destrutiva*, revelada através dos objectos por ela atingidos, deturpados, danificados e, como tal, não transformados, dá conta da desorganização caótica dos conteúdos mentais emergentes, que não podem encontrar solução através do recurso a um continente psíquico próprio – *o nada que se encontra subjacente ao arranjo caótico dos conteúdos mentais emergentes, empurra para a evacuação-acção, como meio de lhe escapar.*

Esta *solução pela evacuação*, em última instância consubstanciada na *violência da acção*, opera sempre sobre o objecto, uma vez que se trata sempre de uma *manobra radical de procura de continente que não pode ser solucionada dentro.*

O agir revela-se aqui, portanto, como temos vindo a fundamentar, como à priori inscrito na relação e como procura de continente, de transformação e simbolização.

Mas eis que os objectos não surgem transformados, mas sim atingidos, danificados ou destruídos, *dada a falência do continente psíquico, procurado*

estabilizar, em último recurso, na dimensão irracional, no sentido de impensável, da acção empreendida.

Como última nota sobre os conteúdos das respostas, uma relação estabelecida entre os conteúdos Rorschach e a qualidade do continente psíquico do sujeito, desde que resultante da percepção de uma resposta integrada numa narrativa global, só aparentemente pode ser considerada superficial. Os conteúdos Rorschach do tipo a que nos referimos, como continentes das respostas e, portanto, como reveladores sensíveis do processo de simbolização que se lhes encontra subjacente, tendem a revelar precisamente a precariedade desta última (a simbolização), como continente psíquico do próprio sujeito.

Uma vez descritos os nossos procedimentos, que pressupõem a nossa releitura dos *factores de cotação Rorschach*, com vista a adaptá-los à concretização dos nossos objectivos, cabe-nos proceder, com base neles, após a apresentação dos nossos sujeitos, *à análise e interpretação das narrativas/protocolos Rorschach.*

10. OS SUJEITOS

As *narrativas Rorschach* dos nossos sujeitos, a Sónia, a Helena, o Luís e o Manuel (anexos I, II, III e IV), foram recolhidas em contexto próprio, no Serviço de Psiquiatria do Hospital Amadora Sintra, em Lisboa, onde foram diagnosticados com patologia *borderline*.

A Sónia tem 21 anos. Não concluiu a escolaridade obrigatória. Vive com a mãe e com irmãos, com quem tem uma relação muito conflituosa. Fez várias tentativas de suicídio (ingestão de medicamentos, corte de pulsos) e por diversas vezes procedeu a automutilações (cortes diversos).

A Helena tem 45 anos. É casada e tem três filhos. Expressa sentimentos de raiva e desespero, num dum discurso marcado por uma intensa labilidade emocional, através do qual relata comportamentos de marcada impulsividade (episódios de auto e hetero-agressividade). Fez três tentativas de suicídio por ingestão de medicamentos.

O Luís tem 42 anos. É casado e refere encontrar-se fechado e retirado da relação com a família (mulher e pais). Em grupos mais alargados diz sentir-se menos retraído do que junto das pessoas que lhe são íntimas. Apresenta um discurso corrido mas muito racionalizado, com pouca implicação afectiva. Interessa-se pela área das artes plásticas.

O Manuel tem 40 anos. É divorciado e tem três filhos. Apresenta uma estabilidade profissional importante, mas diz que a nível afectivo sempre foi muito instável e retraído. Relata vivências de vazio e de perda de sentido na vida.

11. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS PROTOCOLOS RORSCHACH

Protocolo da Sónia

Cartão I

Face ao impacto do primeiro cartão, a Sónia entra na expressão de um modo bastante peculiar, através de uma atitude de exploração que percorre a mancha quase na totalidade, e corresponde a diversos *movimentos de ampliação e redução do campo perceptivo*.

Assim, surgem duas caras (D lat.), duas mãos (Dd →Do), uma pessoa (D cent.), uma cara de animal (Dd).

Estes *movimentos de procura através da ampliação e redução do campo perceptivo*, parecem denotar, numa primeira abordagem do protocolo, um *esforço de circunscrição formal dos objectos, para tentar fixa-los, retê-los e estabiliza-los*.

Este esforço parece corresponder a uma *procura de continente, onde um campo de sentido possa ser alcançado*.

Contudo, *a criação de sentido não se mostra realizável*, pois os conteúdos, captados de um modo meramente formal, surgem desprovidos de um contexto temático, que os integre e lhes confira significação – *As repostas são mediocres do ponto de vista dos processos de simbolização*.

Os movimentos em questão parecem também veicular *o excesso de identificação projectiva que os mobiliza, ao serviço dos esforços activos de procura de continente*.

O *tipo de funcionamento mental e os modos de relação estabelecidos com os objectos* parecem, nesta primeira abordagem do material fornecido pela Sónia, corresponder às lógicas da *analidade primária*, que permitem o aferramento aos objectos e a contenção (F+) da emergência de qualidades disruptivas do mundo interno.

Contudo, por outro lado, estes esforços tendem a não ser satisfatórios, pois redundam tendencialmente em objectos parciais, denotando *a dificuldade em aceder a um objecto íntegro, que parece ser procurado nas partes interiores, laterais e nos contornos da mancha, mas que tende a não se deixar estabilizar*.

No momento em que um conteúdo humano inteiro é destacado, de modo pouco seguro, no seio da mancha (parece uma pessoa / resposta 2), o movimento seguinte denuncia a *tendência do objecto para escapar e ser perdido na parcialidade* (cara / Ad / resposta 3).

Contudo, se os esforços de procura se mostram dificultados e infrutíferos, a Sónia persiste neles, como demonstra a continuidade do protocolo.

Cartão II

No cartão II, as evocações simbólicas relacionais, libidinais e agressivas, não são integradas nas respostas e permanece o tipo anterior de abordagem da mancha, fiel às mesmas lógicas de funcionamento mental e de relação com a realidade, através de *movimentos de ampliação e redução do campo perceptivo (D-Dd-D), destituídos de desenvolvimento temático*.

As respostas são secas e os movimentos são horizontais, à superfície das manchas, limitados à realidade externa, denotando uma *ausência de comunicação entre o interno e o externo, na qual escapam as possibilidades de simbolização e de criação de sentido*.

Desta vez a Sónia acede a um conteúdo humano inteiro (duas pessoas / H / resposta 4), sendo que no segundo movimento de exploração da mancha o campo perceptivo reduz e o objecto tende novamente *a perder-se na parcialidade* (duas caras / Hd / resposta 5).

Um novo movimento de exploração da mancha permite ainda a manutenção da adequação formal até aqui conseguida, através duma resposta bastante comum (borboleta / resposta 6).

Os conteúdos continuam a ser dados de modo tematicamente descontextualizado e desligados entre si, desprovidos de significação, *fazendo contrastar os esforços de procura com a precariedade do sentido.*

Cartão III

No terceiro cartão, a Sónia percorre a totalidade da mancha, através da apreensão isolada de cada uma das suas partes, denotando o esforço já assinalado de circunscrição formal dos objectos, para *tentar fixa-los e estabiliza-los, através do controlo anal – analidade primária –*, *que parece corresponder a uma procura de continente, através da qual, contudo, o campo de sentido insiste em não ser alcançado.*

Inicia em G, com a apreensão de figuras humanas inteiras (resposta 7), numa mancha em que a evidência formal do conteúdo humano, permite captá-lo facilmente, na sua totalidade e integridade (G Simples K+ H Ban).

Mas o conteúdo humano inteiro, facilmente captado, será qualitativamente dividido, para passar a adicionar partes, num *movimento em que se compromete a diferenciação dos atributos sexuais* (metade homem, pelo órgão sexual masculino, metade mulher, pelo peito).

A boa contenção formal da resposta, não permite contudo a criação de sentidos diferenciados e articulados, surgindo a declarada confusão entre o masculino e o feminino.

Na continuidade dos movimentos de exploração da mancha (resposta 8), vai então surgir um conteúdo anatómico, o interior do corpo e, novamente, a parcialização.

Nesta sequência, a captação confusa dos elementos de diferenciação sexual (resposta 7), parece ter introduzido um acréscimo de ansiedade que vem dar origem à passagem pelo conteúdo anatómico (pulmões), e à *confusão duplamente instalada: entre o masculino/feminino e o interior/exterior do corpo* (o dentro e o fora são colocados no mesmo plano, através de movimentos horizontais).

De seguida, face ao acréscimo de ansiedade acumulada, vai surgir então a primeira *perda de controlo formal* (kan- / pássaros / resposta 9), *a vertigem* (estão a cair), *a alucinação negativa do objecto*.

A Sónia reage pela *permanência no esforço de procura*, inverte o cartão tentando superar as dificuldades encontradas, sem conseguir recuperar o controlo formal (um insecto / F- / resposta 10).

O conteúdo insecto, cuja dimensão fobogénica pode comprometer-se com conotações fálicas e, portanto, sexuais em geral, parece reagir, por hipótese, ao *movimento de procura onde a falta de sentido se comprometeu com um questionamento do corpo sexuado, onde os atributos masculino e feminino surgem misturados e indiferenciados*.

Persistindo no esforço de busca, a Sónia consegue finalmente recuperar a adequação formal, mas esta recuperação é conseguida à custa de um movimento de *restrição da percepção e do conteúdo* da resposta, facultando apenas o *aferramento a um objecto humano parcial e dessexualizado* (caras / Do Hd / resposta 11).

Em detrimento da criação de sentido, a Sónia consegue recuperar a adequação formal pelo aferramento ao objecto e consegue conter um funcionamento tendencialmente agido, que parece querer revelar-se, dado o excesso de procura de continente, que dá conta da precariedade do mesmo.

O conteúdo em questão, caras, que até aqui surge em todos os cartões, denota também muita *tendência para a repetição*.

Cartão IV

Após a recuperação do anterior mergulho regressivo, através do *aferramento anal* a um conteúdo humano parcial e dessexualizado (caras / resposta 11), no presente cartão, de simbolismo masculino/paterno predominante, que coloca em cena as dimensões simbólicas de força, potência e virilidade (e, portanto, sexual), a Sónia inicia mais uma vez com uma apreensão global bem sucedida do ponto de vista formal (G Simples F+),

mas cuja natureza do conteúdo dá conta de uma *reacção ansiogénica e de mal-estar, face às evocações simbólicas em questão* (Clob (H) / resposta 12).

De seguida o impacto disfórico da mancha conduz novamente a um aumento do *esforço de controlo, visível na redução do campo perceptivo*, que acaba por denotar, com o cunho da *repetição*, uma tentativa de *aferramento* a um objecto/conteúdo humano, parcial e dessexualizado (cara / Hd / resposta 13), cujo continente formal desta vez se mostra ineficaz (F-) – *Repete e não se adequa à diferença de contexto*.

Finalmente, continuando a *insistir nos movimentos de procura*, torna a *repetir* e surge novamente o insecto, ou lagarto (resposta 14).

O conteúdo fobogénico (insecto-lagarto) impõe-se mais uma vez à percepção, desta vez num cartão de conotações predominantemente fâlicas, reforçando a hipótese anteriormente colocada de *uma procura de sentido que fica comprometida no questionamento corporal, não mentalizado, da diferenciação sexual e da virilidade*.

No inquérito a resposta adicional reafirma a reactividade fóbica, acrescentando uma dimensão de nojo/repugnância, dada pela natureza do conteúdo (F- / larva).

O protocolo declara já muita *repetição, embora esta pareça estar ao serviço da procura de continente, onde o sentido que tende a escapar se possa vir a definir e articular*.

Por outro lado, a repetição e o excesso de procura de formalização, sem comunicação e empatia com o objecto, dão conta de um tipo de funcionamento mental e de estratégias de relação com os objectos, que subscrevem as lógicas do masoquismo primário e da analidade primária.

Cartão V

Neste cartão, de fácil figurabilidade, a Sónia capta a banalidade (G Simples / resposta 15) e continua a exploração da mancha através dos *movimentos habituais de redução/ampliação* (G-D-Dd), *quer do campo perceptivo, quer do conteúdo*.

A *repetição* continua a ser uma constante no protocolo, quer ao nível dos conteúdos parciais (respostas 16 e 17: caras, cabeças), quer ao nível do funcionamento mental que então se revela.

Os conteúdos continuam pois a apresentar uma tendência para o parcial e, em termos de sequências, permanecem *sem ligação* entre si (morcego / cabeça de coelho / caras), denunciando *uma total falta de sentido*.

Cartão VI

Quanto ao cartão VI, pouco mais se pode dizer. As lógicas são as mesmas e os conteúdos são todos repetidos (cabeça, órgão sexual masculino, caras), sendo contudo conseguido o recurso ao elemento de contenção formal (F+ / respostas 18, 19 e 20).

Inicialmente a resposta 18 vem conotar o simbolismo sexual/masculino transparente da localização (D sup.), com uma cabeça de raposa, um animal de pouca confiança.

De seguida (reposta 19) surge a *concretude* sem mais (órgão sexual masculino), denotando a *não apreensão simbólica dos objectos*.

Finalmente duas caras, um conteúdo humano parcial (Hd) e assexuado, cuja *repetição* insiste no seio do próprio cartão (duas caras e mais duas caras), e que denota a *inviabilidade do acesso à integração das dimensões simbólicas da mancha*.

Quanto à *repetição*, ela afirma-se já de modo muito extremo e muito excessivo, parecendo estar sempre ao serviço de uma *procura de continente e de sentido, que questiona insistentemente o corpo parcial, entre a cabeça/cara e os atributos sexuais*.

Mas, na globalidade do protocolo, *a integridade do objecto tende a escapar, quer na parcialidade (Hd, Ad), quer na perda de adequação formal (F-), quer na dificuldade de integração das dimensões sexuais e dos seus correlatos simbólicos*.

Efectivamente, a *procura* reafirma-se incessantemente através da *repetição*, como *evacuação de conteúdos para os quais o continente simbólico tende a escapar, persistindo a assímbolia*.

A *tendência para o acção* parece revelar-se no protocolo, até este ponto, através deste *excesso de repetição/evacuação dos conteúdos que procuram continente e sentido através de elementos predominantemente corporais (A-Ad-H-Hd), sugerindo a hipótese de um corpo próprio permanentemente questionado, como lugar onde a frustração pode ser, em última instância – face à falta de sentido e ao vazio (o nada) que então se instala –, procurada evacuar através da auto-agressão*.

Cartão VII

Neste primeiro cartão de simbolismo feminino/materno predominante, a Sónia entra na expressão com boa adaptação perceptiva (G Simples) e através de um movimento projectivo subtil, revelado no inquérito através de uma *temática narcísica* (olham-se / K+ / resposta 21).

O movimento projectivo, ainda que subtil, introduz *a ansiedade no contacto e surge a centração na falha* (Dbl), *o objecto escapa, a alucinação negativa ocorre, dando mais uma vez origem á repetição* (insecto / F- / resposta 22).

A Sónia repete através do conteúdo ansiogénico, desafectuado e repelente no contacto, que dá conta da precariedade da representação interna e da natureza das dificuldades afectivas interiores, *cujos conteúdos a que dão origem são evacuados e atingem o objecto, que então surge deformado e contaminado pelas características do mundo interno, assinalando a porosidade dos limites entre o interno e o externo*.

A alucinação negativa do objecto exerce os seus efeitos, o objecto escapa e não é recuperado.

Cartão VIII

Na sequência do anterior movimento e no contacto com o primeiro cartão da série pastel, a Sónia recupera e reinicia, retomando a adaptação perceptivo de base, facilitada pela fácil captação da banalidade (F+ A Ban / resposta 23).

Contudo, a entrada na série pastel, indutora de afectos múltiplos e variados, assim como do apelo à troca afectiva com o meio externo socializado (cartão VII), vai dar origem a um aumento notório, tanto do número de respostas, como do nível de desorganização.

Assim, na continuação da exploração do campo perceptivo, após a captação da banalidade (resposta 23), a Sónia vai encontrar dificuldades acrescidas nos esforços de formalização das restantes partes da(s) mancha(s), dada a menor figuração das mesmas e, frente ao impacto sensorial da multiplicidade das cores, vai surgir uma *série caótica de conteúdos, tendencialmente evacuados: útero; monstro; borboleta; pessoa; caveira de animal.*

Efectivamente, face ao impacto tumultuoso e invasivo das características estruturais e sensoriais da mancha, o controlo anal dos objectos (analidade primária) vai falhar, as defesas pela realidade externa sucumbem (F- / respostas 24 e 25), o objecto escapa e o esforço de procura através da mancha dá origem à alucinação negativa.

A alucinação negativa exerce os seus efeitos e surge assim o interior do corpo, o útero (resposta 24), que é também o órgão de fertilidade feminino, que vai dar origem a não menos que um monstro (resposta 25) – A perfusão dos limites dentro-fora e a evacuação das qualidades destrutivas do interno.

Metaforicamente, surge a monstrosidade *in útero* e a *descarga pela acção*, que então pode reclamar exercer-se *sobre o corpo*, como auto-mutilação e, no extremo, como total destruição de si.

Contudo, no seio do *caos*, a Sónia não desiste dos esforços de procura de continente e consegue recuperar a contenção formal, mas através de um conteúdo

descontextualizado, que em nada enriquece o campo de sentido, o campo do simbólico (uma borboleta / F+ / resposta 26).

De seguida, a continuação da procura através da *redução do campo perceptivo*, vai dar novamente origem ao *acréscimo projectivo* (Dd kp / resposta 27), e o *excesso de identificação projectiva dá novamente origem à perfusão dos limites*.

O objecto acaba por escapar na redução do campo perceptivo, a alucinação negativa do objecto insiste e surge novamente o movimento evacuativo das qualidades destrutivas do interno, sobre o objecto presente na esfera da percepção – caveira de animal (F– Anat. / resposta 28) –, movimento regressivo do qual não recupera, denunciando a prevalência da evacuação e a tendência para a acção, predominantemente ligada a conteúdos/continentes corporais de precária qualidade, que surgem ao longo de todo o protocolo: Hd, Ad, Anat., (H), etc.

Cartão IX

No cartão IX, a interpenetrabilidade dos limites e das cores já não permite a recuperação, o excesso de repetição instala-se, o campo do sentido é radicalmente inviável e permanece a evacuação, como prelúdio da acção, de conteúdos parciais (Ad-Hd-Ad), *bizarros ((A)) e caoticamente desorganizados/desorganizantes: cabeça de insecto; caras; cabeça de animal; monstros* (respostas 29, 30, 31 e 32).

Cartão X

Face à dispersão da multiplicidade de formas e cores do cartão X, *a desorganização caótica permanece*, através de um aumento mais acentuado do número de respostas, que dá conta de um *uma mente bombardeada por um tumulto de elementos beta, sem sentido e apenas aptos à evacuação* (respostas 33 a 40), *dada a precariedade da função alfa*.

A identificação projectiva predomina amplamente sobre a função alfa e o pensamento funciona sob um modelo de acção: não há transformação, apenas deformação originada pela evacuação (sete respostas F-).

No seio de um tumulto caótico, a *procura de fixar os objectos e estabelecer um continente não cessa* e a recuperação da adaptação formal surge inesperadamente (uma pessoa / F+ / resposta 37), mas com o cunho da *repetição* e claramente insuficiente para conter a desorganização; *o objecto torna a escapar e a confusão e a bizarria dos conteúdos evacuados, tornam-se extremas: cara de gato; cara de pássaro; monstrosinhos* (respostas 38, 39 e 40).

Em suma, a evacuação do sem-sentido como última saída e prelúdio da acção, face à emergência do nada.

É notório que nos primeiros sete cartões Rorschach (acromáticos), os esforços de procura a que a Sónia procede, denotam uma adaptação perceptiva de base, com poucos momentos de derrapagem.

Esta adaptação perceptiva de base sustende a manutenção de uma *clivagem entre o interno e o externo*, através do *aferramento aos objectos* e das *defesas pela realidade* (externa), que inicialmente operam com relativa eficácia.

Contudo, com a entrada na série pastel e com *o impacto sensorial de uma multiplicidade de cores e formas*, esta organização defensiva sucumbe, a *excessiva porosidade do continente revela-se e os processos evacuativos passam a predominar*.

Conclusões:

As narrativas da Sónia, *tematicamente descontextualizadas e muito pobres do ponto de vista da simbolização*, dão conta do *exercício e sobre-investimento de uma função de captação dos objectos* que, de acordo com as possibilidades de *funcionamento mental e relacional* descritas nos nossos procedimentos, actua através de *movimentos muito persistentes, de ampliação e redução do campo perceptivo*.

Estes movimentos de ampliação e redução da percepção que, tal como também estipulámos nos nossos procedimentos, ocorrem através de um *excesso de formalização* (F), denotam *uma procura esforçada de continente e visam fixar e estabilizar os objectos, para que não escapem.*

Contudo, estes esforços decorrem *sem comunicação e empatia com os objectos*, revelando muita *repetição* e um *excesso de identificação projectiva*, que interpenetra os modos de relação estabelecidos com os objectos, ao serviço das lógicas que regem a *analidade primária e o masoquismo primário.*

Efectivamente, se por um lado *o sobre-investimento da função de captação do(s) objecto(s)*, como uma *procura de continente* muito activa e persistente, revela a *necessidade* extrema do(s) mesmo(s), por outro lado o contacto com o(s) objecto(s), dado o *excesso de identificação projectiva e a falha ao nível da comunicação e empatia* com o(s) mesmo(s), acaba por revelar *a persistente adversidade e disruptividade* que conduzem ao *fracasso da formalização e a um excesso de repetição que arrasta dimensões de natureza fóbica e bizarra, como emanações do mundo interno que contaminam as formas de percepção, captação e relação com os objectos e com a realidade.*

A insistência *nos movimentos de procura*, contudo, revela que os esforços dispendidos e o *excesso de repetição*, se encontram ao serviço da *procura de sentido, que tende a escapar na parcialidade dos conteúdos e nas perdas de adequação formal.*

Esta *procura muito persistente de um continente*, onde os sentidos se possam gerar e articular, ocorre predominantemente através de *conteúdos corporais, que tendem a escapar na parcialidade e na desadequação, dando conta de um corpo permanentemente questionado, principalmente ao nível das exigências sexuais mal integradas, como lugar onde, em última instância, a frustração pode ser tentada evacuar, através da auto-agressão.*

Deste modo, *o excesso de identificação projectiva*, que actua face à *ausência de sentido*, acaba por dar origem a *movimentos evacuativos, que fazem surgir séries de conteúdos*

totalmente caóticas, desorganizadas e desorganizantes, como melhor revelam as respostas à série pastel.

Efectivamente, tal como fundamentámos nos nosso procedimentos e como melhor ilustram as respostas à série pastel, o objecto escapa no seio do *caos* induzido pelo impacto sensorial da multiplicidade pouco estruturada de cores e formas das manchas, e a *alucinação negativa exerce os seus efeitos, destapa a ameaça do nada, originando a evacuação de séries de conteúdos tendencialmente parciais e bizarros, desorganizados e desorganizantes, que não encontram um continente psíquico onde se alojar e ser pensados (F-), revelando deste modo a tendência para o acting.*

A identificação projectiva predomina amplamente sobre a função alfa, e o pensamento funciona sob um modelo de evacuação-acção.

Contudo, *aos elementos evacuados preside o “querer implícito” dos conteúdos que procuram continente, sentido e simbolização, tal como bem revela a persistência estonteante dos esforços procura.*

Protocolo da Helena

Cartão I

A Helena entra na situação *Rorschach*, através de uma apreensão global da mancha (G Simples), evocando um *conteúdo banal* (morcego / resposta 1).

Contudo, a percepção subtil de *elementos de conotação agressiva* (estas coisitas / inquérito: Dd sup.), parece introduzir alguma inquietação ao nível da percepção do conteúdo banal.

Na segunda resposta, mantêm-se o tipo de apreensão global (G Simples) e a evocação de outro conteúdo banal (borboleta), a par de um *esforço para comparar a mancha com algo de concreto e conhecido, como forma de conter a inquietação instalada*.

Do ponto de vista temático, tratam-se de duas respostas que parecem *contrapor o repelente e o agressivo* (morcego), *ao bonito e ao frágil* (borboleta).

Cartão II

Face ao impacto do segundo cartão *Rorschach*, e das suas fortes solicitações libidinais e agressivas, no contexto relacional, a Helena apresenta um tema de luta/competição (com participação projectiva e boa adequação formal: K+ / resposta 3), portanto, de aparência relativamente evoluída, onde *a agressividade* se sobrepõe.

Efectivamente, a resposta parece denotar a actuação de mecanismos de *formação reactiva*, erigidos contra a reactividade pulsional solicitada pela mancha, mormente agressiva (uma luta), sugerindo-nos um registo onde, aparentemente, pode predominar a lógica do *masoquismo secundário*.

Contudo, paralelamente, esta temática acaba por transparecer um *esforço de procura de sentido, em que as dimensões projectivas se tornam algo excessivas, denotando uma tendência para a perda de distância e para a desadequação: "parece-me pela fisionomia das caras"*.

Efectivamente, por outras palavras, a totalidade temática e semântica da resposta parece dar conta de *um esforço de procura de sentido que acaba por veicular um excesso de identificação projectiva, que compromete a manutenção da distância, a manutenção dos limites dentro-fora, pondo em causa a solidez do continente psíquico, que então parece revelar alguma porosidade.*

Por outro lado, do ponto de vista temático, a resposta volta a contrapor elementos que, embora o cenário temático os justifique, são por sua natureza *difícilmente conciliáveis: luta e cumprimentos.*

Por fim, termina referindo que são esquisitos, declarando algum insucesso face ao seu próprio esforço de controlo da situação.

Cartão III

Frente à situação relacional do cartão III, a resposta da Helena reflecte mais uma vez uma suficiente *adaptação perceptiva de base*, no seio de uma temática inicialmente banal (africanas que cozinham / G Simples K+ Ban / resposta 4).

Contudo, mais uma vez, parece haver uma *procura de sentido que vai além da sujeição ao percebido, sendo contudo veiculada por um excesso de identificação projectiva, que tende a comprometer a manutenção da distância. Assim, surge um excesso de convicção na interpretação: “vê-se que há uma separação...”*.

Ao nível da temática a Helena *debate-se entre a separação e a união, entre a hostilidade da separação (cada um a cozinhar ara seu lado), e a alegria da união (cantam), com dificuldade em atingir um compromisso viável para estas tendências opostas, aspecto que até aqui persiste no seu funcionamento.*

Efectivamente, esta *entrada em oposição/contradição dos elementos evocados, de um modo que inviabiliza a simbolização*, pode ser ilustrada através das três situações Rorschach, que até aqui decorreram: No cartão I (respostas 1 e 2) surgem *o bonito e o repelente*; No cartão II (resposta 3) surgem *a luta e os cumprimentos*; No cartão III (resposta 4) surgem *a união e a separação.*

Cartão IV

O contacto com as dimensões simbólicas de força, virilidade e potência, predominantemente masculinas/paternas, dão origem à *disforia acentuada e ao mal-estar generalizado* (Clob / resposta 5), dando conta da inviabilidade do contacto com as mesmas.

No inquérito, o conteúdo animal bizarro passa a espírito (o objecto tende a perder a materialidade e a escapar), e a temática vai novamente desenvolver-se em torno de *elementos que entram em oposição entre si, inviabilizando a integração* do sentido e o desenrolar do simbólico (o mau e pesante, o bom e brincalhão).

Até ao momento a captação do objecto denota uma tendência para ser *perturbada por processos interpretativos excessivos, que comprometem a manutenção da distância mínima e dão conta de uma acentuada reactividade e permeabilidade aos diferentes estímulos*.

Cartão V

No quinto cartão, que facilita a projecção da imagem corporal e põe à prova o nível de integridade psíquica e somática do ego, a Helena mantém a sua *adequação perceptiva de base* e evoca um conteúdo banal (G Simples F+ Ban / resposta 6), mas este movimento mostra-se pouco seguro, pois *procura comparar a mancha com algo concreto e conhecido, de modo a confirmar o percebido*.

Para além disso, a percepção dos contornos irregulares, do defeito e do esquisito, dão conta de uma *imagem corporal atingida*, que põe em causa a integridade psíquica e somática do ego.

Por outro lado, a percepção do defeito reflecte também a precariedade ao nível da *carência de sentido*, como o inquérito permite destacar: “são, não são... na natureza há coisas de que agente nem se apercebe”.

Até ao momento, o pequeno número de respostas e a larga predominância de apreensões globais de boa qualidade formal (G Simples F+), embora perturbadas por uma *tendência interpretativa constante, através da qual emergem qualidades disruptivas e de oposição, que inviabilizam os processos simbólicos, dão conta de um tipo de funcionamento mental em que parecem dominar, como pano de fundo, as lógicas do masoquismo primário.*

Contudo, ao nível das temáticas e da produção discursiva, os processos interpretativos constantes parecem alimentar uma *procura activa do sentido que tende a escapar*, pois o contacto com o objecto revela tendencialmente dimensões de desprazer, precariedade, repelência e mal-estar generalizado, que não permitem a integração simbólica.

Cartão VI

Frente às evocações fálicas transparentes do conteúdo simbólico do cartão VI, desta vez *a disruptividade acentuada e os consequentes processos interpretativos excessivos, vão dar origem a uma primeira efectiva derrapagem formal (F-).*

A resposta, apesar de ser global – G Contaminado (raia/tubarão) – dá conta de uma abordagem da mancha, através da *qual os modos de relação estabelecidos com o objecto, subscrevem as lógicas da analidade primária e o excesso de identificação projectiva, veiculada através dos esforços de fixação e controlo formal das diversas partes da mancha, para que o objecto não escape, como melhor clarifica a sequencia revelada no inquérito (D-Dd-Dd-D-D).*

Contudo, *estes processos fracassam, a captação formal derrapa, o objecto escapa e a alucinação negativa destapa a ameaça do nada, à qual a Helena reage de modo peculiar.*

A resposta vai então denotar a perfusão dos limites dentro-fora, através de uma total perda de distância que arrasta/evacua para a cena externa, de dentro para fora, temáticas de natureza predominantemente oral, agressiva e persecutória, e uma consequente contaminação alucinatória do real (os olhos persecutórios; os dentes; o predador que agarra a presa, etc.).

Cartão VII

Frente às evocações simbólicas do Catão VII, predominantemente femininas/maternas, que se apresentam a par da menor figurabilidade desta mancha, *o objecto insiste em escapar e já não é recuperado, a representação não assiste e surge percepção do vazio* (Gbl / resposta 8), o frio, o petrificado e o desafectado (gruta), no seio de uma temática onde *a procura ainda se esboça*, mas muito dificultada (por aqui poderão passar pessoas para ir investigar a gruta, mas não se vê nada).

O objecto escapa e o pensamento alucina no fundo branco das suas próprias produções.

Cartão VIII

O pensamento alucina no fundo branco das suas próprias produções e, no Catão VIII, com a entrada nas solicitações afectivas da série pastel (respostas 9 e 10), *o pensamento vai funcionar sob um modelo de acção- evacuação, como prelúdio do agir.*

Metaforicamente, a gruta (resposta 8) passa a montanha, a montanha é um vulcão em erupção- evacuação, lava, perigo, *catástrofe e destrutividade que vêm de dentro e se sobrepõem à percepção da realidade externa.*

No seio da *catástrofe*, as *defesas pela realidade* vêm contudo a denotar a sua importância e a Helena ainda capta a banalidade, segura-se à realidade externa (F+ Ban / resposta 10), mas não pode conter por muito tempo *a perda de distância que volta a impor-se, e o objecto é tomado no campo da equação simbólica, presidida pela categoria destruído-destrutivo* (inquérito: “são duas feras, o leão só ataca quando teme e o tigre ainda é pior”).

Cartão IX

No cartão IX, de valor simbólico predominantemente feminino/materno, como é de esperar, frente à acentuada interpenetrabilidade de formas e cores, e à ausência de elementos rapidamente estruturantes, a Helena *não recupera, repete e arrasta a*

temática destrutiva e catastrófica do cartão anterior (resposta 11), e o pensamento continua a funcionar sob um modelo de acção- evacuação, como prelúdio do agir.

Cartão X

No Cartão X, o *alucinatório (a alucinação negativa do objecto) destapa a ameaça do nada, e o sensorial (um tumulto invasivo caótico de elementos beta) redundando numa procura de sentido totalmente falhada (fracasso da função alfa), e num excesso de identificação projectiva que dá conta da porosidade do continente e arrasta- evacua para fora as dimensões catastróficas da desorganização interior, através de uma temática pouco coerente, agressiva, bizarra e algo delirante, em que uns se autodestroem para que outros renasçam de cinzas.*

A identificação projectiva predomina amplamente sobre a função alfa, e o pensamento funciona sob um modelo de acção, como prelúdio do agir.

Efectivamente, os *movimentos evacuativos*, assim como a generalidade das temáticas da Helena, dão conta de uma *excessiva permeabilidade ao impacto dos estímulos*, assim como de uma *reactividade que contém a marca permanente da hostilidade*, que então revela as *dimensões agressivas desintrincadas, que se podem concretizar num cenário de acção efectiva, dada a precariedade dos limites dentro-fora e a conseqüente confusão entre a fantasia e a realidade.*

Conclusões:

De acordo com as possibilidades que fundamentámos e descrevemos nos nossos procedimentos, as narrativas da Helena, *pobres do pondo de vista da simbolização*, são desenvolvidas em torno de objectos predominantemente captados através da sua globalidade formal (GF), denotando uma *ausência de comunicação e empatia* com os mesmos e dando conta de *modos de relação com os objectos que, nas sua qualidade geral, subscrevem as lógicas próprias do masoquismo primário e da analidade.*

Contudo, tal como também fundamentámos nos nossos procedimentos, o que caracteriza particularmente o protocolo da Helena é que os objectos evocados vão ser

inscritos no âmbito de *contextos temáticos que, animados por um excesso interpretativo, revelam simultaneamente uma procura de sentido e a incapacidade em encontrá-lo.*

Efectivamente, esta *procura de sentido* ocorre paralelamente ao exercício de uma *função de captação dos objectos*, num contexto em que os objectos evocados são incluídos no seio de temáticas que carregam a marca do *excesso de identificação projectiva e, conseqüentemente, do excesso interpretativo e da perda de distância, através da qual a adequação dos sentidos se perde.*

Efectivamente esta *identificação projectiva excessiva, com o mais uma vez* previmos e fundamentámos nos nossos procedimentos, acaba por denotar, na *perfusão dos limites dentro-fora*, quer a precariedade dos mesmos, quer a *adversidade emergente no contacto com os objectos, de um modo em que os elementos evocados, ao entrarem tendencialmente em oposição/contradição, impedem que a simbolização e a integração do sentido se solucionem de modo efectivo*, como melhor revela a primeira metade do protocolo.

Por outro lado, a relação estabelecida com os objectos tende a introduzir dimensões de hostilidade, que revelam a expressão subjacente de uma *agressividade não neutralizada, desintrincada e destrutiva*, como melhor revela a segunda metade do protocolo.

Assim, particularmente as respostas da segunda metade do protocolo (a partir do cartão VI), vêm revelar *processos evacuativos* que originam temáticas *onde predominam elementos agressivo-destrutivos, de natureza auto e hetero-dirigida.*

A natureza menos configurada das manchas a que nos referimos (a partir do cartão VI), tal como a dimensão sensorial da multiplicidade de cores e formas da série pastel, vêm revelar o seu *impacto caótico*, no seio do qual o objecto se apaga e a *alucinação negativa* exerce os seus efeitos, destapa a *ameaça do nada*, dando origem à *evacuação.*

Na verdade, no seio do *caos os conteúdos mentais emergentes (elementos beta)*, que não podem encontrar um *continente psíquico* onde se alojar e *transformar* (F-), acabam

por ser *evacuados* e dar origem a *temáticas de natureza bizarra, irreal e agressivo-destrutiva*.

Estas temáticas representam também *tentativas fracassadas de mentalização e organização dos conteúdos mentais emergentes*, acabando por revelar *o domínio da evacuação de objectos bizarros e elementos agressivo-destrutivos*.

Estes *movimentos evacuativos*, que não podem ser contidos, tal como denota a qualidade das temáticas da Helena, dão conta de um *excesso de permeabilidade e reactividade ao impacto dos estímulos*, que traduz predominantemente *tentativas fracassadas de circunscrever os elementos agressivos desintrincados*, que então tendem obter *enquadramento no teatro da acção*.

Efectivamente, os *movimentos evacuativos*, que revelam predominantemente *elementos agressivo-destrutivos*, dão conta de um *pensamento regido por um modelo de acção*, como *prelúdio do agir*.

Por outras palavras e em síntese, tal como descrevemos nos nossos procedimentos, *a identificação projectiva predomina amplamente sobre a função alfa e o pensamento funciona sob um modelo de evacuação-acção*, como *prelúdio do agir*.

Mas, contudo, estes movimentos não deixam de revelar, como intuito subjacente ou *“querer implícito”*, *a procura de continente, sentido e simbolização*, para os *elementos de natureza caótica e desintrincada*, emergentes na *relação e contacto com os objectos*.

Protocolo do Luís

Cartão I

O Luís inicia a situação Rorschach com uma resposta de conteúdo anatómico (conjunto de ossos) que, sendo adequada do ponto de vista formal (F+ Anat / resposta 1), dá contudo conta de uma *entrada inquietante, com a marca do desprazer*, na situação nova e diferente que a prova representa.

A *ausência de prazer* no contacto com a mancha e a *desvitalização*, de bacia para esqueletozinho parcial, dão conta de que *o objecto não é efectivamente investido, embora procurado captar na sua superfície e contornos*.

Na segunda resposta (uma cabeça de besouro ampliada), face ao aumento da inquietação inicial, surge a inversão defensiva do cartão, mas *o contacto com o objecto revela-se verdadeiramente desagradável e constrangedor* (uma cabeça de besouro ampliada).

Para além disso, a perda de adequação formal (F- Hd / resposta 2), denota que o objecto parcializa e *escapa*, abrindo-se a situação à ocorrência da *alucinação negativa*, que destapa a ameaça do nada e dá conta do *modo como o objecto se apaga e pode, ou não, ser recaptado e transformado*.

Face a isto, o Luís é remetido a uma *submissão passiva às características sensoriais do estímulo* (Gbl E), escapando pelo retraimento narcísico e especular sobre si mesmo.

Assim, o positivo do negativo (G Impressionista / resposta 3), do *nada*, é reflexos de algo em algo, *simetria*, águas calmas, sombras, lua, escuro (noite) (E), onde a quietude convida *ao retraimento, à retirada narcísica e à pseudo-mentalização*, mas não sem o pano de fundo da *depressividade* patente na sensibilidade aos negros (sombras, escuro, noite) e resultante das condições inerentes ao próprio retraimento.

O Luís termina então com alguns comentários, referindo que treina a imaginação, cria imagens em sombras, *retrai-se sobre si próprio*.

Cartão II

Na quarta resposta, face ao impacto de uma mancha dotada de fortes solicitações libidinais e agressivas, num contexto relacional, vai surgir um mero *esforço de formalização, mal sucedido e sem ressonância das dimensões simbólicas evocadas*, às quais se contrapõe uma percepção infantilizada (gatinho com as patinhas juntas).

Contudo, apesar de se tratar de uma tentativa de circunscrição global da mancha (Gbl), para tentar conter o impacto da situação, o inquérito esclarece tratar-se ainda de uma exploração da mancha através das diferentes partes que a compõem, equivalente a um *esforço de aferramento anal ao objecto, através da identificação excessiva que contamina os esforços de circunscrição formal de cada uma das partes do conteúdo* (F-) (inquérito: olhos; nariz; focinho; bochechas; patas).

Estes *esforços de aferramento ao objecto* operam também como uma *procura de continente*, onde o *campo de sentido* se possa delinear, mas o resultado deste intuito é comprometido pelo *excesso de identificação projectiva* (F-).

Trata-se pois de um esforço dispendido para *fixar e estabilizar o objecto, para que não escape, sem comunicação com o objecto e sem comunicação entre o interno e o externo, portanto, conforme as lógicas que descrevem as defesas pela realidade, a anialidade primária e o masoquismo primário*.

Contudo, o esforço de circunscrição global da mancha, como meio de controlo da situação relacional e da reactividade pulsional a que apela, deixa escapar a adequação formal (F-), dando conta de um momento de *fracasso dos mecanismos de controlo anal e das defesas pela realidade: o objecto escapa e a alucinação negativa interpõe os seus efeitos, expondo a mente à ameaça do nada*.

No movimento seguinte vai surgir uma inversão defensiva do cartão, que resulta numa *fixação na falta, na lacuna central* (no branco, no vazio, no *nada*), e no desprezo pelas restantes partes da realidade perceptiva, sendo que, contudo, *a percepção da falta é colmatada ao nível da força e rigidez do conteúdo evocado* (avião / resposta 5).

Este conteúdo, apesar de estranho e diminuído (aviãozinho com uma forma estranha), permite escapar ao impacto das restantes qualidades do material *e recuperar uma adequação formal, que contém as dimensões impulsivas (kob+), e faculta a fuga e a retirada, no que respeita às evocações relacionais da situação.*

Mas, apesar dos esforços descritos, a impressionabilidade e impacto perceptivo do vermelho inferior, carregada de solicitações agressivas e sexuais, vão impor-se e dar origem a uma nova *derrapagem formal* (formazinha de insecto / F- / resposta 6).

A natureza do conteúdo convocado dá conta de uma reacção de aparência fóbica, face às solicitações de reactividade pulsional.

A nova perda de adequação formal (F-) insiste em expor a mente aos *efeitos potenciais da alucinação negativa*, mas o Luís não responde mais, *retira-se da situação, retrai-se e não investe verdadeiramente os objectos*, retomando no cartão seguinte o apego a formazinhas.

Cartão III

Efectivamente, no cartão III, a facilidade de captação perceptiva da banalidade (G Simples K H Ban / resposta 7), vem sobrepor-se às solicitações dos vermelhos e facultar o apego às formazinhas.

Paralelamente, a insistência no uso de diminutivos (esqueletozinho, gatinho, aviãozinho, formazinhas), dá conta do *retraimento e da precariedade do investimento*, dada a desvalorização dos objectos.

Na seguinte resposta (8) vai manter-se a adequação formal (K+), e surge uma procura de manutenção do equilíbrio no *simétrico* (duas bailarinas em posição de par ordenado).

No inquérito, apesar da projecção de movimento, surge a *falta de dinâmica* do par ordenado, visível no abatimento das posturas (curvadas, de braços para baixo).

A par do *tendencial retraimento*, que desta vez convoca o campo da inatividade (inquerito), *os processos de simbolização mostram-se pobres, enquanto as solicitações simbólicas das manchas não são minimamente investidas.*

Termina evocando a cor, cuja percepção se impõe, tanto quanto as suas *solicitações simbólicas são recusadas.*

A realidade psíquica é recusada à custa das defesas pela realidade, a comunicação entre o dentro e o fora é impedida – clivagem entre o interno e externo – e os processos de simbolização sucumbem (as temáticas são meramente descritivas e mediócras do ponto de vista simbólico).

Cartão IV

No cartão IV, as sucessivas apreensões globais (G) não vão denotar mais do que uma submissão às dimensões sensoriais da mancha (E), *com tendência para a indefinição do continente formal.*

Assim, face às solicitações simbólicas de força, virilidade e potência do cartão, o Luís começa por evocar uma pele de urso (resposta 9), um conteúdo formalmente adaptado (F+E), mas onde a captação da força e da potência (urso) se vê desvitalizada (pele), desvirtuada (mal esticada), e atingida (rasgada).

A par de se mostrar comprometida a capacidade de identificação às dimensões simbólicas do cartão, os movimentos de exploração da mancha *vão responder mais a uma sensibilidade às suas qualidades sensoriais (E), do que à procura de sentido e de integração do sentido no campo simbólico solicitado.*

Com efeito, na décima resposta, a sensibilidade ao esbatimento da mancha (E) vai sobrepor-se ao determinante formal (F± E), aumentando paralelamente *a desvitalização do objecto* (pele seca e velha).

Finalmente, na décima primeira resposta (E F±), *o movimento de retraimento cumpre-se na totalidade, através de um G impressionista que introduz a simetria, o reflexo, o*

espelho, numa descrição temática que dá conta da imobilidade, da ausência de agressividade, do masoquismo primário e do e da retirada narcísica sobre si.

No inquérito, a força e a potência revelam-se nas águas fortes que batem contra os penhascos, mas estas só vêm remeter o sujeito à sua pequenez (lembra-nos como somos pequenos).

Nas temáticas do Luís, ou o objecto é diminuído (gatinhos, formazinhas) e desvitalizado (ossos, peles secas), surgindo como decepcionante e não meritório de investimento, *justificando a depressividade e o retraimento do sujeito;*

Ou, como refere no inquérito ao cartão IV, a captação da força e da virilidade remete o sujeito à insignificância e impotência, *justificando mais uma vez a depressividade e o retraimento sobre si.*

Em todo o caso, estes movimentos, através dos quais *as dimensões dinâmicas de força, potência, actividade e agressividade do sujeito, se anulam antes que se originem* (ver também cartões II e III), *seguem a par da dependência da realidade externa e da ausência de comunicação com o interno e com o objecto*, permitindo sustentar a hipótese da dominância do *masoquismo primário*, no funcionamento mental e relacional do Luís.

Cartão V

As respostas ao cartão V não denotam nada que vá além do previsível e pouco permitem acrescentar, ao que até aqui o protocolo permitiu revelar.

Tratando-se de um cartão compacto, cujas qualidades estruturais facilitam a projecção da imagem corporal, pondo à prova a integridade psicossomática do ego, o Luís reconhece sem dificuldade a figuração banal do cartão (G Simples F+ A Ban / morcego / resposta 12), mas *o conteúdo surge deformado pela anormalidade.*

Depois, através de um *movimento horizontal, à superfície da mancha, sem profundidade e pela fácil captação formal*, vai surgir uma borboleta, outro conteúdo

vulgar neste cartão (G Simples F+ A), que apenas vem acrescentar fragilidade à anormalidade da imagem corporal anteriormente projectada.

Por fim o Luís movimentava ainda o cartão mas não surgem mais respostas e, como é habitual no seu funcionamento, o morcego vai ser diminuído e perder em força e estatuto (morcegozinho).

Cartão VI

No cartão VI o Luís vê-se novamente confrontado com as dimensões predominantemente masculinas de força, potência e virilidade.

A exploração da mancha vai denotar um esforço empreendido *para destacar e estabilizar, através da circunscrição formal, um objecto onde se agarrar*, mas a organização perceptiva e as evocações simbólicas transparentes da mancha, formam uma conjuntura cujo impacto em nada facilita a tarefa, e *as defesas pela realidade vão-se mostrar ineficazes*.

Assim, o Luís inicia com uma imediata perda de adequação formal (F- / resposta 14), denotando uma *dificuldade de identificação e de integração às/das evocações simbólicas e transparentes do cartão* (qualquer coisa pendurada e incompleta, sem força, virilidade e actividade).

A través do anterior movimento o objecto escapa e, *face à eminência da alucinação negativa, o Luís consegue uma recuperação formal* (F+ / resposta 15), *através de um conteúdo que nada ganha em força e virilidade e reflecte, metaforicamente, uma tendência para se proteger através do retraimento (pele para cobrir)*.

A sustentabilidade deste movimento mostra-se precária e *a captação formal do objecto escapa novamente, para já não ser recuperada*, como o denotam as últimas duas respostas (16 e 17).

Contudo, estas respostas (16 e 17) parecem *denotar menos um movimento evacuativo sequencial, face à ocorrência efectiva da alucinação negativa, e mais a depressividade, a negatividade, o arrastamento esforçado e dificultado sobre a mancha (masoquismo*

primário), que tende ao retraimento, face às evocações simbólicas em questão, enquanto estas se impõem pela sua transparência.

Metaforicamente, as dificuldades de integração das dimensões simbólicas em questão vão dar origem à percepção e abordagem de uma temática de penetração (algo enterrado), que vai ser coroada com uma cruz e um enterro (cruz/cabide espetado na terra); e a percepção tímida do elemento fálico (cabeça de pássaro), é coroada e escondida com as penas de um qualquer ornamento tosco e sem virilidade.

Cartão VII

No cartão VII o Luís anuncia as suas dificuldades face à falta de definição formal da mancha (vou tendo dificuldade em ver a forma), denunciando *a importância e peso das defesas pela realidade no seu funcionamento mental e relacional.*

Contudo, as *defesas pela realidade* vão conseguir operar (K+ e F+ / respostas 18 e 19), revelando que as dimensões simbólicas transparentes do cartão VI foram efectivamente bastante disruptivas e responsáveis pela derrapagem formal.

No cartão VII, inicialmente, o Luís vale-se do *recurso à simetria* e dá uma resposta algo infantilizada (duas crianças com as trancinhas), em que o movimento projectivo (K+) faz um apelo ao contacto-relação (falam uma com a outra / resposta 18).

Num segundo movimento – lembrando tratar-se aqui de uma mancha de conotações simbólicas predominantemente femininas/maternas –, *é retirado todo o eco afectivo* que a temática anterior poderia permitir evocar, e surge um par de gatos estilizados, bem definidos (F+) e perceptivamente agarrados, pela cabeça e pela cauda – *Analidade primária.*

Cartão VIII

Com a entrada na série pastel, frente às suas qualidades sensoriais, indutoras da expressão de afectos múltiplos e variados, o Luís o entra em *derrapagem perceptiva* (F–), denunciando ao nível da temática, quer a tendência para a *desvitalização do objecto*

(esqueleto, peças, ossos), quer o impacto algo inibidor da mancha (gorila), que então declara *a disruptividade e mal-estar face ao contacto a mesma* (F- Anat.).

Mais uma vez, face à derrapagem perceptiva, através da qual *o objecto denota tendência para escapar e a alucinação negativa pode gerar os seus efeitos potenciais, o Luís consegue agarrar-se e destacar a banalidade* (dois animais laterais), embora no seio de uma resposta cuja elaboração global (Gbl) é de qualidade vaga e imprecisa (F±).

Finalmente, a qualidade disruptiva do impacto afectivo dos pastéis, a primeira imagem, como diz, acaba por sobrepor-se.

Cartão IX

No cartão IX, na continuidade da série pastel, e face à ausência de elementos rapidamente estruturantes, o Luís arrasta a ansiedade do impacto da mancha anterior, num registo em que *a sensorialidade perturba acentuadamente os processos perceptivos* (a mesma sensação do primeiro, do esqueleto / F- Anat. / resposta 22).

Contudo, mais uma vez, *face à tendência para o objecto escapar e face à ameaça do nada, como consequência da alucinação negativa, o Luís consegue agarrar-se ao percebido e recuperar a adequação formal (lavagante), que lhe permite alguma contenção do impacto ansiogénico das manchas pastel* (F+C).

Mas, mais uma vez, *o movimento defensivo (defesas pela realidade) mostra-se pouco eficaz, pouco seguro e, face a uma inversão defensiva do cartão (que antecede a tentativa de apreensão global da mancha, como esforço de contenção do impacto da situação), impõe-se novamente a derrapagem perceptiva* (insecto, louva-a-deus, com a cabeça vermelha / F- / resposta 24).

Neste cartão de simbolismo predominantemente feminino/materno, metaforicamente, louva-se a Deus e aparece o diabo (cabeça vermelha), e o Luís *abandona a expressão*.

Cartão X

No cartão X, surge mais uma vez o recurso à *simetria* e ao *duplo*: uma árvore com pássaros empoleirados num ramo e o reflexo espelhado na água calma (respostas 25, 26 e 27).

Portanto, surge uma temática que transparece *a passividade, a quietude e o retraimento narcísico*, que facultam uma forma de *pseudo-mentalização*, algo atrapalhada em termos de adequação formal.

Quer dizer, face à precariedade da adequação formal, e aos riscos inerentes à *derrapagem das defesas pela realidade*, este conjunto de respostas não sugere contudo uma sequência evacuativa, nem as temáticas dão conta de *dimensões destrutivas*;

Sugere sim, como resposta à inquietação arrastada ao longo de toda a série pastel, e ao impacto da dispersão de múltiplas formas e cores do presente cartão, *a procura de quietude narcísica na simetria e no duplo* – masoquismo primário –, só realizável na retirada e retraimento sobre si.

Seguidamente, o movimento de *retraimento* parece conduzir, como inevitabilidade, a uma *sensibilidade ao branco, ao vazio – o nada –*, cuja *insubstância dificulta a formalização* (Db1 / F– / resposta 28).

Contudo, na sequência desta situação sobreleva-se, como saída viável face à ameaça do nada, *um esforço de captação formal dos objectos, através do qual as defesas pela realidade se vão mostrar bem sucedidas* (respostas 29, 30 e 31), *como esforço que bem denota a presença e exercício efectivo de uma função de captação dos objectos*.

Através desta série de quatro respostas que finalizam o protocolo, o Luís vem *revelar o peso e importância, no seu funcionamento, das defesas pela realidade, ao serviço da manutenção da clivagem entre o interno e o externo, dada a eficácia que aqui demonstram*, perante o nível de fadiga e acumulo de frustração e tensão que o fim da situação *Rorschach* pode representar, e apesar da fragilidade e porosidade do continente

psíquico, revelada nas inúmeras perdas de adequação formal, ao longo de todo o protocolo.

Conclusões:

A globalidade das narrativas do Luís, bastante *pobres do ponto de vista simbólico*, denotam a presença e o exercício esforçado de uma função de captação do(s) objecto(s), que opera como procura de continente e revela nos mesmos movimentos, quer a necessidade extrema do(s) objecto(s), quer a dificuldade em captá-lo(s).

Tais esforços de captação, tal como descrevemos e fundamentámos nos nossos procedimentos, ocorrem predominantemente à superfície das manchas, através de tentativas persistentes de circunscrição formal, dando conta de *um funcionamento mental e relacional, regido pela manutenção de uma clivagem entre o interno e o externo e, conseqüentemente, dando conta de uma ausência de comunicação e empatia com o(s) objecto(s), que acaba por se revelar na natureza do contacto com os mesmos.*

Portanto, ao longo de todo o protocolo, predominam *a assímbolia, as defesas pela realidade e a identificação projectiva excessiva*, que interpenetra os modos de relação estabelecidos com os objectos-manchas, subscrevendo as lógicas *da analidade primária e do masoquismo primário.*

Quanto aos *esforços de captação dos objectos*, que operam, antes de mais, como *procura de continente*, eles revelam, como contrapartida, movimentos através dos quais os objectos apresentam *tendência para o anatómico (ossos, esqueletos, traqueia), para serem desvitalizados (peles secas, cabide) e diminuídos (esqueletozinho, gatinho, aviãozinho, formazinhas, morcegozinho), ou repelentes no contacto (cabeça de besouro, insectos), não se mostrando meritórios de investimento e, então, justificando o retraimento narcísico e a depressividade; ou, por outro lado, se a força, virilidade e vitalidade dos objectos é percebida, tal percepção, como revela o inquérito ao cartão IV, remete o sujeito à insignificância e à impotência, justificando mais uma vez o retraimento narcísico e a depressividade.*

Na verdade, *entre o reconhecimento e a recusa da impotência e da castração*, o protocolo acaba por revelar uma *total ausência de agressividade*, ou a presença de *uma agressividade que se anula, antes que se origine, dada a imobilização da actividade pulsional*.

Assim, longe das possibilidades abertas ao livre exercício da *agressividade* e dos *investimentos libidinais*, as modalidades de funcionamento mental e relacional que o Luís apresenta, denotam duas tendências dominantes: por um lado, surgem *as tentativas esforçadas de formalização das manchas que traduzem uma procura de continente, mas acabam por não revelar mais do que uma negatividade e um arrastamento penoso e masoquista sobre os objectos, para que não escapem*; por outro lado, quando os esforços de formalização se vêem dificultados, surge a *tendência para a passividade, para a procura de quietude e para a retirada, reveladas através duma sensibilidade narcísica às qualidades sensoriais das manchas e de formas de pseudo-mentalização que, tal como assinalámos nos nossos procedimentos, facultam movimentos de retraimento narcísico sobre si*.

Efectivamente, por um lado, *a contenção da impulsividade e da acção, cujas manifestações poderiam emergir, dada a precariedade do continente psíquico, é conseguida através das defesas pela realidade*, factor que também destacámos nos nossos procedimentos; ou, por outro lado, *quando estas modalidades fracassam e a alucinação negativa interpõe os seus efeitos, a contenção só pode ser conseguida através da retirada e do retraimento narcísico sobre si, facultado através de formas de pseudo-mentalização, como bem exemplificam as primeiras respostas do Luís (cartão I)*.

Para além disto, no contexto temático das respostas do Luís é ainda de assinalar uma outra característica, que se encontra igualmente ao serviço do *retraimento*: a presença de uma tendência para *unir*, que se destaca na primeira parte do protocolo (patas juntas, cabeças próximas), mas que acaba por apenas dar lugar a um *recurso ao especular* (o reflexo, o espelho) e a uma *procura do duplo*, como também assinalámos nos nossos procedimentos.

Protocolo do Manuel

Cartão I

No primeiro cartão *Rorschach*, que dá conta do contacto/relação com uma situação nova e diferente, o Manuel entra na expressão com uma adaptação perceptiva de tipo global e banal (G Simples F+ A Ban /resposta 1).

Contudo, esta não esconde a *disruptividade emanada no contacto com a mancha, no prolongamento da qual o objecto vai surgir atingido, destruído e destituído de vitalidade (borboleta em decomposição)*.

Em suma, a *disruptividade emanada no contacto com o objecto, embora clara, mostra-se sujeita a um elemento de contenção formal, adequado às características perceptivas da mancha (F+)*.

No inquérito, a *falta de vitalidade do objecto* reafirma-se na sua falta de espessura (borboleta espalmada), como correlato provável da *falta de espessura do espaço mental representativo do próprio sujeito*.

No final da resposta, sem mais esforços, o Manuel ri, *desmente* o impacto disfórico da mancha e *retira-se da situação*, pelo silêncio, não se implicando mais.

Cartão II

No segundo cartão, as solicitações relacionais libidinais e agressivas do material, dão novamente origem à emergência da *disruptividade, mal-estar* e dificuldades salientes no contacto com a mancha, como é evidente na agitação e comentários iniciais, que vão dar lugar a uma resposta de má qualidade formal, expressa através de conteúdos anatómicos (cérebro cortado, coluna, ossinhos / F- / resposta 2), que passam longe das evocações simbólicas em questão.

Surge então o cérebro atingido, cortado, *sugerindo igualmente atingida, ao nível do próprio sujeito, a sua conotação simbólica de órgão de mentalização*.

De seguida surge *a coluna, como elemento estrutural procurado*, cuja viabilidade organizadora se vê comprometida na falha (D bl /ver inquerito), e acaba em ossinhos e espinha de peixe.

Por outro lado, face às evocações simbólicas do cartão, *a natureza tendencialmente desvitalizada do objecto* (ossinhos, espinhas), parece dar conta de um efectivo *retraimento dos investimentos libidinais e agressivos do sujeito*.

Deste modo, quanto à perda do controlo formal conseguido no primeiro cartão, através da qual o objecto escapa e *a alucinação negativa* pode exercer os seus efeitos, o Manuel responde através do *retraimento pulsional e da retirada da situação* (arruma o cartão), até porque os objectos evocados não se sugerem, até aqui, meritórios de investimento. Assim, dois aspectos da resposta merecem ser destacados:

Por um lado, a *ausência de movimentos progredientes*, que revela a impossibilidade de elaboração e recuperação do objecto, ao nível dos processos simbólicos;

Por outro lado, também não se revela, até ao momento, uma tendência evacuativa, mas sim uma tendência para o retraimento pulsional e para a retirada narcísica da relação.

Cartão III

No terceiro cartão, perante o ressurgir das evocações simbólicas sexuais e agressivas, no contexto relacional, é tão só a *mera concretude formal e banal da mancha* que se impõe ao sujeito (inevitavelmente parecem duas pessoas / G Simples K H Ban / resposta 3).

No inquerito os vermelhos vão evocar algo de sentimental, vago, indefinido e não simbolizável, face ao que foi apenas possível *o apego a elementos de contenção formal* (K+ Ban), que se impõem pela sua evidência perceptiva, face à passividade e insegurança do Manuel, que *recorre ao clínico para que lhe confirme o percebido, pela necessidade então demonstrada de captar o percebido como real e isento de qualquer projecção (mostra o cartão ao clínico)*.

Efectivamente, reafirma-se nesta resposta a precariedade do investimento e tendência para *retirada narcísica*: “são duas pessoas, pois parecem inevitavelmente duas pessoas” (mostra o cartão ao clínico, no mesmo movimento em que se retira da situação).

Cartão IV

Neste cartão, de características sensoriais e estruturais idênticas ao cartão I (negro e compacto), o Manuel inicia rindo, entre silêncios, *desmentindo* o impacto inquietante e as dificuldades sentidas no contacto com a mancha, que contudo não deixarão de se revelar.

Efectivamente, face ao simbolismo fálico de força, actividade e potência do cartão IV, surge a *dificuldade de identificação a estas dimensões, e a inviabilidade da sua integração ao nível dos processos simbólicos*.

Assim, embora adequado do ponto de vista formal, do ponto de vista simbólico, no lugar da força e da potência surge então, mais uma vez, um objecto inerte e sem vitalidade, um escalpe de animal (resposta 4).

Esta falta de vitalidade dos objectos, vem revelando, ao longo do protocolo, a precariedade do investimento nos mesmos, independentemente das diferentes evocações simbólicas que cada situação comporta.

De seguida o Manuel diz que o escalpe pode ser de um urso ou de uma doninha, movimento através do qual parece evoluir para a percepção de um animal em que a força e a potência se encontram representadas (urso), o qual contudo é de imediato dado como permutável, com igualdade do valor atribuído, com uma doninha, um animal em nada fálico, ficando estas dimensões simbólicas comprometidas na indefinição do conteúdo.

A dificuldade em definir o conteúdo (urso ou doninha), dá conta da *incapacidade para estabelecer relações continente-conteúdo*, onde as dimensões simbólicas em questão possam ser bem sejam integradas e representadas.

Metaforicamente, a doninha, não sendo um animal fático, é um animal cujos meios defensivos face às adversidades do meio natural, parecem remeter a temática da resposta do Manuel, para um *registo anal*, de características específicas.

Efectivamente, o inquérito revela melhor a *lógica anal* subjacente ao processo resposta, quer ao nível da descrição (detrás mais larga, as patas atrás, o rabo), quer ao nível dos movimentos que colocam um *excesso de identificação projectiva ao serviço da exploração da mancha, através dos vários D que a compõem, num esforço para reter, fixar e evitar que o objecto escape, sem comunicação e empatia com o mesmo – Analidade primária.*

Esta resposta denota igualmente *a presença e exercício efectivo de uma função de captação dos objectos*, embora estes se mostrem permanentemente pouco meritórios de investimento.

Cartão V

No terceiro cartão escuro e compacto, o Manuel inicia novamente rindo, entre silêncios, mas o que acabará por se revelar são as dificuldades encontradas no contacto com a mancha, aparentemente devidas ao arrastamento da ansiedade da situação anterior.

Efectivamente, face a um cartão bastante figurado, que põe à prova a integridade psicossomática do sujeito, o Manuel inicia com dificuldades claramente verbalizadas (é complicado, como é que vou definir).

De seguida procede a uma apreensão parcial da mancha (de fácil captação global), projectando uma representação de si através de um conteúdo animal, que denota *fragilidade, falta de força, dinâmica e virilidade* (caracol / Ad / resposta 5), embora com boa adequação formal (F+).

Depois o Manuel vai oscilar entre esta falta de vitalidade e uma apreensão global (G) da mancha que remete à *primitividade* (animal pré-histórico / resposta 6), movimento através do qual perde a adequação formal (F-) e *o objecto escapa.*

O objecto apaga-se e a ameaça da alucinação negativa impõe os seus efeitos, como representação da ausência de representação, destapando a questão do nada (no inquérito o objecto já só é mancha de tinta).

Face à ameaça da alucinação negativa surge mais uma vez a retirada (vira o cartão e desimplica-se da situação).

Cartão VI

Neste cartão, de simbolismo fálico predominante e transparente, entre a *confusão caótica* (são todos parecidos), o rizo, os silêncios, o aumento da manipulação do cartão e a *manifesta ausência de sentido* (não encontro lógica para isto), o Manuel não recupera do impacto negativo das situações anteriores e *o objecto continua a escapar e não pode ser representado (não tem semelhança com nada que possa estar na minha mente), surgindo a recusa/retirada, como saída viável para a alucinação negativa do objecto.*

No inquérito surge uma resposta adicional, que não evoca mais do que um apego à *simetria, ao duplo*, como um pálido reflexo que, mesmo assim, tende a escapar (falta a água onde se reflectir).

Portanto, não evoca mais que uma *tentativa de pseudo-mentalização, através do retraimento narcísico e passivo sobre si*, facultado pelo apego a determinadas *qualidades sensoriais da mancha (E)* e muito longe da possibilidade de contacto com as evocações simbólicas da mesma, que são cabalmente recusadas.

Cartão VII

Neste cartão, de simbolismo feminino/materno predominante, o Manuel denota novamente dificuldades (mais complicado, ri, entra em silêncio) e a resposta 7 (G Simples), vai veicular simplesmente uma *centração no simétrico, uma procura de equilíbrio nas dimensões formais e simétricas da mancha, um equilíbrio que se revela precário (F+/-), onde não se denota o eco afectivo do objecto, e do qual não decorre qualquer actividade representativa e simbólica.*

De seguida divaga longe da mancha (se tivesse tirado o curso de pintura) e *desimplica-se da situação*.

A falta de eco afectivo do objecto e a ausência de comunicação com o objecto (com a representação interna) denotam o vazio interior e são rebatidas no inquérito em que surge a desvitalização e a precariedade do investimento: não é humano, é escultura, pedra.

Mais uma vez, a falta de vitalidade dos objectos vem dar conta e justificar *a retirada e o retraimento narcísico do sujeito*.

Cartão VIII

Com a entrada na série pastel surge a primeira resposta em que o peso do determinante cor (C) predomina sobre o determinante formal (F), que lhe aufere um continente vago (resposta 8).

O determinante formal consegue operar como um vago continente de uma primeira resposta, que não denota a actividade de um processo criativo, mas sim *a dependência das características da realidade perceptiva/externa e o refúgio em temáticas fictícias e lógicas de comparação* (coisas que se vêem nos filmes).

Depois, surge uma segunda ideia que se desenrola através de duas respostas: primeiro, *a captação da banalidade*, de um modo esforçado, para que os objectos não percam a definição formal e escapem (dois animais, têm quatro patas / kan+ / ban / resposta 9); mas, face ao apelo da mancha ao contacto emocional com o meio externo socializado, e o papel indutor de afectos das cores pastéis, *a identificação projectiva excessiva acaba por dar origem a um sentimento de perigosidade do meio*, ao fogo (kob / resposta 10), do qual os animais batem em retirada, sem mais (há uma cor mais fresca onde se podem salvar, através da fuga, da retirada).

A dificuldade em gerir a condição caótica e adversa dos afectos é notória no inquérito, onde o próprio pensamento encarna a encenação da fuga: “o próprio pensamento, sair da fossa”.

A resposta kob não parece pois denotar uma reactivação duma pulsionalidade desintrincada, até agora silenciada, que conduza à descarga impulsiva e à acção, mas sim uma invasão caótica e adversa dos afectos, induzida por uma permeabilidade excessiva às características do material, e uma incapacidade de mentalização dos mesmos, aos quais se escapa pela fuga/retirada do investimento nos objectos e na situação.

Cartão IX

No segundo cartão de simbolismo feminino/materno predominante, estas dimensões latentes não são captadas, pois a resposta 11 (kobC) parece ser determinada pelo arrastamento da temática anterior (fogo), e pela *sujeição passiva às características formais cromáticas do material*, tal como o denota o inquérito (as cores que se traduzem, as chamadas têm varias cores e as formas do rebentamento).

A resposta não parece pois denotar uma impulsividade tendente para acção, empurrada por uma actividade pulsional destrutiva, mas sim uma dependência das características perceptivas da mancha, a par da qual escapa a captação das dimensões simbólicas da mesma, e a comunicação com o objecto (com a representação interna), denotando o vazio interior.

Surge mais uma vez uma *submissão às características de superfície da mancha, sustentada em lógicas de comparação com algo de conhecido (bomba de Hiroshima)*. Traduzem-se os modos de relação com a realidade, próprios do *masoquismo primário*.

Cartão X

No último cartão da situação Rorschach, o Manuel torna a dar uma resposta kobC, desta vez no seio de uma temática de festa, *que não denota a emergência de um processo criativo, através de uma comunicação estabelecida entre o dentro e o fora, e veiculada através do determinante cinestésico, mas sim, novamente, uma submissão e passividade dependente das características perceptivas da(s) mancha(s)*, até porque se trata de uma resposta vulgar, relativamente frequente no cartão X.

No inquérito vêm revelar-se os acabamentos celestiais, ou seja, como explicita o Manuel, a fuga/retirada das situações aflitivas (Cartão VIII, início da série pastel), e a retirada festiva, com fogo de artifício, das dificuldades acumuladas ao longo das dez situações relacionais do Rorschach (CX) – Em suma, *a retirada narcísica*.

Conclusões:

As narrativas do Manuel, na sua generalidade e tal como destacámos entre as dimensões descritas nos nossos procedimentos, para além de transparecerem *o vazio interior* e a consequente *mediocridade simbólica*, revelam *modalidades de contacto e relação, regidas pelas lógicas da analidade primária e do masoquismo primário*, através das quais os objectos são pouco investidos, captados à superfície formal das manchas (F), sem profundidade e efectiva participação subjectiva, denotando uma *dependência e submissão passiva*, face às características perceptivas do material.

Efectivamente, à *dependência dos objectos*, revelada pelos esforços de captação e pelos modos de relação estabelecidos com os mesmos, regidos pelas lógicas *da analidade primária e do masoquismo primário*, vem contrapor-se *a inviabilidade do contacto*, visível na natureza e enquadramento dos conteúdos evocados.

A par disto, como também destacámos entre as dimensões descritas nos nossos procedimentos, *denota-se um predomínio das defesas pela realidade, ao serviço da clivagem entre o interno e o externo, que inviabiliza a comunicação e empatia com os objectos, assim como a participação subjectiva e a criatividade*.

A analidade primária e as defesas pela realidade denotam também a presença e exercício efectivo de uma função de captação dos objectos, apesar da adversidade emergente no contacto com os mesmos.

Por outro lado, *face à adversidade re-sentida no contacto com os objectos, que revela a perda de distância, a identificação projectiva excessiva e a precariedade dos limites dentro-fora*, como melhor revelam as respostas aos primeiros dois cartões, *o Manuel defende-se pela retirada das situações, através do retraimento narcísico sobre si*.

Deste modo, os efeitos da *alucinação negativa*, que destapa a *ameaça do nada*, são colmatados pelas *defesas pela realidade*, tal como denota a passagem do cartão II (D bl F-) ao cartão III (Ban: inevitavelmente duas pessoas); ou são culmatados, *quando as defesas pela realidade não operam*, pela *retirada* que conduz à *procura de quietude* e ao *retraimento narcísico sobre si* que, como denota a passagem do cartão V (F-) ao cartão VI (recusa; resposta adicional: reflexo num lago).

Por fim, ao serviço das mesmas lógicas, como já explicitámos nos nossos procedimentos, convém também assinalar a presença no protocolo do Manuel de uma tendência para a *procura de equilíbrio no simétrico*.

**12. ENTRE O AGIR E O RETRAIMENTO NARCÍSICO:
CONCLUSÕES SOBRE A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS
PROTOCOLOS**

No presente capítulo procuraremos destacar a especificidade das características comuns aos quatro protocolos aqui analisados, assim como as diferenças existentes entre eles, partindo da análise do seguinte quadro, que reúne em síntese as dimensões essenciais de cada narrativa.

| | Sónia | Helena | Luís | Manuel |
|------|---|--|--|--|
| C I | D F+ Hd D F+ H (→ Do) Dd F+ Ad Contorno formal. Procede a movimentos de aumento e redução do campo perceptivo e parcializa. | G F+ A Ban G F+ A Contorno formal. Globaliza e evoca elementos que entram em oposição (o bonito e o repelente). | Gbl F+ Anat. G F- Ad Gbl EF Geo Contorno formal e registo sensorial. Globaliza, evoca conteúdos parciais e recorre a temática de quietude em lógica especular (reflexo). | G F+ A (Ban) Contorno formal. Globaliza e evoca conteúdo em decomposição. |
| C II | D F+ H Dd F+ Hd D F+ A Contorno formal. Procede a movimentos de aumento e redução do campo perceptivo e parcializa. | D K H Contorno formal e projecção de movimento. Evoca elementos que entram em oposição (a luta e os cumprimentos). | Gbl F- A Dbl kob Obj. D F- A Contorno formal e projecção de movimento. Globaliza, une (patas juntas), centra-se na lacuna e (avião) e não se adequa (insecto). | D bl F- Anat. Contorno formal. Evoca conteúdo atingido (cérebro cortado), recorre ao eixo (coluna) e crispa na lacuna (inquérito). |

| | Sónia | Helena | Luís | Manuel |
|-------|--|--|--|---|
| C III | <p>G K H Ban D FC Anat D kan A D F- A Do F+ Hd</p> <p>Contorno formal e projecção de movimento.</p> <p>Procede a movimentos de aumento e redução do campo perceptivo e parcializa.</p> | <p>G K H Ban.</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Globaliza e evoca elementos que entram em oposição (unidade e separação).</p> | <p>G K H (ban) D K H</p> <p>Contorno formal e projecção de movimento.</p> <p>Globaliza, une (formas agarradas, corpos juntos) e evoca o equilíbrio simétrico (par ordenado).</p> | <p>G K H Ban</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Globaliza e molda-se às percepções dominantes.</p> |
| C IV | <p>F FClob (H) D F- Hd D F+ A</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Procede a movimentos de aumento e redução do campo perceptivo e parcializa.</p> | <p>G FClob (A)</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Globaliza e evoca elementos que entram em oposição (o pesante e o brincalhão).</p> | <p>G FE A Ban G EF A G EF Pais.</p> <p>Contorno formal e registo sensorial.</p> <p>Globaliza, manifesta sensibilidade ao matizado (pele) e recorre a temática especular (reflexo).</p> | <p>G F+ Ad</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Globaliza, evoca a contradição (escalpe de urso ou de doninha) e fixa o objecto identificando as partes (inquérito).</p> |
| C V | <p>G F+ A Ban D F+ Ad Dd F+ Hd</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Procede a movimentos de aumento e redução do campo perceptivo e parcializa.</p> | <p>G F+ A Ban</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Globaliza e evoca a contradição (borboleta com contornos que não são de borboleta).</p> | <p>G F+ A Ban G F+ A</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Globaliza e molda-se às percepções dominantes.</p> | <p>D F+ Ad G F- (A)</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Evoca a contradição (caracol ou animal pré-histórico) e a dificuldade.</p> <p>Inquérito: recorre ao simétrico.</p> |
| C VI | <p>D F+ Ad D F+ Sex. Dd F+ Hd</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Procede a movimentos de aumento e redução do campo perceptivo e parcializa.</p> | <p>G F- A</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Globaliza e evoca temática bizarra e de perigosidade (predador, ameaça)</p> | <p>D F- Obj. D F+ A G F- Obj. D F- Ad</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Percorre a mancha, evoca a Incompletude (cruz incompleta), a cobertura (pele) e não se adequa (cabide, ornamento de cabeça de pássaro).</p> | <p>Recusa.</p> <p>Procura comparar a mancha com algo conhecido e manifesta incapacidade.</p> <p>RA: Evoca temas de quietude em lógica especular (reflexo).</p> |

| | Sónia | Helena | Luís | Manuel |
|--------|---|---|--|--|
| C VII | <p>G K H Dbl F- A</p> <p>Contorno formal e projecção de movimento.</p> <p>Evoca a relação em simetria e a repelência.</p> | <p>Gbl F- Nat.</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Globaliza e centra-se na lacuna (gruta, buraco).</p> | <p>D K H D F+ A</p> <p>Contorno formal e projecção de movimento.</p> <p>Evoca a simetria (crianças simétricas) e a precariedade relacional (gatos estilizados).</p> | <p>G F+/- Arte</p> <p>Contorno formal vago.</p> <p>Globaliza e procura equilíbrio no simétrico.</p> |
| C VIII | <p>D F+ A Ban D F- Sex. D F- (A) D F+ A Dd kp H D F- Anat.</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Procede a movimentos de aumento e redução do campo perceptivo e parcializa.</p> | <p>D kob Nat. D F+ A (Ban)</p> <p>Contorno formal e projecção de movimento.</p> <p>Recorre ao eixo central e evoca temática de perigosidade (predador).</p> | <p>Gbl F- Anat. Gbl F+ Obj.</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Globaliza, manifesta persistência do conteúdo e objectiva.</p> | <p>G CF Arte D kan A Ban D kob Fogo</p> <p>Projecção de movimento e impacto da cor.</p> <p>Evoca temática de perigosidade (fogo) e fuga.</p> |
| C IX | <p>D F- Ad D F- Hd Dbl F- Ad D F- (A)</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Procede a movimentos de aumento e redução do campo perceptivo e parcializa.</p> | <p>(Dbl)G kobC Nat./Elem.</p> <p>Projecção de movimento e impacto da cor.</p> <p>Globaliza a partir da lacuna e evoca temática de perigosidade.</p> | <p>D F- Anat. D FC A G F- A</p> <p>Contorno formal.</p> <p>Percorre a mancha, manifesta persistência do conteúdo anatómico e tenta objectivar (pinças) e não se adequa (louva-a-deus).</p> | <p>G kobC Explosão</p> <p>Projecção e impacto da cor.</p> <p>Globaliza e manifesta submissão à impressionabilidade da mancha (várias cores: explosão).</p> |

| | Sónia | Helena | Luís | Manuel |
|-----|---|---|--|---|
| C X | D F- A D F- Ad D F- (A) D F- (A) D F+ H D bl F- Ad D F- Ad D F- A Contorno formal. Procede a movimentos de aumento e redução do campo perceptivo e parcializa. | (D)G kobC Explosão Projecção e impacto da cor. Globaliza a partir de um detalhe corrente e evoca temática bizarra e elementos que entram em contradição (destruição e vida). | D kan A D CF Bot. D F- A Dbl F- Ad D F+ Anat. D kob Fogo D F+ A Contorno formal, projecção e impacto da cor. Percorre a mancha, recorre a temáticas de quietude (reflexo), perde adequação (cabeça de cão), manifesta persistência do conteúdo anatómico e termina com submissão às características perceptivas da mancha (fogo de artifício). | G kobC Fogo/Arte Projecção e impacto da cor. Globaliza e manifesta submissão à impressionabilidade da mancha (várias cores: fogo de artifício). |

1- As características específicas, comuns aos protocolos aqui analisados, remetem para a expressão/revelação, de modo singular em cada sujeito, de *uma mesma condição estrutural de base, que introduz em primeiro plano a questão das relações estabelecidas entre a pulsão (o sujeito) e o objecto da pulsão, ou seja, em termos breves, o objecto, no lugar de ser aquilo que torna tolerável (mentalizável) a pulsão, é aquilo que a torna ainda mais intolerável (não mentalizável).*

Deste modo, os protocolos revelam, a par de *uma dependência e necessidade extremas do objecto (o objecto é ausência insuportável), uma intolerância extrema às questões do objecto e ao contacto com o objecto (o objecto é intrusividade intolerável).*

Assim, tendo em conta *os modos de relação que os sujeitos estabelecem com os objectos*, revelando as lógicas subjacentes ao *masoquismo primário* e à *analidade primária*, destacam-se os *movimentos de exteriorização da apetência do Eu para o objecto*, como revela o *predomínio excessivo de respostas formais* em todos os protocolos, através das quais os objectos são tentados *captar, estabilizar e fixar*,

traduzindo uma constante e tendencialmente ineficaz procura de continente para os conteúdos mentais emergentes, através da identificação projectiva excessiva, como revelam o número elevado de F- e a qualidade precária e/ou destrutiva dos conteúdos e/ou das temáticas.

Efectivamente, estes *movimentos de procura de continente* acabam por revelar tanto a incapacidade de realização do intuito que lhes preside, como as *fáceis perdas de distância que traduzem a precariedade limites dentro-fora, Eu não-Eu.*

Nestas condições, *a tendencial perfusão dos limites dentro-fora revela-se facilmente através do excesso de identificação projectiva que os abole, dando conta da disruptividade emergente no contacto com os objectos (a frustração e a intolerância à frustração), que então surgem, estes últimos (os objectos), atingidos, deformados e destruídos, como alvo de movimentos que passam a procurar proteger e preservar a integridade ameaçada do Eu, mas que não traduzem mais do que as manifestações resultantes de uma quase simetria entre a pulsão e o objecto, ou seja, entre os arranjos desintrincados e agressivo-destrutivos da actividade pulsional do sujeito, e o objecto que a polariza.*

Esta quase simetria entre a pulsão e o objecto revela, portanto, uma redução drástica do espaço mental representativo, tal como curto-circuita na perfusão dos limites dentro-fora, através da identificação projectiva excessiva, toda a gama de equações simbólicas próprias do narcisismo destrutivo, apreensíveis na categoria geral destruído-destrutivo, à qual preside um antagonismo de fundo: a fusão-oposição, ou a ausência insuportável e a intrusividade intolerável.

Mas, neste âmbito, *como contraponto da disruptividade emergente no contacto entre o sujeito e o objecto, o interno e o externo, o excesso de formalização revela também o peso e importância das defesas pela realidade, que actuam como manutenção e reforço de uma referência anal estruturante, ou pseudo-estruturante (analidade primária), ao serviço da clivagem entre o interno e o externo, como modalidades defensivas mobilizadas para inviabilizar o contacto com o dentro e a emergência das qualidades destrutivas do mundo interno (a recusa da realidade psíquica).*

É na medida em que estas modalidades defensivas sucumbem e não operam, que a mente se vê exposta a uma pressão pulsional excessiva, desintrincada, destrutiva e não mentalizável ou, por outras palavras, invadida por um excesso de elementos beta, de arranjo caótico e destrutivo, que não podem ser simbolizados e pensados, como bem revelam, mais uma vez, o número elevado de F- e a qualidade precária e/ou destrutiva dos conteúdos e/ou das temáticas.

2- É também nesta medida que se afirmam as principais diferenças entre os protocolos dos nossos sujeitos.

Efectivamente, nestas condições em que a mente se vê invadida por um excesso de conteúdos impensáveis (elementos beta), a evacuação pode impor-se, denotando um funcionamento mental regido por um modelo de acção ou, como contrapartida, resta a retirada e o retraimento narcísico sobre si.

Assim, no caso da Sónia, como melhor exemplificam as respostas às manchas pastel, a evacuação revela-se através dos produtos a que dá origem: *séries de conteúdos de qualidade destrutiva e/ou bizarra e tendencialmente parciais e desligados entre si* (por ex.: útero, monstro, caveira, caras, cabeça de pato, cara de pássaro, monstrosinhos, etc.).

No caso da Helena, revela-se mais uma vez a *evacuação*, através da *qualidade predominantemente bizarra, agressivo-destrutiva e excessivamente catastrófica dos conteúdos e das temáticas*, como bem exemplificam as respostas ao cartão VI e à série pastel.

No caso do Luís a tendência para o *retraimento narcísico sobre si* revela-se de modo claro, através da *sensibilidade narcísica* ao esbatimento das manchas e na *quietude* procurada através dos *temas de duplo* (reflexos, espelhos, águas calmas, etc.).

No caso do Manuel revela-se também a *tendência para o retraimento*, através da *retirada* (por ex.: a recusa ao cartão VI e a *procura de quietude* revelada no inquérito) e da *procura de equilíbrio no simétrico*, como bem revelam o inquérito ao cartão V, a resposta adicional ao cartão VI e a resposta ao cartão VII.

Quer a solução evacuativa, menos mentalizada (ou menos simbolizada) e tendencialmente agressivo-destrutiva, quer a solução pelo retraimento narcísico, através duma pseudo-mentalização (ou de uma pseudo-simbolização) facultada pela reflexão masoquista da agressividade sobre o Eu, são duas estratégias claramente distintas, para atingir o mesmo fim: o controlo e manutenção do objecto de dependência-necessidade, quer pela via da hostilidade agressiva (o agir predominantemente agressivo-destrutivo), quer pela via da subserviência masoquista (o retraimento da agressividade sobre si), quer ainda pelo recurso relativamente alternado a cada uma das estratégias, mas sempre como estratégias ingratas e nunca satisfatórias, dado que o objecto de dependência é, em qualquer caso, repetimo-nos, aquilo que no lugar de tornar a pulsão mais tolerável, a torna ainda mais intolerável.

Em qualquer dos casos, às vicissitudes da pulsão – constrangidas por uma lógica de fusão-oposição e consubstanciadas na inviabilidade da mentalização, dada a “crença pulsional” enraizada no desprazer da satisfação tiranizada –, encontra-se vinculado, como já fundamentamos, o destino dos elementos beta, ou dos conteúdos que procuram continente, consubstanciado na precariedade da identificação à função continente materna, na falência da função alfa e no fracasso dos processos de simbolização.

3- Contudo, neste âmbito dos movimentos de *procura de continente* verifica-se uma outra gama de semelhanças e diferenças entre os protocolos, que traduzem a singularidade dos sujeitos e vão para além das diferenças reflectidas pelas soluções através do *agir* e do *retraimento*.

Assim, no caso da Sónia, a *procura de continente* ocorre de modo seco, sem contextualização temática, passando exclusivamente por tentativas de *captação da concretude do objecto*, mas este último assume invariavelmente *qualidades precárias e/ou destrutivas e escapa na parcialidade*.

No caso da Helena, a *procura de continente* passa por um plano temático de *dimensão relacional*, *evoca dois e procura unir*, mas as lógicas redundam predominantemente na *oposição e no inconciliável*.

No caso do Luís, a *procura de continente* passa também por um plano temático em que a *união e o especular são procurados*, revelando-se a precariedade do contacto, quando as exigências vão além da sua sujeição à *condição do encontro com o duplo*.

No caso do Manuel, a *procura de continente* passa por tentativas de *captação da concretude do objecto*, surgindo mais uma vez a *tendência para procurar o eixo da simetria e o duplo*.

Em suma, os protocolos da Sónia (historial agido) e do Manuel (sem historial agido) aproximam-se na dimensão de *procura de concretude* e diferenciam-se entre o *parcial* (Sónia) e o *simétrico* (Manuel).

Os protocolos da Helena (historial agido) e do Luís (sem historial agido) aproximam-se na maior contextualização temática e na *procura de relação* e diferenciam-se entre a *oposição inconciliável* (Helena) e a *viabilidade do contacto sujeito à condição anaclítica* (Luís).

Para além disto verifica-se também que, nos casos Sónia e da Helena (historial agido), as *defesas pela realidade* mostram-se menos operativas e a entrada nas solicitações da série pastel revela maior *destrutividade*, do que nos casos do Manuel e do Luís (sem historial agido).

Assinaladas as características comuns aos quatro protocolos aqui analisados, assim como as principais diferenças existentes entre eles, cabe-nos agora proceder à discussão teórica aprofundada da sua análise e interpretação.

13. DISCUSSÃO

1- Consideramos que a expressão-revelação *Rorschach* das dimensões gerais e estruturais do *funcionamento mental e relacional dos sujeitos border*, reunidas nos objectivos deste estudo (capítulo 7), foi consistentemente ilustrada através das nossas narrativas.

Assim, muito sinteticamente, as narrativas *Rorschach* da Sónia, da Helena, do Luís e do Manuel revelam invariavelmente, como pano de fundo comum, *a presença e exercício activo de uma função de captação do(s) objecto(s)*, que surge como expressão extrema da *dependência-necessidade* do(s) mesmo(s).

Esta expressão extrema da dependência-necessidade do(s) objecto(s), inscreve-se claramente numa lógica de *fusão-oposição*, pois segue a par da *ausência de prazer e da intolerância à frustração emergente no contacto* com o(s) mesmo(s), cujas consequências assumem constelações de expressão singular em cada sujeito.

Quanto a estas constelações singulares, muito sinteticamente e avançando com a enunciação de dimensões interpretativas cuja discussão só posteriormente fundamentaremos, destacamos os seguintes aspectos:

a) No caso da Sónia, os *modos de relação estabelecida com o(s) objecto(s)* revelam-se através de um *esforço estonteante de captação e estabilização* do(s) mesmo(s), que opera numa lógica de *fusão-oposição* e segue a par da *ausência de prazer e da intolerância à frustração* emergentes no contacto com os mesmos.

Nestes *modos de relação estabelecida com o(s) objecto(s)* revela-se uma *tendência para o acting*, consubstanciada na *agressão sádica (e no ódio)* ao(s) mesmo(s), tanto mais quanto este(s) escapam ou ameaçam escapar.

Mas esta *agressividade*, de natureza *destrutiva*, acaba por denotar uma tendência para reverter contra o sujeito, de *modo auto-agressivo, na medida em que o corpo próprio, permanentemente questionado nos seus atributos e estrutura essencial*, acaba por surgir

como lugar em que, na *ausência do objecto* que insiste em escapar, a *frustração é procurada evacuar*;

b) No caso da Helena os *modos de relação estabelecida com o(s) objecto(s)*, inscritos mais uma vez numa *lógica de fusão-oposição*, revelam nesta medida a mesma natureza de processos, com as marcas da *ausência de prazer* e da *adversidade emergente no contacto*.

Nestes *modos de relação estabelecida com o(s) objecto(s)* – traduzidos através do exercício de uma *função de captação*, que origina a permanente *entrada em oposição dos elementos evocados* –, revela-se mais uma vez uma tendência para o *acting*, consubstanciada na *hostilidade (e no ódio) ao(s) objecto(s)*, que se revela *quer de modo hetero-agressivo, quer de modo auto-agressivo*, como bem expressam as temáticas da Helena.

c) No caso do Luís, assistimos novamente ao exercício claro de uma *função de captação dos objectos*, que mais uma vez se inscreve numa *lógica de fusão-oposição*, que carrega as marcas da *ausência de prazer e da adversidade emergentes no contacto*.

Estes *modos de relação estabelecida com o(s) objecto(s)* revelam-se através da percepção de objectos predominantemente *desvitalizados, diminuídos e repelentes no contacto*, como objectos que, apesar de procura e das tentativas de *união*, se mostram pouco ou nada meritórios de investimento efectivo, e cuja *dimensão ausente justifica tendencialmente o retraimento do sujeito sobre si*, facultado através de formas de *pseudo-mentalização, que permitem colmatar os efeitos do ódio e facultam a contenção do acting, declarando a manutenção da relação através da retracção da agressividade*.

d) Por fim, no caso do Manuel, os *modos de relação estabelecida com o(s) objecto(s)* declaram mais uma vez a presença e exercício de uma *função de captação do(s) objecto(s)*, que segue a par da *ausência de prazer e da inviabilidade do contacto* com o(s) mesmo(s), como bem revela a tendencial qualidade precária dos conteúdos.

Estes modos de relação traduzem-se através de esforços que revelam *tentativas de captação e estabilização do(s) objecto(s)* que, quando fracassam, dada a efectiva

dificuldade de realização do intuito que lhes preside, acabam por conduzir à *retirada*, à *recusa*, à *passividade*, à *fuga ao contacto e ao tendencial retraimento do sujeito sobre si*, como *estratégias defensivas dominantes que permitem colmatar os efeitos do ódio*, *facilitam a contenção do acting e declaram a manutenção das dimensões relacionais através da retracção da agressividade e da submissão subserviente e masoquista*, como bem revela a extrema submissão do Manuel às características perceptivas do material.

2- Em termos teóricos, de acordo com a nossa linha de abordagem, é necessário salientar que este *tipo de funcionamento mental e relacional* dos nossos sujeitos, inscrito numa *lógica de fusão-oposição*, encontram subjacentes as condições do *masoquismo primário* (Freud, S., 1924/1973; Dias, C., A., 1999) e da *analidade primária* (Green, A., 1983; 1993), que subscrevem as questões da *dependência-necessidade* do objecto e da *intolerância à frustração* e à adversidade emergentes no contacto com o objecto.

O *masoquismo primário*, segundo Freud (1924/1973), para além de caracterizar uma fase em que *a agressividade ainda não foi dirigida para os objectos externos*, representa uma condição matricial originária, em que *prazer e desprazer não se encontram separados*.

Efectivamente, uma conclusão directa que podemos retirar do tipo de relação que estes sujeitos estabelecem com o objecto, como *objecto de dependência que, no lugar de tornar a pulsão tolerável (pelo prazer da satisfação procurada), a torna ainda mais intolerável (pelo desprazer da satisfação tiranizada)*, é que *prazer e desprazer não se encontram separados*.

Para além disto, Amaral Dias (1999) considera que *o masoquismo primário representa, numa dimensão relacional, uma manobra radical de evitamento do desaparecimento do objecto, para que o objecto não parta, como expressão duma incapacidade para tolerar a ausência do mesmo*.

Efectivamente, *a necessidade de manutenção do objecto de dependência, para que o objecto não parta, tal como revelam as narrativas dos nossos sujeitos – quer de modo sádico, quer, no reverso, pela subserviência masoquista (que lhe é simétrica), sem comunicação e empatia com o objecto –, subscreve também as lógicas do masoquismo*

primário, concebido como manobra radical de evitamento do desaparecimento do objecto.

A *analidade primária*, por seu turno, segundo Green (1983; 1993), caracteriza um *narcisismo anal* que faculta a estes sujeitos um *eixo interno* estruturante (ou pseudo-estruturante), pela *erotização inconsciente* de toda a situação conflitiva que afecte o narcisismo.

Portanto, como condição em que *prazer e desprazer*, mais uma vez, *não se encontram separados*, conforme as lógicas inscritas na condição matricial do *masoquismo primário*, como co-excitação libidinal originária (Freud, S., 1924/1973).

Para além disto a analidade primária encontra-se também ao serviço do *aferramento ao(s) objecto(s)* (Green, A., 1993), *dando conta de modos de relação marcados precisamente por tentativas e esforços radicais de controlo anal do(s) objecto(s), sem comunicação e empatia com o(s) mesmo(s), quer de modo sádico, quer no reverso, pela subserviência masoquista.*

Estas tentativas radicais de *controlo anal do objecto* dão pois conta de uma incapacidade *para tolerar a ausência do objecto*, revelando a ameaça subjacente de uma *perda sempre (re)vivida como uma ruptura brusca e destrutiva* (Green, A., 1983).

Portanto, mais uma vez, a *analidade primária* revê-se nas lógicas inscritas na condição do *masoquismo primário*, como manobra radical de evitamento do desaparecimento do objecto (Amaral Dias, C., 1999).

Como tal, mais uma vez, estes *modos de relação*, regidos pelas *lógicas do masoquismo primário e da analidade primária*, encontram-se bem ilustrados nas narrativas dos nossos sujeitos, através da revelação do *exercício esforçado de uma função de captação e estabilização dos objectos*, que se revela como *esforço de controlo e manobra radical de evitamento do desaparecimento do objecto*, denunciando a *incapacidade para tolerar a ausência* do mesmo.

Efectivamente, estes *modos de relação estabelecidos com o(s) objecto(s)*, sob a égide da *dependência-necessidade* do(s) mesmo(s), manifestam-se então através de *modalidades*

de contacto muito arcaicas que, dotadas de um carácter anal sadomasoquista, carregam invariavelmente a marca da adversidade e inscrevem-se, como já fundamentamos, numa lógica de fusão-oposição.

Como tal, estas modalidades de contacto e relação *não são da ordem da troca e do prazer compartilhado, mas sim da ordem de uma reivindicação narcísica de base, exercida com hostilidade e necessidade de controlo sobre os objectos, para subsistência do sujeito.*

Amaral Dias (2004) reenquadra posteriormente esta questão da *dependência-necessidade* do objecto nos casos *border*, sob a égide do *masoquismo primário*, considerando-a como uma *necessidade de manutenção do objecto como segunda pele, porque o objecto nunca perdeu a sua função-condição inicial de segunda pele.*

Efectivamente, esta condição de *necessidade de manutenção do objecto como segunda pele* encontra-se bem ilustrada nas narrativas dos nossos sujeitos, através da presença invariante, tal como a nossa análise e interpretação dos protocolos permitiu revelar, de esforços constantes e nunca satisfatórios de *procura de continente para os conteúdos mentais emergentes.*

3- Posto isto, interessa-nos agora ilustrar, através das *narrativas Rorschach* que analisámos, como se reflectem estas dimensões em termos de *cotações*, nomeadamente, em termos da associação estabelecida entre os *modos de apreensão* e os *determinantes.*

Como já explicitámos nos nossos procedimentos, os factores que permitem revelar estas dimensões, em termos de modos de apreensão, podem passar por duas tendências fundamentais:

Por um lado, em detrimento das apreensões em detalhe (D, assim como Dd, Dbl e Do), pode surgir um excesso de apreensões globais (dominantemente G simples), que dá conta de *uma dependência dos objectos que se exprime através da constante necessidade de circunscrição formal e superficial dos mesmos, com um desempenho medíocre do ponto de vista dos processos de simbolização, revelando uma ausência de comunicação entre o interno e o externo, o sujeito e o objecto;*

Por outro lado, em detrimento das apreensões globais (G), pode surgir um excesso de apreensões em detalhe (D, assim como Dd, Dbl e Do), que melhor traduz as *tentativas constantes e esforçadas de controlo anal dos objectos, tendencialmente de modo hostil e revelando a precariedade dos processos simbólicos, portanto, mais uma vez, sem comunicação entre o interno e o externo e sem comunicação e empatia entre o sujeito e os objectos.*

Naturalmente, o que se verifica maioritariamente é o surgimento combinado, em proporções variadas, de ambos modos de apreensão – global (G) e em detalhe (D, assim como Dd, Dbl e do) –, sendo que, o que de comum preside a estas combinações é uma *captação superficial e formal dos objectos, drasticamente pobre do ponto de vista simbólico.*

Como tal, ao nível dos determinantes associados a estas possibilidades de apreensão, em detrimento da diversidade que tende a revelar dinâmicas mais criativas e capacidades simbólicas mais evoluídas, vemos surgir um excesso de formalização (F), ou seja, vemos surgir *esforços persistentes de circunscrição formal dos objectos, para retê-los e fixá-los, para que não escapem, sem comunicação e empatia com os mesmos – conforme as lógicas do masoquismo primário e da analidade primária – e, tendencialmente, do ponto de vista interpretativo, com a marca da hostilidade, que tanto pode atingir os objectos, como reverter à sua origem in sujeito.*

Assim, o protocolo da Sónia, dando conta de modos de apreensão da realidade bastante singulares, a par de uma percentagem muito baixa de respostas globais (G = 10%), apresenta uma percentagem invulgarmente elevada de respostas em detalhe, que podemos considerar na sua globalidade, tendo em conta que a função que cumprem se revela ao serviço do mesmo intuito, ou seja, *o controlo anal do(s) objecto(s) (D + Dd + Dbl + Do = 90%).*

Quanto aos determinantes associados a estes modos de apreensão, vemos surgir uma percentagem muito elevada de respostas formais (F% = 83), que dá conta duma *captação dos objectos tendencialmente superficial e assimbólica.*

Efectivamente, em termos de cotações, o que de fundamental caracteriza o protocolo da Sónia é a associação entre os modos de apreensão em detalhe e o determinante formal que, do ponto de vista interpretativo, para além de revelar *a precariedade da actividade simbólica, que sempre se perde na parcialidade dos objectos, revela também que os modos de relação estabelecida com os objectos ocorrem através de uma exploração exaustiva das manchas, regida por esforços persistentes de circunscrição formal das mesmas, para que os objectos não escapem, com a marca da hostilidade, sem comunicação e empatia com os mesmos, portanto, subscrevendo as lógicas da analidade primária, às quais subjaz a condição geral do masoquismo primário.*

Quanto aos protocolos da Helena, do Luís e do Manuel, passem as diferenças existentes entre eles, apresentam-nos características gerais muito idênticas, do ponto de vista das dimensões que no momento procuramos ilustrar. Assim, este conjunto de protocolos revela como característica mais comum, percentagens bastante elevadas de respostas globais, predominantemente de tipo simples (respectivamente: G = 75%, 45% e 67%), a par de percentagens bastante baixas de apreensões em detalhe corrente (respectivamente: D = 25%, 55% e 33%).

Quanto aos determinantes associados a este estilo geral de apreensão, dominado pelas apreensões globais (G), vai novamente predominar largamente a formalização (F), como tendência característica da generalidade dos sujeitos *border*, embora tenhamos que analisar com algum cuidado os valores de F%, para podermos justificar o afirmado.

Assim, no caso do Manuel, o valor de F% (50) dentro dos parâmetros normais, não parece justificar uma tendência acentuada para o recurso à forma.

Contudo, é necessário compreender que esta percentagem de respostas formais, ponderada sobre um número total de respostas muito baixo (12), sofre o efeito de uma resposta CF, uma resposta kob e duas respostas kobC (quatro respostas no total).

Estas respostas, que surgem com a entrada na série na série pastel, do ponto de vista interpretativo, não denotam mais do que uma *submissão ao material e um apego à concretude*, que seguem a par da declarada *pobreza simbólica* e, deste modo, tal como no caso do *recurso à forma*, estas respostas não representam mais do que uma

modalidade perceptiva submetida à função das *defesas pela realidade* e, conseqüentemente, da *clivagem entre o interno e o externo* (conforme as lógicas do *masoquismo primário* e da *analiade primária*).

Para além disto, devem somar-se a estas quatro respostas, uma resposta K (a banalidade cartão III) e uma resposta kan (a banalidade do cartão VIII), que são respostas onde o que se acentua, para além da sua *dimensão formal*, é o seu *carácter banal* e não o factor projectivo, dinâmico e/ou simbólico.

Em conclusão, este conjunto de seis respostas, que tornam relativamente baixo o valor de F% do Manuel (50), do ponto de vista interpretativo, servem funções que em nada se afastam das *funções do recurso à forma pura*.

Quanto aos casos da Helena e do Luís, os valores também relativamente baixos de F% (respectivamente: 42 e 61), aparentemente, mais uma vez, não parecem ser concordantes com uma tendência para o recurso à forma.

No entanto, nestes casos da Helena e do Luís, se tomarmos em conta os valores elevados de F% alargado (respectivamente: 75 e 81), podemos confirmar a tendência a que nos referimos, nos termos gerais da duma quantificação que engloba as respostas formais de tipo puro e as respostas de dominância formal.

Contudo, para que se torne legítimo confirmar a tendência geral para a associação entre o modo de apreensão global (G) e o determinante formal (F), *como reveladora da precariedade dos processos de simbolização*, é necessário compreender que, do ponto de vista interpretativo, as respostas de dominância formal, que contribuem determinantemente para os valores de F% alargado e associam o determinante formal, essencialmente, nos casos da Helena e do Luís, a *dimensões afectivas* (C e Clob) e *projectivas* (K e k), *não são respostas que denotem processos dinâmicos e criativos, onde os afectos e as expressões do mundo interno se integrem num registo simbolizado, mas sim respostas que denotam a perturbação dos processos perceptivos, ou dos esforços persistentes de circunscrição formal dos objectos*, tal como o demonstram os valores apurados de F+% alargado, significativamente abaixo do desejável, relativamente aos valores normativos (respectivamente: 60 e 39).

Assim, tomando em conta a fundamentação que já apresentámos no delineamento dos nossos procedimentos, as características gerais das narrativas da Sónia, da Helena, do Luís e do Manuel, reflectidas ao nível da cotação das respostas, remetem-nos mais uma vez para *a radical precariedade das capacidades de simbolização e para modos de funcionamento mental e relacional, aos quais presidem as lógicas do masoquismo primário e da analidade primária.*

Então, uma vez destacadas estas características gerais das narrativas dos nossos sujeitos, quanto às *perturbações do processo perceptivo, amplamente dominado pelos esforços de circunscrição formal dos objectos*, elas representam igualmente uma tendência geral dos sujeitos *border*, como bem ilustram os casos apresentados.

Efectivamente, para além dos valores já apresentámos (da Helena e do Luís), devemos ainda referir os valores de F+%, abaixo do desejável relativamente aos valores normativos, que se destacam nos psicogramas da Sónia e do Manuel (respectivamente a 52 e 58).

Assim, deixando para trás as questões relativas aos modos de apreensão e aos determinantes, devemos passar a discutir o significado e importância desta última tendência geral, que denota a *derrapagem persistente dos processos perceptivos, amplamente dominados pelos esforços de circunscrição formal dos objectos.*

4- Remetendo à nossa argumentação teórica salientamos que o *fracasso do duplo desdobramento*, que se encontra subjacente à *condição estrutural de base dos sujeitos borderline*, dá origem a constelações efectivamente mais complexas, dos pontos de vista compreensivo e descritivo, do que as até aqui discutidas.

Uma consequência directa do fracasso do duplo desdobramento, como já fundamentámos (poupando-nos neste ponto a uma descrição mais extensiva), é *que o sujeito não se formula num “entre”, mas sim num “dentro” igual a “fora” (o objecto é duplo fora), que curto-circuita no limite toda a gama de equações simbólicas do narcisismo destrutivo, apreensíveis na categoria geral destruído-destrutivo, ao qual preside, como antagonismo de fundo, a fusão-oposição (Green, A., 1993).*

Quando consideramos que o sujeito não *se formula num “entre”, mas sim num “dentro” igual a “fora”*, referimo-nos necessariamente ao problema da *precariedade dos limites dentro-fora, Eu-não Eu* (Green, A., 1986; 1993) – que é, também, o problema da *porosidade do continente psíquico* (Viegas, J. C., 2000) – e, conseqüentemente, referimo-nos ao problema da *incapacidade de manutenção da distância mínima entre o sujeito e o objecto, entre o espaço do Eu e o espaço do Outro* (Amaral Dias, C., 2004).

Esta problemática revela-se nos protocolos *Rorschach* dos nossos sujeitos, através das excessivas *perdas de adaptação perceptiva* que (F-), tal como bem reflectem as temáticas e a natureza dos conteúdos das respostas, tendencialmente *destrutivas*, dão conta da *indistinção entre o sujeito e o objecto*, isto é, *dão conta da indistinção estabelecida entre os arranjos destrutivos da pulsão e o seu objecto, que se manifesta através de toda a gama de equações simbólicas próprias do narcisismo destrutivo que lhe dá origem*.

Assim, as perdas de adequação formal, reflectidas nos baixos valores de F+%, traduzem uma condição estrutural que caracteriza *o tipo de funcionamento mental e relacional dos sujeitos border, dada a precariedade dos limites dentro-fora, Eu-não Eu* e, conseqüentemente, *dada a incapacidade de manutenção da distância mínima entre o sujeito e o objecto e entre o espaço do Eu e o espaço do Outro*.

Esta condição emerge então no âmbito de um *funcionamento mental e relacional regido pelas lógicas da analidade primária* (Green, A, 1983; 1993) e do *masoquismo primário* (Amaral Dias, C., 1999; 2004), *em que os esforços de controlo do objecto, para que o objecto não escape, acabam por ser comprometidos pelas conseqüências desadaptativas de uma incapacidade de manutenção da distância mínima, entre os arranjos destrutivos da pulsão e o seu objecto*.

Estas *perdas de distância entre o sujeito e o objecto* (as manchas) reflectem, portanto, *a interpenetração dos limites, a contaminação de carácter destrutivo entre o interno e o externo e, conseqüentemente, dão origem ao fracasso das modalidades defensivas do*

sujeito, que visam antes de mais o controlo e manutenção do objecto de dependência, para subsistência do sujeito.

5- Estas constatações, do ponto de vista teórico, que como já fundamentámos sustentem *a precariedade de um continente psíquico sólido e delimitante, organizado pela simbolização*, são convergentes com as concepções de A. Green (1983; 1993) e de A. Dias (2004), no sentido em que a procura de contacto com o objecto acaba por revelar (tanto mais quanto o objecto ameaça escapar), de acordo com a linguagem do primeiro, *a ruptura das ligações*, sob a qual se funda *a precariedade da função simbólica* ou, de acordo com a linguagem do segundo, *as lacunas do simbólico*, que traduzem *a precariedade da função alfa, a assímbolia e a incapacidade de pensar*.

Efectivamente, segundo A. Dias (2004), a incapacidade para pensar, que caracteriza o sujeito *border*, coloca em termos radicais *o problema da perda de autonomia e o problema da dependência*.

Em termos simples, *o border perde radicalmente a sua autonomia* porque não pode pensar dentro de si próprio.

Por outras palavras, *o border é radicalmente dependente do outro porque necessita do outro para pensar, isto é, o border procura pensar dentro do outro, através da identificação projectiva (excessiva)*.

Deste modo, compreendemos que o que as narrativas destes sujeitos revelam é, em boa parte, *a necessidade-dependência radical do objecto, e consequentemente do Outro, como condição através da qual o Eu é necessariamente suprimido (a perda de autonomia), por se encontrar inevitavelmente hipotecado no objecto*.

Esta é também a condição sobre a qual, consequentemente, se funda *a intolerância radical à frustração que emanada da relação com o objecto (de dependência-necessidade)*, ou seja, *a intolerância à ausência, ao conflito, à diferença, à separação, etc.*

Esta condição, que como dizíamos sustende uma *utilização excessiva, ou patológica da identificação projectiva, reflecte-se no Rorschach através do exercício esforçado de uma função de captação do(s) objecto(s), traduzido nos esforços persistentes de captação formal dos mesmos, para que não escapem, como esforços que operam antes de mais como uma procura de continente para os conteúdos mentais emergentes, dada a precariedade da função alfa e a conseqüente incapacidade para pensar dentro de si próprio*, ou seja, por outras palavras, *dada a precariedade do continente psíquico do sujeito*.

Esta *procura de continente* é, portanto, uma *procura do objecto como segunda pele*, pois o objecto nunca perdeu a função de segunda pele, uma vez que *o border apenas constrói um rudimento da função alfa, através da identificação à função continente materna* (Dias, 2004).

O problema da *precariedade da função alfa*, portanto, coloca de imediato o problema da *identificação projectiva excessiva: quanto menos função alfa mais identificação projectiva* (Amaral Dias, C., 2004).

Assim, no *Rorschach*, o *excesso de identificação projectiva que preside necessariamente aos esforços de captação e estabilização dos objectos, como uma procura radical de continente, acaba por interpenetrar inevitavelmente a fragilidade das barreiras dentro-fora, ou a fragilidade dos limites Eu-Não Eu, conduzindo às inevitáveis perdas de distância que arrastam consigo a revivescência alucinatória de uma perda vivida de modo sempre destrutivo*, justificando as *tendências perdas de adequação formal (F-)* e a *tendencial qualidade destrutiva dos conteúdos e das narrativas*.

6- Antes de discutirmos melhor outros aspectos relativos ao *uso excessivo da identificação projectiva*, interessa-nos ainda abordar estas questões do *funcionamento mental e relacional* dos nossos sujeitos, do ponto de vista de outras *modalidades defensivas*.

Efectivamente, as *tendenciais perdas de adequação formal*, ou as *tendenciais derrapagens do processo perceptivo*, dão conta precisamente do *fracasso e fragilidade*

de determinadas modalidades defensivas que, enquanto operativas, facultam a estes sujeitos diversas formas de adaptação ou, melhor dizendo, de *pseudo-adaptação*.

Estas modalidades defensivas operam no *Rorschach* através do *recurso à realidade externa (defesas pela realidade)* e encontram-se ao serviço da *clivagem entre o interno e o externo*, ou seja, operam como *defesas contra contaminação da captação da realidade externa pelas qualidades destrutivas do mundo interno* e organizam-se essencialmente, recorrendo às nossa referências teóricas, em torno da *recusa (da realidade psíquica)* (Green, A., 1983; 1993), ou do *desmentido* (Amaral Dias, C., 2004).

Efectivamente, a *recusa da realidade psíquica*, conforme as concepções de André Green (1986; 1993), assim como as *defesas pela realidade (externa)* que se encontram ao seu serviço, são modalidades defensivas claramente ilustradas através dos quatro protocolos do nosso estudo, na medida em que *a captação formal, superficial e banal das manchas (defesas pela realidade: tentativas de captação do percebido isento de projecção), se sobrepõe radicalmente a outras modalidades mais integrativas e actua em detrimento do contacto com as dimensões simbólicas das mesmas, como dimensões simbólicas que, dotadas de qualidades psíquicas essenciais, são persistentemente recusadas, como recusa da sua repercussão in sujeito.*

Quanto ao *desmentido*, como modalidade defensiva, actua de um modo coincidente com a *recusa da realidade psíquica*, na medida em que esta última, a recusa, segundo André Green (1986; 1993), *coexiste com o reconhecimento* e a primeira, o *desmentido*, segundo Amaral Dias (2004), actua precisamente porque o *border* percebe, *reconhece*, mas não tem uma teoria sobre o percebido e por isso desmente essa parte.

Por outras palavras o *desmentido*, tanto quanto a *recusa*, ocorrem no lugar em que o *sujeito não pode erigir uma teoria sobre o percebido e pensar*, ou seja, o *desmentido*, tanto quanto a *recusa*, actuam contra a *percepção da qualidade precária (destrutiva) da realidade psíquica, ou interna, vindo sobrepor a percepção isenta da realidade externa, às qualidades assimbólicas da mente.*

7- Por outras palavras ainda, as modalidades defensivas destes sujeitos pressupõem a *precariedade do traço mnésico representativo e a precariedade do simbólico e, como*

tal, erigem-se antes de mais *contra a falta de sentido, contra a emergência peremptória do sem-sentido (primário e/ou secundário)* (Grotstein, J., 1987; 1999), portanto, *contra a emergência do o vazio, ou seja, contra a ameaça do nada.*

Daí a necessidade e os esforços de captação formal e superficial das manchas Rorschach, isenta de qualquer tipo de participação subjectiva ou projectiva (isenta de comunicação entre o interno e o externo), como defesa contra as tendenciais perdas de distância que, surgindo principalmente perante a dificuldade de atracagem perceptiva às manchas menos configuradas, se revelam através das tendenciais perdas de adequação formal dos esforços perceptivos e se fazem acompanhar pelas emergências destrutivas do mundo interno, às quais se encontra subjacente a ameaça do nada.

Efectivamente, *o objecto escapa e a alucinação negativa, como representação da ausência de representação, exerce os seus efeitos no momento presente – Destapa a ameaça do nada* (Green, A., 1977; 1993; 1994).

Uma vez destaca como central a questão *do nada* – factor que integrámos como uma *qualidade psíquica das manchas*, ao concebermos o Rorschach como um *Espaço Virtual de Alucinação Negativa* –, lembramos que assimilámos também as concepções de James Grotstein (1987) que, concordantes no seu essencial com as nossas próprias formulações e integrações teóricas, definem *a psicopatologia borderline como um híbrido das psiconeuroses de conflito e do défice das estruturas do self, caracterizado pela emergência peremptória do sem-sentido (o nada).*

8- Recapitulando os aspectos essenciais abordados nos últimos pontos da nossa discussão (6 e 7), como *último recurso face às qualidades assimbólicas da mente, ou face à ausência de inscrição durável do traço mnésico representativo no interior do psiquismo, as modalidades defensivas dos nossos sujeitos – as defesas pela realidade externa e a recusa da realidade psíquica e/ou o desmentido* –, *erigem-se antes de mais contra o vazio interior e contra a emergência peremptória do sem-sentido (contra a ameaça do nada), e a identificação projectiva, cujo excesso acaba por dar origem às mais extremas perdas de distância e à consequente contaminação destrutiva entre o*

interno e o externo, revela precisamente, antes de mais, uma procura radical e mal sucedida de sentido e simbolização, que actua perante a ameaça do nada.

As relações estabelecidas entre o *processo-resposta Rorschach* e as *modalidades defensivas* a que nos referimos, *as defesas pela realidade, a recusa e/ou o desmentido e a identificação projectiva excessiva*, dão origem a protocolos caracterizados pela presença alternada de *dois tipos de condutas perceptivas*, de acordo com as constatações da *psicologia projectiva* da escola francesa (Chabert, C., 1983/1999) e como bem ilustram os quatro casos dos nossos sujeitos:

a) Uma caracterizada pela *captação superficial, formal (F+) e banal dos objectos, muito pobre do ponto de vista simbólico, que dá conta da operatividade das defesas pela realidade externa e se encontra ao serviço da clivagem entre o interno e o externo e da recusa da realidade psíquica;*

b) Outra caracterizada pela *perturbação destes processos perceptivos, dada a tendência para as perdas de distância entre o interno e o externo, geradas pelo excesso de identificação projectiva e visíveis nas perdas de adequação formal (F-) que as acompanham, tal como nas emergências das qualidades destrutivas do interno, que contaminam a captação dos objectos e transparecem nas temáticas das narrativas.*

Mas estas *perdas de adequação formal surgem na sequencia de movimentos esforçados de procura de continente, sentido e simbolização, como movimentos através dos quais os objectos (manchas), tanto mais quando escapam, ou tendem a escapar, acabam por ser sujeitos a uma sobre-interpretação, devido ao excesso de identificação projectiva.*

Os objectos assumem então, na medida em que tendem a escapar e devido à entrada em cena do excesso de identificação projectiva, como consequência secundária à emergência do vazio e à ameaça do nada, a forma de objectos estranhos, bizarros, deformados, atingidos na sua integridade e destruídos, dando então conta dos curto-circuitos pulsão-fantasma consubstanciados numa gama de equações simbólicas às quais preside invariavelmente a categoria geral destruído-destrutivo.

Efectivamente, como bem ilustram as narrativas dos nossos sujeitos, principalmente nas manchas menos configuradas, que deixam o sujeito destituído de recursos quer *externos* (a falta de figurabilidade das manchas que inviabiliza a sua circunscrição formal), quer *internos* (a precariedade das capacidades simbólicas do sujeito), *o objecto escapa e a alucinação negativa, como representação da ausência de representação, exerce os seus efeitos no momento presente: destapa a ameaça do nada.*

No caso dos nossos sujeitos *a alucinação negativa do objecto, ao destapar a ameaça do nada*, vem revelar claramente a *precariedade das suas capacidades simbólicas (simbolizar e pensar)*, ou seja, vem revelar *a incapacidade de transformação do objecto, no momento em que ele se apaga, em estrutura enquadrante do sujeito*, conforme as concepções teóricas descritas por André Green (1977; 1963; 1986; 1993; 1994).

Neste âmbito, os protocolos que analisámos permitiram-nos ilustrar duas soluções distintas face à *ameaça do nada*, como ameaça decorrente da ocorrência da *alucinação negativa do objecto*. Estas soluções, a) *a evacuação-acção (o agir)*, nos casos da Sónia e da Helena e b) *o retraimento narcísico*, nos casos do Luís e do Manuel, revelam ambas a *precariedade das capacidades simbólicas* dos sujeitos:

a) *O agir:*

(i) Assim, no caso da Sónia, tomando como melhores exemplos as respostas às manchas pastel – que, a par da sua parca formalização (excepção feita à banalidade do cartão VIII), introduzem dimensões de sobre-estimulação, devido à multiplicidade de formas e cores das suas características sensoriais e estruturais –, assistimos a *um aumento notório do nível de desorganização, manifesto através da evacuação de séries de conteúdos maioritariamente parciais (Ad e Hd), sem sentido e desligados entre si, de características tendencialmente bizarras e/ou destrutivas:*

Cartão VIII: *útero, monstro, borboleta, pessoa, caveira de animal*. Cartão IX: *cabeça de insecto, caras, cabeça de animal, monstros*. Cartão X: *animais, cabeça de pato, monstros, outros monstros, pessoa, cara de gato, mais monstros*.

Efectivamente, face ao impacto tumultuoso e invasivo das características estruturais e sensoriais das manchas, *o controlo anal dos objectos e as defesas pela realidade externa vão fracassar (F-), o objecto escapa e a alucinação negativa exerce os seus efeitos, destapa a ameaça do nada.*

A ameaça do nada dá então origem aos processos evacuativos em questão, que denotam a prevalência da tendência para o acting sobre as capacidades elaborativas, portanto, muito aquém da capacidade de recuperar o objecto ausente como estrutura enquadrante do sujeito, simbolizar e pensar.

Assim, por outras palavras, *a evacuação dos conteúdos caóticos e impensáveis, desorganizados e desorganizantes – elementos beta –, vem dar conta do excesso de identificação projectiva que os veicula e, conseqüentemente, da precariedade da função alfa.*

Portanto, *a identificação projectiva predomina amplamente sobre a função alfa e o pensamento funciona sob um modelo de acção: não há transformação, apenas deformação originada pela evacuação.*

A evacuação do sem-sentido actua aqui, como última saída (e prelúdio da acção), face á ameaça do nada. Mas a estes conteúdos evacuados, como prelúdio da acção, preside contudo um “querer implícito”: a procura de continente, sentido e simbolização.

Na verdade, *estas séries evacuativas surgem no contexto geral de movimentos esforçados de procura de continente, sentido e simbolização e como resultado desadaptativo do fracasso destes esforços, ao qual preside contudo o mesmo intuito.*

(ii) No caso da Helena, tomando mais uma vez como melhores exemplos, pelos motivos já referidos, as respostas à série pastel (cartões VIII, IX e X), assistimos novamente a um aumento notório do nível de desorganização, onde a tendência evacuativa se traduz, quer ao nível da natureza dos conteúdos, quer ao nível do contexto temático em que se inserem, formando constelações claramente bizarras, catastróficas e destrutivas:

Cartão VIII: *vulcão em irrupção, lava, catástrofe, feras em perigo*, etc. Cartão IX: *o perigo da lava está por baixo, irrupção, catástrofe*, etc.); Cartão X: *a auto-destruição do planeta*.

Efectivamente, mais uma vez, sem nos repetirmos demasiado, *o fracasso das modalidades defensivas e dos esforços adaptativos de procura de continente (F-), vêm dar lugar à ocorrência da alucinação negativa e a ameaça do nada dá origem à evacuação do sem-sentido (elementos beta), através do excesso de identificação projectiva que arrasta para fora as qualidades destrutivas do interno*, como bem transparece o modo como a Helena finaliza as suas narrativas (cartão X).

Mais uma vez, *a identificação projectiva predomina amplamente sobre a função alfa e a mente funciona sob um modelo de acção-evacuação, face à ameaça do nada*.

Mas aos *conteúdos evacuados (elementos beta)*, como *preludio do agir, preside contudo o querer implícito dos conteúdos que procuram continente, sentido e simbolização*, como bem ilustram os esforços de contextualização temática da Helena nas respostas à série pastel e, particularmente, nas respostas ao último cartão (X): a *eminência da destruição catastrófica*, a par da procura do lugar onde renascer, ou seja, a *ameaça do sem-sentido (do nada)* e o esforço infrutífero, e como tal tendencialmente *agido*, para encontrar o lugar continente onde os *conteúdos mentais* emergentes se articulem e o campo de *sentido* se realize, para escapar à *ameaça do nada*.

b) *O retraimento narcísico:*

(i) No caso do Luís, como bem ilustra a globalidade das suas narrativas e, como exemplos pelos quais optamos, por nos parecerem mais elucidativos, as respostas aos cartões I, IV e X, vamos assistir a outra solução, por ventura mais *mentalizada* (ou *pseudo-mentalizada*), face à *ameaça do nada*, ou seja, *o retraimento narcísico sobre si, que faculta a contenção do acting*:

No cartão I, na sequencia da *alucinação negativa do objecto*, que destapa a *ameaça do nada (F-)*, vemos *surgir o recurso ao retraimento narcísico e especular sobre si mesmo, patente numa submissão passiva às características sensoriais do estímulo (E) e*

revelado na natureza das temáticas, onde a quietude convida ao retraimento e à retirada através de formas de pseudo-mentalização (o positivo do negativo, do nada, é reflexos de algo em algo, simetria, águas calmas, sombras, lua, etc.);

No cartão IV, perante as dificuldades de integração simbólica das dimensões evocadas pela mancha, que anunciam a eminência das qualidades *assimbólicas* da mente – *a ameaça do nada* –, vemos surgir mais uma vez *o retraimento narcísico e especular sobre si, patente na submissão passiva às características sensoriais do estímulo (E) e revelado na natureza das temáticas, onde, mais uma vez, a quietude convida ao retraimento e à retirada através de formas de pseudo-mentalização (a simetria, o horizonte, a água tranquila, o reflexo, o espelho.*

No cartão X, na sequência da ocorrência da *alucinação negativa*, anunciada no cartão IX (F–), surge mais uma vez *o retraimento narcísico sobre si, revelado no recurso à simetria, às dimensões especulares (processo espelhado) e à quietude das imagens reflectidas na água* (respostas 25, 26 e 27).

Deste modo, face à ocorrência da *alucinação negativa*, que destapa a ameaça do *nada*, o Luís recorre tendencialmente *à retirada e ao retraimento narcísico sobre si*, patentes sob formas de *pseudo-mentalização* que facultam a contenção do *acting*, mas que não deixam de revelar a *tendência para um funcionamento regido pela repetição (o masoquismo primário) e a precariedade da função alfa e das capacidades de simbolização*, dado que as narrativas não denotam qualquer processo de integração das dimensões simbólicas evocadas pelas manchas.

(ii) No caso do Manuel, como características gerais e extensíveis a todo o protocolo, vemos surgir *a passividade masoquista expressa na submissão às características perceptivas dos estímulos* (como melhor exemplificam as respostas à série pastel), *a recusa e a fuga-retirada da relação e das situações de frustração, que nos revelam a solução pelo retraimento narcísico.*

Efectivamente, a extrema *pobreza simbólica* das narrativas do Manuel revela de modo inequívoco *o vazio interior* e, conseqüentemente, a susceptibilidade do seu

funcionamento mental à *ameaça do nada*, como ameaça colmatada predominantemente pelas *defesas pela realidade* e, quando estas fracassam, *solucionada pela retirada e pelo retraimento narcísico*.

O peso e importância das *defesas pela realidade* no funcionamento do Manuel, pode ser bem ilustrado através da passagem do cartão II (D bl F-), ao cartão III (*inevitavelmente parecem duas pessoas, não é?*).

A solução pelo *retraimento narcísico*, perante a ocorrência da *alucinação negativa*, que destapa a *ameaça do nada*, pode ser bem ilustrada através da passagem do cartão V – *Como um animal pré-histórico, não consigo, não é fácil, podia dizer aqui atrás* (vira o cartão) (F-) –, ao cartão VI (recusa o cartão; resposta adicional: *reflexos, paisagem, água*).

Naturalmente, nos casos do Luís e do Manuel, a presença clara do *retraimento narcísico como modalidade de funcionamento e estratégia defensiva tendencial*, não exclui a *possibilidade do acting*, pois a *saída pelo retraimento, como as restantes modalidades defensivas, pode não se mostrar viável e dar lugar aos processos menos mentalizados e desadaptativos do agir, como última solução face à ameaça do nada*.

9- Contudo, ambas as estratégias ilustradas nas narrativas que analisámos, o *acting* e o *retraimento narcísico*, como tendências dominantes do funcionamento mental e relacional destes sujeitos, para além de se afirmarem como soluções radicais face à *ameaça do nada*, são respostas à *adversidade emergente no contacto com os objectos, às quais se encontra subjacente a mesma condição estrutural de base, como condição que introduz em primeiro plano as relações estabelecidas entre a pulsão e o seu objecto* (e, como tal, o destino dos *elementos beta*): o *objecto, no lugar de ser aquilo que torna a pulsão tolerável, pelo prazer da satisfação encontrada, é aquilo que a torna ainda mais intolerável, pelo desprazer da satisfação tiranizada*.

Em síntese, o *objecto é ausência insuportável, pois destapa a ameaça do nada, e introsividade intolerável, pois é inevitavelmente tomado na perfusão dos limites dentro-fora e no campo das equações simbólicas, às quais preside a categoria geral destruído-destrutivo*.

14. CONCLUSÕES

1- *Através do método e da técnica Rorschach, procedemos à investigação do problema do agir, entendido como invariante fundamental no seio dos fenómenos borderline em geral e concebido como procura de continente, sentido e simbolização, inscrita á priori na relação.*

Para proceder a esta investigação, procurámos integrar uma *perspectiva intrapsíquica*, com base nas concepções desenvolvidas no campo das *teorias do conflito (pulsional)*, e uma *perspectiva relacional e intersubjectiva*, com base nas concepções desenvolvidas no campo das *teorias do défice (relacional)*.

Esta integração, que nos permitio *inscrever o agir no contexto da relação*, foi estabelecida no âmbito de uma *teoria do negativo* – que destaca a *alucinação negativa* como mecanismo nuclear e a questão do *nada* como condição fundamental e subjacente (Green, A., 1993) –, e ocorreu fundamentalmente através de articulações estabelecidas entre os contributos de Freud e Bion, recorrendo para tal aos contributos de André Green (1977; 1983; 1986; 1993; 1994; 1999; 2000), Amaral Dias (1992; 1999; 2004) e James Grotstein (1987; 1999; 19) e Amaral Dias.

As articulações em questão ocorreram fundamentalmente através duma aproximação estabelecida entre as noções *Id*, na senda dos contributos de Freud, e *elementos beta*, na senda dos contributos de Bion, tal como, conseqüentemente, entre as noções *representação* e *transformação*, como articulações que nos permitiram assimilar o destino dos *elementos beta* ao princípio do *prazer-desprazer*.

2- Para acedermos ao nosso objectivo, concebemos o *Rorschach* como *Espaço Virtual de Alucinação Negativa*, através do estabelecimento de formulação *metodológicas e técnicas*, inspiradas essencialmente nas concepções de M. Emília Marques (1999), sobre o *Rorschach* – que assimilam o *Modelo de Transformações* de Bion, ao referencial teórico do instrumento –, e nas concepções teóricas de André Green (1993), sobre o *negativo*.

Procedemos igualmente ao estabelecimento de *procedimentos específicos, para análise e interpretação de protocolos Rorschach*. Articulámos estes procedimentos de modo coerente com as concepções adoptadas, estabelecendo *o caos e o nada* como *qualidades psíquicas das manchas Rorschach*.

3- *Teórica e metodologicamente orientados pelas nossas concepções e por critérios de coerência e convergência entre a teoria e o método, a técnica e os procedimentos específicos*, pensamos ter ilustrado, através da análise, interpretação e posterior discussão teórica de quatro protocolos *Rorschach* de sujeitos *borderline* – recolhidos no serviço de Psiquiatria do Hospital Amadora Sintra, em Lisboa –, *a expressão-revelação Rorschach dos processos conducentes ao agir como procura de continente, sentido e simbolização, que opera face à ameaça do nada, perante a ocorrência da alucinação negativa, assim como, como contraponto do agir, ilustramos também a expressão-revelação Rorschach de processos conducentes ao retraimento narcísico sobre si, que faculta a contenção do acting através de formas de pseudo-mentalização*.

4- Deste modo, pensamos ter prestado um novo contributo para a compreensão dos fenómenos do *agir*, na medida em que o concebemos de um modo distinto da globalidade das concepções até aqui formuladas, *como procura de continente, sentido e simbolização, inscrita á priori na relação*.

Pensamos também ter pretado um novo contributo para a *psicologia clínica*, através da nossa concepção do *Rorschach como Espaço Virtual de Alucinação Negativa*, na medida em que esta se tem mostrado destituída de *métodos e técnicas aptos a abordar a dimensão radical do negativo, ou seja, a presença de fundo do nada e a ocorrência da alucinação negativa, que destapa a ameaça do nada, face à qual debatemos o problema do agir*.

5- Considerando validas as conclusões apresentadas, reconhecemos igualmente as limitações da presente investigação. Assim, *não tendo aspirações demonstrativas, mas sim ilustrativas*, a presente investigação permitiu-nos proceder à análise e interpretação aprofundada das narrativas dos nossos quatro sujeitos, mas a falta de representatividade quantitativa do grupo investigado não nos permite proceder a generalizações sobre os resultados obtidos.

Por outro lado, uma vez que a investigação do *agir* constituiu o objectivo específico do nosso estudo, os processos conducentes à solução pelo *retraimento narcísico* surgiram-nos colateralmente e, apesar de se encontrarem ilustrados, do *ponto de vista compreensivo*, foram pouco fundamentados.

6- Pensamos que a nossa investigação, para além dos contributos que consideramos ter prestado, pode abrir o terreno frutífero de um novo campo de estudos.

Efectivamente, pensamos que, concebidas como soluções perante a ameaça do *nada*, as soluções pelo *agir* e pelo *retraimento narcísico* correspondem, respectivamente, às distinções diagnósticas que Kohut (1978) e Kernberg (1979) estabelecem, no âmbito das suas próprias concepções, entre as *perturbações borderline da personalidade* e as *perturbações narcísicas da personalidade*.

Propomo-nos então, numa próxima oportunidade, a explorar estas distinções diagnósticas, através das nossas próprias lógicas, que versam antes de mais sobre as *concepções do negativo*, de modo a podermos prestar outros contributos e a suplantar as limitações que reconhecemos ao presente trabalho, tanto em termos compreensivos como em termos de representatividade quantitativa.

BIBLIOGRAFIA

ALEX TARNOPOLSKY, M. D. (1992). «Borderline disorders: A British point of view». In D. Silver & M. Rosenbluth (Ed). *Handbook of borderline disorders*. (pp. 175-202). Madison, Connecticut: International Universities Press, Inc.

AMARAL DIAS, C. (1992). *Aventuras de Ali Babá nos Túmulos de Ur. Ensaio psicanalítico sobre a somatopsicose*. Lisboa: Fenda.

AMARAL DIAS, C. (1999). *O negativo ou o retorno a Freud*. Lisboa: Fim se Século.

AMARAL DIAS, C. (2004). *Costurando as linhas da psicopatologia borderland (estados-limite)*. Lisboa: Climepsi Editores.

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA (2004). *DSM-IV-TR. Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais*. (4ª. ed). Lisboa: Climepsi Editores.

BERGERET, J. (1998a). «Actes de violence: réflexion générale». In F. Millaud (Org). *Le passage à l'act. Aspects cliniques et psychodynamiques*. (pp. 10-14). Paris: Masson.

BERGERET, J. (1998b). «Le passage à l'acte de l'état limite». In F. Millaud (Org). *Le passage à l'act. Aspects cliniques et psychodynamiques*. (pp. 111-117). Paris: Masson.

BERGERET, J. (1996). *La personnalité normale et pathologique*. Paris: Dunod.

BERGERET, J. (1991). «Fraqueza e violência no drama do depressivo contemporâneo». In J. Bergeret & W. Reid (Org.). *Narcisismo e estados-limite*. Lisboa: Escher.

BION, W. (1962). *Learning from experience*. London: Heinemann.

BION, W. (1965). *Trnasformations*. London: Heinemann.

BION, W. (1967). «Theory of Thinking». *International Journal of Psycho-Analysis*, 43, pp. 306-310.

BLATT, S., BRENNEIS, C., SCHIMEK, J. & GLICK, M. (1976). «Normal development and psychopathological impairment of the concept of the object on the Rorschach». *Journal of Abnormal Psychology*, 85, pp. 364-373.

BROWN, L. J. (1987). «Borderline Personality organization and the transition to the depressive position». In J. Grotstein *et al* (Ed.). *The Borderline Patient. Emerging concepts in diagnosis etiology, psychodynamics, and treatment*. (Vol. I, pp. 147-180). Hillsdale, London: The Analytic Press.

CAHN, R. (1987). «L'agir dans le fonctionnement mental de l'adolescent. Implications techniques». *Revue Française de Psychanalyse*, 4, pp. 1147-1154.

CARR, A. & GOLDSTEIN, E. (1981). «Approaches to the diagnosis of borderline condition by use of psychological tests». *Journal of Personality Assessment*. 45, pp. 563-574.

CHABERT, C. (1983/1999). *Le Rorschach en clinique adulte*. Paris: Dunod. Edição portuguesa: *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi Editores.

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. (1987). «L'acting out, quelques réflexions sur la carence d'élaboration psychique». *Revue française de psychanalyse*, 4, pp. 1083-1999.

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. (1990). «On Acting out». *International Journal of Psycho-Analysis*, 71, pp. 77-85.

CLAUDON, P. (1998). «Dynamique psychique de l'agir dans l'instabilité infantile. Approche projective à partir d'un cas clinique». *Bulletin de Psychologie*, 51 (4), pp. 449-458.

COIMBRA de MATOS, A. (2000). «O problema da melancolia na obra de Fairbairn». In *A depressão*. (pp. 516-530). Lisboa: Climepsi Editores.

CORTHAY-CASOT, L. & HALFON, O. (1998). «Agirs sur l'objet et sur le moi». *Adolescence*, 16, 1, pp. 169-181.

DUFLOT, C. (1996). «le “pervers” : agresseur ou victime? Etude du Rorschach». *Psychologie Clinique et projective*, 1, pp. 113-123.

FAIRBAIRN, R. (1941). «A revised psychopathology of the psychoses and psychoneuroses». In *Psychoanalytic studies of the personality*. (pp. 28-58). London: Tavistock Publications Ltd.

FAIRBAIRN, R. (1943). «The repression and the return of bad objects (with special reference to the ‘war neuroses’)». In *Psychoneuroses. In Psychoanalytic studies of the personality*. (pp. 59-81). London: Tavistock Publications Ltd.

FAIRBAIRN, R. (1944). «Endopsychic structure considered in terms of object-relationships». In *Psychoneuroses. In Psychoanalytic studies of the personality*. (pp. 82-136). London: Tavistock Publications Ltd.

FARRIS, M. A. (1988). «Differential diagnosis of borderline and narcissistic personality disorders». In H. Lerner & P. Lerner (Ed). *Primitive mental states and the Rorschach*. (pp. 299-337). Madison, Connecticut: International Universities Press.

FREUD, S., (1920/1973). «Mas alla del principio del placer». In *Obras Complectas*. (Tomo III, pp. 2507-2541), (3ª. ed). Madrid: Ed. Biblioteca Nueva.

FREUD, S., (1924/1973). «El problema económico del masoquismo». In *Obras Complectas*. (Tomo III, pp. 2752-2760), (3ª. ed). Madrid: Ed. Biblioteca Nueva.

FREUD, S., (1925/1973). «La negación». In *Obras Complectas*. (Tomo III, pp. 2884-2887), (3ª. ed). Madrid: Ed. Biblioteca Nueva.

GREEN, A. (1977). «L’hallucination négative. Note pour une addendum à un Traité dès hallucinations». *L’Evolution Psychiatrique*, XLII, III/2 (número especial).

GREEN, A. (1983). *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris: Les Editions de Minuit.

GREEN, A. (1986). «Le travail du négatif». *Revue Française de Psychanalyse*, 1, pp. 489-493.

GREEN, A. (1993). *Le travail du négatif*. Paris: Les Editions de Minuit.

GREEN, A. (1994). «Para introduzir o negativo em psicanálise». *Revista Brasileira de Psicanálise*, XXVIII, 1, pp. 25-38.

GREEN, A. (1999). «Genèse et situation des états limites». In J. André (Org). *Les états limites*. Paris: PUF.

GREEN, A. (2000). «A mente primordial e o trabalho do negativo». *Livro Anual de Psicanálise*, XIV, pp. 133-148.

GROTSTEIN, J. S. (1999). *O Buraco negro*. Lisboa: Climepsi Editores.

GROTSTEIN, J. S. (1994). «Notes on Fairbairn's metapsychology». In J. Grotstein & D. Rinsley (Ed). *Fairbairn and the origins of object relations*. (pp. 113-148). New York, London: The Guilford press.

GROTSTEIN, J. S. (1987). «The Borderline as a Disorder of Self-Regulation». In J. Grotstein *et al* (Ed). *The Borderline Patient. Emerging concepts in diagnosis etiology, psychodynamics, and treatment*. (Vol. I, pp. 347-378). Hillsdale, London: The Analytic Press.

GROTSTEIN, J. S., LANG, J. A. & SOLOMON, M. F. (1987a). «Toward a new understanding of the borderline: Reflections». In J. Grotstein *et al* (Ed). *The Borderline Patient. Emerging concepts in diagnosis etiology, psychodynamics, and treatment*. (Vol. II, pp. 311-318). Hillsdale, London: The Analytic Press.

GROTSTEIN, J. S., LANG, J. A. & SOLOMON, M. F. (1987b). «Convergence and controversy: I. Theory of the borderline». In J. Grotstein *et al* (Ed). *The Borderline Patient. Emerging concepts in diagnosis etiology, psychodynamics, and treatment*. (Vol. I, pp. 385-417). Hillsdale, London: The Analytic Press.

GROTSTEIN, J. S., LANG, J. A. & SOLOMON, M. F. (1987c). «Convergence and controversy: II. Treatment of the borderline». In J. Grotstein *et al* (Ed). *The Borderline Patient. Emerging concepts in diagnosis etiology, psychodynamics, and treatment.* (Vol. II, pp. 261-309). Hillsdale, London: The Analytic Press.

GUNDERSON, J. G. & SINGUER, M. (1986). «Defining borderline patients: an overview». In *Essential papers on borderline disorders: one hundred years at the border.* (pp. 453-474). New York: New York University.

JEAMMET, P. (1989). Les assises narcissiques de la symbolisation, *Revue Française de Psychanalyse*, 6, 1763-1773.

JEAMMET, N. (1996). «Processus de pensée et fonctionnement limite». *Psychologie Clinique et projective*, 2, pp. 293-310.

KAPLAN, H. I. & SADOCK, B. J. (1999). *Tratado de psiquiatria.* Porto Alegre: Artes Médicas (Obra publicada em 1965).

KERNBERG, O. (1975). *Borderline conditions and pathological narcissism.* New York. Aroson.

KERNBERG, O. (1979). *Desórdenes fronterizos y narcisismo patológico.* Barcelona: Editorial Paidós.

KERNBERG, O. (1989). *Psychodynamic psychotherapy of borderline patients.* New York: Basic Books, Inc.

KOUTH, H. (1978). *The analysis of the self.* New York: International Universities Press.

KOUTH, H. (1972). «Thoughts on narcissism and narcissistic rage». In P. Ornstein (Ed.). *The search for the self.* (Volume II, pp. 615-658). New York: International Universities Press.

KOUTH, H. (1977). *The restoration of the self*. New York: International Universities Press.

KWAWER, J. S. (1979). «Borderline phenomena, interpersonal relations, and the Rorschach test». *Bull. Men. Clin.*, 43, pp. 515-524.

LANG, J. A. (1987). «Two contrasting frames of reference for understanding borderline patients: Kernberg and Kohut». In J. Grotstein *et al* (Ed). *The Borderline Patient. Emerging concepts in diagnosis etiology, psychodynamics, and treatment*. (Vol. I, pp. 347-378). Hillsdale, London: The Analytic Press.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. (1990). *Vocabulário da Psicanálise*. (7ª. ed). Lisboa: Editorial Presença.

LERNER, P. K (1991). *Psychoanalytic theory of the Rorschach*. Hillsdale, Nova Iorque & Londres: The Analytic Press.

LERNER, P. K. & LERNER, H. D. (1980). «Rorschach assesment of primitive defenses in borderline personality structure». In J. Kwawer, H. Lerner, P. Lerner & A. Sugarman (Ed). *Borderline phenomena and the Rorschach test*. (pp. 257-274). New York: International Universities Press.

MAHLER, M., S. (1975). *The psychological birth of the human infant*. New Yorck: Basic Books, Inc.

MARQUES, M. E. (1994). «Do desejo de saber ao saber do desejo. Contributos para a caracterização da situação projectiva». *Análise Psicológica*, 12 (4), pp. 431-439.

MARQUES, M. E. (1994a). «Comunicação, interpretação e simbolização no/para o Rorschach». *Análise Psicológica*, 14 (1), pp. 39-44.

MARQUES, M. E. (1999). *A psicologia clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.

MASTERSON, J. F. (1987). «Borderline and narcissistic Disorders: An integrated developmental object-relations approach». In J. Grotstein *et al* (Ed.). *The Borderline Patient. Emerging concepts in diagnosis etiology, psychodynamics, and treatment*. (Vol. I, pp. 205-217). Hillsdale, London: The Analytic Press.

MILLAUD, F. (1998). «Le passage à l'acte: points de repères psychodynamiques». In F. Millaud (Org). *Le passage à l'act. Aspects cliniques et psychodynamiques*. (pp. 15-24). Paris: Masson..

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL de SAÚDE (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10*. Porto Alegre: Artes Médicas.

ROMAN, P. (1996). «Fantasme d'infanticide et constitution du narcissisme primaire. Expression projective au Rorschach e tau TAT». *Psychologie Clinique et projective*, 1, pp. 49-61.

SEGAL, H. (1975). Introdução à obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago Editora, Ltda.

SYMINGTON, J. & SYMINGTON, N. (1999). O pensamento clínico de Wilfred Bion. Lisboa: Climepsi Editores.

SMITH, K. (1980). «Object-relations concepts as applied to the borderline level of ego functioning». In J. Kwawer, H. Lerner, P. Lerner & A. Sugarman (Ed). *Borderline phenomena and the Rorschach test*. (pp. 59-87). New York: International Universities Press.

STEINER, J. (1981). «Perverse relationships between parts of the self: a clinical illustration». *International Journal of Psycho-analysis*, 62, 241-151.

SUGARMAN, A. (1980). «The borderline personallity organization as manifested on psychological tests». In J. Kwawer, H. Lerner, P. Lerner & A. Sugarman (Ed). *Borderline phenomena and the Rorschach test*. (pp. 39-57). New York: International Universities Press.

TARDIF, M. (1998). «Le déterminisme de la carence d'élaboration psychique dans le passage à l'act». In F. Millaud (Org). *Le passage à l'act. Aspects cliniques et psychodynamiques*. (pp. 15-24), Paris: Masson.

TOPLIN, M. (1987). «Injured self-cohesion: Developmental, clinical, and theoretical perspectives». In J. Grotstein *et al* (Ed.). *The Borderline Patient. Emerging concepts in diagnosis etiology, psychodynamics, and treatment*. (Vol. I, pp. 233-249). Hillsdale, London: The Analytic Press.

VIEGAS, J. C. (2000). «O Método Rorschach e a expressão do negativo: A prova da Perturbação Pós-Stress Traumático». *Monografia de fim de curso*. Lisboa: ISPA.

WINNICOTT, D. W. (1971). *Playing and reality*. London: Tavistock Publications Ltd.

ZIMERMAN, E. D. (2004). *Bion da teoria à prática. Uma leitura didáctica*. São Paulo: Artmed Editora S.A.

ANEXO I

Protocolo da Sónia

| | | |
|--|---|---------------|
| Cartão I | | |
| 1-Aqui parecem duas caras. | D Lat. (nariz e boca) | D F+ Hd |
| 2-Aqui umas mãos. Parece uma pessoa. V... | Dd Sup. Med. D Central | D F+ H →Do |
| 3-E aqui pode ser a cara de um animal | D Lat. (contorno) | Dd F+ Ad |
| Cartão II | | |
| 4-Duas pessoas V | D negro | D F+ H |
| 5-Duas caras | D Lat.(contorno negro) | Dd F+ Hd |
| 6-Uma borboleta | D Verm. Inf. | D F+ A |
| Cartão III | | |
| 7-Metade de duas mulheres e metade de dois homens. | Mulheres pelo peito e homens pelo órgão sexual masculino D Cent. Verm. | G K H Ban |
| 8-Um pulmão | D Lat. Verm. - Estão a cair | D FC Anat |
| 9-Dois pássaros V | D Negro Central | D kan A |
| 10-Um insecto | D Negro Superior | D F- A |
| 11-Duas caras | | Do F+ Hd |
| Cartão IV | | |
| 12-Parece um gigante | | G F Clob (H) |
| 13-Uma cara V | D Lat, por causa das orelhas | D F- Hd |
| 14-Um insecto, um lagarto ou qualquer coisa parecida | D Med Inf Ad: Não, é uma larva D F- A | D F+ A |

| | | |
|---|---|----------------------|
| Cartão V | | |
| 15-Pode ser um morcego | | G F+ A Ban |
| 16-Uma cabeça de coelho V | Por causa das orelhas | D F+ Ad |
| 17-Duas caras | Saliência Sup (contorno), boca e nariz | Dd F+ Hd |
| Cartão VI | | |
| 18-Uma cabeça de raposa | D Sup | D F+ Ad |
| 19-O órgão sexual masculino V | D Sup | D F+ Sx |
| 20-Duas caras \wedge e | Contorno D Inf, nariz e boca | Dd F+ Hd |
| Cartão VII | | |
| 21-Duas mulheres V | A olharem uma para a outra | G K H |
| 22-Um insecto \wedge | Dbl | Dbl F- A |
| Cartão VIII | | |
| 23-Dois animais | | D F+ A Ban |
| 24-Um útero V | D Med. | D F- Sx |
| 25-Pode ser um monstro \wedge | Rosa e laranja | D F- (A) |
| 26-Uma borboleta V | D Med. | D F+ A |
| 27-E uma pessoa | Dd Central, braços para cima | Dd Kp H |
| 28-Isto pode ser uma cara, caveira de um animal | Cinza | D F- Anat |
| Cartão IX | | |
| V (...) \wedge | | |
| 29-Pode ser uma cabeça de insecto | Rosa | D F- Ad |
| 30-Duas caras | | |
| 31-Uma cabeça de um animal | Verde, com olhos, nariz e lábios-saliências lat. Dbl | D F- Hd Dbl F- Ad |
| 32-E mais dois monstros | Laranja | D F Clob (A) |

| Cartão X | | |
|---------------------------------------|-------------------------------------|------------|
| 33-Dois animais (...) V | D amarelo | D F- A |
| 34-Uma cabeça de pato | Cinza Sup | D F- Ad |
| 35-E dois monstros | Azul | D F- (A) |
| 36-E depois mais dois outros monstros | Cinza | D F- (A) |
| 37-Uma pessoa Λ | Meio Verde Inf | D F+ H |
| 38-Uma cara de gato | Azul Med, olhos e orelhas e focinho | D bl F- Ad |
| 39-Uma cara de pássaro, mais nada | laranja Med. Olhinhos e bico | D F- Ad |
| 40-Mais dois monstros | Cinza lat. | D F- (A) |

PSICOGRAMA REDUZIDO

| | | | | |
|--------|--------------|-----------|----------|----------|
| R = 40 | G (4) = 10% | F+ = 17 | A = 9 | F% = 83 |
| | D (27) = 68% | F- = 16 | (A) = 5 | F+% = 52 |
| | Dd (5) = 12% | Σ F = 33 | Ad = 8 | |
| | Dbl (3) = 8% | FC = 1 | H = 6 | A% = 55 |
| | Do (1) = 2% | FClob = 2 | (H) = 1 | H% = 35 |
| | | K = 2 | Hd = 7 | |
| | | Kan = 1 | Anat = 2 | Ban = 3 |
| | | Kp = 1 | Sexo = 2 | |

ANEXO II

Protocolo da Helena

| | | |
|--|--|---------------|
| Cartão I | | |
| 1-Bm, isto parece-me um morcego, pareceu-me, com estas coisitas, pareceu-me um morcego. | Dd Sup | G FClob A Ban |
| 2-Também..., não, mas as borboletas não são assim, as borboletas são mais redondinhas. Os morcegos é que são repelentes! As borboletas não, têm uma configuração mais bonita. | | G F+ A |
| Cartão II | | |
| 3-Isto parece-me daquelas lutas chinesas, uma luta chinesa qualquer. Não é daqueles muito gordos..., não sei o nome das lutas, parece-me pela fisionomia das caras e os pés levantados. Devem estar a fazer o cumprimento do final ou do princípio da luta. Não sei se é... (ri)... São esquisitos.... | A cumprimentarem-se no início ou no final da luta (junta as suas mãos e faz o gesto de cumprimento). Aqui uma das pernas (Negro inf. Com Verm.) | D K H |
| Cartão III | | |
| 4-Duas senhoras que estão a cozinhar, pronto, tipo africanas, daquelas panelas que elas têm, e ao mesmo tempo a conversar. Isto são os seios. Vê-se que há uma separação, cada uma está a cozinhar para a sua família, mas estão em comunidade. | O milho no pilão, juntas a cantar, a alegria. Não é como cá – cada um a cozinhar para seu lado. | G K H Ban |
| Cartão IV | | |
| 5-(Caretas) Meu Deus! O que é que isto me parece?! Parece-me um monstro! Não estou a ver mais nada aqui... | O monstro, que horror!... (afasta o cartão). Ou um espírito, mas um espírito mau, porque o bom não é assim. Porque há espíritos bons, maus, brincalhões. Este é mau, pela maneira de estar, pesante! | G FClob (A) |

| | | |
|---|---|-------------------|
| <p style="text-align: center;">Cartão V</p> <p>6-Esta já tem ar de borboleta! É esquisito porque as borboletas não têm estas coisas aqui, as borboletas são certinhas, têm contornos mais lineares</p> | <p>D lat. (extremo asas). Apesar de os contornos não serem..., mas há borboletas que são..., na natureza há coisas de que agente nem se apercebe!...</p> | <p>G F+ A Ban</p> |
| <p style="text-align: center;">Cartão VI</p> <p>7-(Caretas) Isto é visto assim \wedge, ou assim \vee? Coisa esquisita! ... \vee Assim, a ver o que é que isto dá!..... Assim dá uma raia ou lá o que é, aqueles peixes do fundo do mar, mas mais redondinhos, com a cauda muito comprida e electrizante, que se escondem debaixo da areia para a presa não as ver. Isto parece-me os olhos que é para ver a presa aproximar-se, eles agarram a presa e esta não pode escapar. Isto desta posição \vee, da outra não. Têm dois dentes. Estes contornos é que não é muito, são mais redondinhos, este nasceu deformado! (ri) Estou a brincar!</p> | <p>Refere D lat</p> <p>Dd Inf.</p> <p>Dd Inf.</p> <p>D lat</p> <p>Há a raia e outros peixes do género, há tubarões assim deste género também perigosos. E esta cauda (D Sup) é electrizante, e o outro peixe não tem hipótese. Dois olhos e aqui os dois dentes, mandíbulas para agarrar a presa.</p> | <p>G F- A</p> |
| <p style="text-align: center;">Cartão VII</p> <p>8-Ai... que coisa esquisita, meu Deus! \vee Assim, desta posição, parece-me uma gruta, em que a... por aqui, vá lá, poderia passar, aberta poderá passar pessoas para ir investigar a gruta. Da outra posição não vejo nada. Se calhar estou a ver os desenhos todos ao contrário! (ri)</p> | <p>Meio 3º terço - Há uma passagem para o meio da gruta (Dbl)</p> | <p>Gbl F- Nat</p> |

| | | |
|---|---|--------------------------------------|
| <p style="text-align: center;">Cartão VIII</p> <p>VΛ</p> <p>9-Isto parece-me uma montanha em que vai entrar um vulcão em irrupção, a lava. E agora não me estou a lembrar do nome, tecnicamente tem um nome próprio, está em espécie de erupção que vai sair precisamente por este filamento e vai cair lava por esta montanha.... (ia entregar o cartão)</p> <p>10-Também tem aqui outra coisa, parecem-me uns animais, que é a lava que vai provocar a catástrofe, é o perigo, os animais fazem sentir o perigo que vai acontecer ao planeta... Porque parece que são duas feras.</p> | <p>Eixo central: a lava saía precisamente por este orifício</p> <p>Dois animais (rosa) a simbolizar que o planeta terra é tão frágil que isto pode ir tudo pelos ares. Porque isto parece-me leões ou tigres, mais tigres que é um animal mais ameaçador. O leão só ataca quando teme, o tigre é mais complicado!</p> | <p>D kob Nat</p> <p>D F+ A (Ban)</p> |
| <p style="text-align: center;">Cartão IX</p> <p>11-Esquisito!... V... Λ...V... Olhe esta faz-me lembrar, virando assim, portanto isto seria a relva e um lago que está por baixo, e a água, um repuxo, e o perigo que está por baixo que é o perigo da lava que está por baixo e que pode entrar em irrupção a qualquer momento. A água e canalização, a lava, apesar de ser azul clara, e o perigo da lava que está por baixo de terra, que é o perigo da catástrofe que poderá entrar, ou não.</p> | <p>Um lago (Dbl) com uma relva (verde) à volta, falta aqui terra para sustentar a relva, e isto seria um repuxo que se pode pôr com cores (rosa), e aqui a lava em actividade (laranja).</p> | <p>Dbl/GkobCNat/EI em</p> |

| | | |
|---|---|---------------|
| Cartão X | | |
| <p>Se calhar é a mais difícil e complicada!</p> <p>12-Isto para mim parece-me a auto-destruição do planeta, da terra, em que há outros planetas, em que já estão habitados por outros humanos que será este cinzento, que já estão a fazer construções – eu leio muito sobre isso – o céu azul, e isto será o fim do mundo que é fogo, que as outras plantas irão todas morrer. Aliás, aqui vê-se já, no outro tipo de planeta a quererem nascer plantas, a quererem pôr verdura no outro planeta</p> | <p>D sup.</p> <p>Destruição do mundo, já teríamos descoberto outros mundos (cinza) avançados e a habitar outros planetas.</p> | D/G kobC Expl |

PSICOGRAMA REDUZIDO

| | | | | |
|--------|--|---|---|--|
| R = 12 | <p>G + bl (9) = 75%</p> <p>D (3) = 25%</p> | <p>F+ = 3</p> <p>F- = 2</p> <p>Σ F = 5</p> <p>FClob = 2</p> <p>K = 2</p> <p>kob = 1</p> <p>kobC = 2</p> | <p>A = 5</p> <p>(A) = 1</p> <p>H = 2</p> <p>Nat = 3</p> <p>Expl = 1</p> | <p>F% = 42</p> <p>F%a = 75</p> <p>F+% = 60</p> <p>F+%a = 77</p> <p>A% = 50</p> <p>H% = 16</p> <p>Ban = 4</p> |
|--------|--|---|---|--|

ANEXO III

Protocolo do Luís

| | | |
|---|--|---|
| <p>Cartão I</p> <p>1-A primeira ideia que eu tenho logo é o conjunto dos ossos da bacia. Um esqueletozinho parcial. V</p> <p>2-Assim é diferente, a sensação de uma cabeça de um besouro em grande ampliação, de um insecto.</p> <p>3-Assim passo a ter a imagem positiva/negativa da China, daquelas águas calmas dos rios da China. V</p> <p>É engraçado porque eu costumo fazer isto, por vezes para treinar a imaginação tento formar imagens em sombras...</p> | <p>Vê-se aqui as antenas (Dd)</p> <p>O positivo do negativo, pelas sombras, como se fosse a lua. Escuro. Aqui temos árvores (Dd lat Inf), está a ver. É o reflexo na água.</p> | <p>Gbl F+ Anat</p> <p>G F- Ad</p> <p>Gbl EF Geo</p> |
| <p>Cartão II</p> <p>4-Um gatinho, com os olhos, focinho, como se estivesse com as duas patas juntas à frente. V</p> <p>5-Assim seria um avião, aviãozinho no ar, com uma forma estranha.</p> <p>6-Aqui uma formazinha de insecto</p> | <p>Olhos (Verm. Sup). Focinho e nariz (D Central), as bochechas (Ddbl). Dbl</p> <p>Verm. Inf.</p> | <p>Gbl F- A</p> <p>Dbl kob Obj</p> <p>D F- A</p> |
| <p>Cartão III</p> <p>7-É interessante, duas formazinhas agarradas a uma peça de uma mesa de oleiro, dois corpos juntos a uma mesa de oleiro.</p> <p>8-Aqui V duas bailarinas, em posição de par ordenado de</p> | <p>V Os braços (D Negro lat.), com as cabeças próximas, como se estivessem curvadas com a cabeça (D Negro Med) e os braços para baixo, com movimentos coordenados.</p> | <p>G K H (Ban)</p> <p>D K H</p> |

| | | |
|---|--|--|
| <p style="text-align: center;">Cartão IV</p> <p>9-Parece-me uma pele de urso mal esticada para curtir.</p> <p>10-V Também uma pele seca daquelas que se usavam na idade média.</p> <p>11-E assim < continuo a tomar a linha central de simetria como um horizonte, como uma paisagem e que os claros/escuros se reflectem na água a servir de espelho.</p> | <p>Pele esticada para secar. É giro como está rasgada em alguns sítios, sendo pintada arbitrariamente, mas ficou...</p> <p>Tem uma paisagem com árvores (recorte). Gosto muito da água, muito mesmo. Mas, também da natureza menos tranquila, a água forte contra os penhascos, lembra-nos de como somos pequenos.</p> | <p>G FE A Ban</p> <p>G EF A</p> <p>G EF Pais</p> |
| <p style="text-align: center;">Cartão V</p> <p>12-Um morcego numa posição com as asas um pouco abertas anormalmente. Mas um morcego.</p> <p>13-V Assim uma borboleta. < Assim nada de especial.</p> <p>∧ Um morcegozinho e uma borboleta.</p> | | <p>G F+ A Ban</p> <p>G F+ A</p> |
| <p style="text-align: center;">Cartão VI</p> <p>14-V Dá-me a sensação de qualquer coisa pendurada, de uma cruz incompleta,</p> <p>15-com uma pele a cobrir,</p> <p>16-ou um cabide enterrado na terra.</p> <p>17-E aqui assim, um ornamento de cabeça de um pássaro qualquer.</p> | <p>D Sup - Tem as penas.</p> | <p>D F- Obj</p> <p>D F+ A</p> <p>G F- Obj</p> <p>D F- Ad</p> |

| | | |
|---|--|--|
| <p style="text-align: center;">Cartão VII</p> <p>V < Estranho que à medida que as formas se vão abrindo, vou tendo dificuldade em ver a forma...</p> <p>18-^ A primeira imagem é um conjunto de crianças simétricas a falarem uma com a outra, com a trança puxada para cima. V < V Mais nada.</p> <p>19-Talvez dois gatos, bastante estilizados, mas dois gatos.</p> | <p>1º terço</p> <p>2º terço Cabeça, cauda.</p> | <p>D K H</p> <p>D F+ A</p> |
| <p style="text-align: center;">Cartão VIII</p> <p>20-Isto parece uma forma de esqueleto de um animal, pode ser por exemplo de um gorila, em que cada uma das peças está representada pelas várias cores.</p> <p>21-< Peça heráldica: um mapa (rosa e laranja), dois animais laterais (rosa) e um conjunto de armas aqui (verde), como nos brasões, armas antigas.</p> <p>< De lado nada de especial.</p> <p>^ A primeira imagem: o esqueleto da cabeça.</p> | <p>Um brasão</p> <p>De um urso, de um felino qualquer.</p> | <p>Gbl F- Anat.</p> <p>Gbl F+/- Obj</p> |
| <p style="text-align: center;">Cartão IX</p> <p>22- A mesma sensação do primeiro, do esqueleto, da bacia do corpo humano.</p> <p>23-Ao mesmo tempo duas formas marinhas, lembra as pinças de um caranguejo ou lavagante.</p> <p>24-√ A imagem de um insecto, de um louva-a-deus com a cabeça vermelha que ressalta do resto, com as patinhas.</p> | <p>Verde</p> <p>Laranja</p> <p>Rosa - Os olhos, as pinças (laranja).</p> | <p>D F- Anat</p> <p>D FC A</p> <p>G F- A</p> |

| Cartão X | | |
|--|--|------------|
| 25-< V \wedge Aqui uma série de pássaros na água, e empoleirados | Azul lat | D Kan A |
| 26- num ramo de árvore. A água em baixo. | Verde lat sup - Água pelo reflexo. | D CF Bot |
| 27-Um outro pássaro em baixo, mais uma vez num processo espelhado. V Ao contrário, segundas interpretações... | Amarelo e cinza lat. Simetria | D F- A |
| 28-Aqui uma forma curiosa, uma cabeça de cão, é mais importante a ausência de cor do que a cor. | Dbl (entre azul lat. e cinza) | Dbl F- Ad |
| 29-Uma traqueia. | Cinza Sup. (eixo) | D F+ Anat |
| 30-E duas manchinhas que me fazem lembrar o fogo de artifício, que é uma coisa que sempre gostei muito. | Cinza Sup. e azul Sup. | D kob Fogo |
| 31-Uma cabeça de hipocampo, O chamado cavalo-marinho. | | D F+ A |
| | Azul e verde. Dois em cada, quatro cavalos-marinhos. | |

PSICOGRAMA REDUZIDO

| | | | | |
|--------|--------------------|-----------------|----------|-----------|
| R = 31 | G + Gbl (14) = 45% | F+ = 7 | A = 16 | F% = 61 |
| | D + Dbl (17) = 55% | F- = 11 | Ad = 2 | F%a = 81 |
| | | F± = 1 | H = 3 | F+% = 39 |
| | | $\Sigma F = 19$ | | F+a% = 45 |
| | | FC = 2 | Bot = 1 | A% = 53 |
| | | FE = 1 | Geo = 1 | H% = 9 |
| | | EF = 3 | Pais = 1 | |
| | | K = 3 | Anat = 3 | |
| | | | Obj = 4 | Ban = 2 |
| | | | Fogo = 1 | |
| | | Kan = 1 | | |
| | | Kob = 2 | | |

ANEXO IV

Protocolo do Manuel

| | | |
|--|--|--------------------------------|
| <p>Cartão I</p> <p>1-Uma borboleta assim em estado de decomposição (ri)...</p> | <p>Espalmada</p> | <p>G F+ A (Ban)</p> |
| <p>Cartão II</p> <p>2-Fogo, o que é isto?!... Sinceramente... (pega no cartão, aproximando-o)... O que é que se pode chamar a isto?... Pode parecer parte de um cérebro cortado, ou a coluna, os ossinhos... Pode não ser humano, de um animal... (arruma o cartão)</p> | <p>Como a espinha dos peixes, com esta parte aqui (Dbl)</p> | <p>D bl F- Anat</p> |
| <p>Cartão III</p> <p>3-... Isto inevitavelmente parecem duas pessoas, não é? (mostra o cartão ao clínico)</p> | <p>Duas pessoas numa actividade qualquer.... Sei lá, isto pode simbolizar qualquer coisa de sentimental, isto aqui (Verm Med).</p> | <p>G K H Ban</p> |
| <p>Cartão IV</p> <p>4-... (ri)...Isto é o escalpe de um animal, tanto pode ser de um urso como de uma doninha, portanto é muito relativo.</p> | <p>Esta parte detrás mais larga (D lat. Inf.), aqui as patas detrás (D lat. Sup), a cabeça (D Sup) e o rabo (D Med. Inf.)</p> | <p>G F+ Ad</p> |
| <p>Cartão V</p> <p>(ri)... Não tinha bonecos mais simples? É complicado!...</p> <p>5- Como é que eu vou definir isto... Tanto pode ser um caracol...</p> <p>6-Como um animal pré-histórico, não consigo... não é fácil ... Podia dizer aqui atrás (vira o cartão)...</p> | <p>Só a parte da cabeça (D Sup Med).</p> <p>V Mesmo tentando visualizar isso fechado... não sei... tinta dobrada ao meio...</p> | <p>D F+ Ad</p> <p>G F- (A)</p> |

| | | |
|--|--|--|
| <p>Cartão VI</p> <p>São todas parecidas, não tem razão de ser!... (ri) Nossa senhora!... Isto não tem semelhança com nada, sabe?... Não tem semelhança com nada que possa estar na minha mente...< Não encontro lógica para isto... V...</p> | <p>RA: < Assim o reflexo, sei lá, de uma paisagem, o reflexo num lago... Continua a faltar aqui água (branco junto a D Sup). D EF Nat</p> | <p>Recusa</p> |
| <p>Cartão VII</p> <p>Quanto mais para baixo mais complicado!... (ri)...</p> <p>7-Isto vai-se dar o nome de... aparentemente isto tem a ver com equilíbrio, que se vê no circo os equilibristas... vamos apontar para aí... ... Se tivesse tirado o curso de pintura teria chegado com mais facilidade!...</p> | <p>Situação de equilíbrio que não terá de ser pessoas, pode ser de arte, escultura.</p> | <p>G F+/- Arte</p> |
| <p>Cartão VIII</p> <p>8-... Olhe isto é assim, pode-me dar duas ideias, desde uma escultura índia com aquelas coisas que vemos nos filmes.</p> <p>9-Mas também pode ser, vendo que estão ali dois animais, têm quatro patas, que parecem estar a tentar sair do</p> <p>10-Fogo, tem aqui uma cor mais fresca, sei lá, para se tentarem salvar.</p> | <p>Situação de aflição, tentativa de salvação, de fuga, de uma situação crítica a uma melhor.</p> <p>Aparentemente os animais, ou aparentemente animais, podem ser pessoas ou o próprio pensamento, sair da fossa.</p> | <p>G CF Arte</p> <p>D Kan+ A Ban</p> <p>D kob fogo</p> |

| | | |
|--|---|--|
| <p style="text-align: center;">Cartão IX</p> <p>11-...V...^.....Vamos pôr aqui, eventualmente, de certeza que não tem a ver com isso, mas o detonar de uma bomba, sei lá.... com várias cores de fogo...</p> | <p>Despoletar de uma bomba em que as cores se traduzem, as chamas têm várias cores... aqui a floração, mar (rosa) e depois.... Tanto de uma forma V como de outra (^), pelas formas parece mais o rebentamento, como bomba de Hiroxima, rebentamento.</p> | <p style="text-align: center;">G kobC Explosão</p> |
| <p style="text-align: center;">Cartão X</p> <p>12-... (ri) Isto, depois de ter passado por aquilo tudo, isto é o fim da festa! Deve ser para completar, como tem mais cores, mais aberturas. Um fogo de artifício, por aí.</p> | <p>Fogo de artifício (pega no cartão VIII), como é a última fogo de artifício. Aqui (aponta VIII) fugir de uma situação de aflição, ambas têm um acabamento celestial (cinzas Sup), o que pela minha análise demonstra que é um final feliz.</p> | <p style="text-align: center;">G kobC Fogo/ Art.</p> |

PSICOGRAMA REDUZIDO

| | | | | |
|---|---------------------------------------|---|--|--|
| <p>R = 12</p> <p>Recusa = 1 (CVI)</p> | <p>G (8) = 67%</p> <p>D (4) = 33%</p> | <p>F+ = 3</p> <p>F- = 2</p> <p>F± = 1</p> <p>Σ F = 6</p> <p>CF = 1</p> <p>K = 1</p> <p>kan = 2</p> <p>kob = 3</p> | <p>A = 4</p> <p>(A) = 1</p> <p>H = 1</p> <p>Anat = 1</p> <p>Arte = 3</p> <p>Expl = 1</p> <p>Fogo = 1</p> | <p>F% = 50</p> <p>F+% = 58</p> <p>A% = 42</p> <p>H% = 8</p> <p>Ban = 3</p> |
|---|---------------------------------------|---|--|--|